

Orientação

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento do presente Relatório de Estágio, comprometeu uma partilha harmoniosa de experiências e conhecimentos por parte de todos/as os/as intervenientes do processo formativo. Desta forma, é impossível redigir o mesmo sem antes agradecer a inesgotável generosidade e apoio de algumas pessoas, sem as quais este trabalho não teria sido exequível.

À supervisora institucional da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, Mestre Susana Tavares, pelas provocações saudáveis desenvolvidas ao longo das reflexões tecidas através de comentários e críticas construtivas e pela confiança depositada nas capacidades da formanda, criando desta forma, uma relação caracterizada pelo incentivo e pela sensibilidade recíproca.

À professora cooperante Lúcia Rocha, pela disponibilidade e amabilidade de acolher da melhor forma possível, pela troca de experiências e conhecimentos fruto advindo dos anos de experiência, pela amizade que foi sendo cultivada ao longo dos quatro meses e pelo incansável apoio na realização nas atividades.

Agradeço também ao meu par pedagógico e amiga Marisa Ferreira pois sem ela, o processo de formação não teria sido tão enriquecedor. A sua amizade imprescindível levou a que problemas fossem ultrapassados de mãos dadas sendo nós uma só, pelo encorajamento demonstrado dia após dia e pelas longas horas aprazíveis de trabalho e dialogicidade.

À turma 3.º H da Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha pela contante partilha de sentimentos, conhecimentos e experiências, que proporcionou uma evolução profissional e pessoal da estagiária e pelos abraços e demonstrações de carinho singulares.

À direção e comunidade educativa do Agrupamento Inter Municipal de Escolas de Pedrouços e da instituição de estágio, por receber futuras profissionais de uma forma tão generosa e amável e pela constante disponibilidade e apoio na prática educativa desenvolvida.

À família e amigos que me apoiaram incondicionalmente, em particular aos meus pais Manuel Araújo e Madalena Moreira pelos ensinamentos de perseverança, à minha madrinha e professora Manuela Araújo pelas longas conversas e partilha de experiências, às minhas amigas Filipa Moreira, Catarina Rangel e Mariana Teixeira pelos incentivos demonstrados dia após dia e pelo encorajamento à prossecução de atividades.

Ao meu namorado Nuno Sousa, pela compreensão infinita face às minhas ausências, pela instigação devido às minhas fragilidades e pelas horas de trabalho em conjunto, demonstrando assim toda a sua confiança e creditação em mim.

Aos demais intervenientes educativos, adultos e crianças, que têm passado pela minha vida que de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal, levando-me a encarar cada novo dia como um desafio.

DEDICATÓRIA

À turma do 3.º H da Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha

À minha amiga Marisa Ferreira

À minha família

Ao meu namorado Nuno Sousa

RESUMO

O presente Relatório de Estágio tem como intencionalidade formativa demonstrar através do exercício sistemático da reflexão sobre, na e para a ação, a mobilização de conhecimentos científicos, pedagógicos, culturais, didáticos e investigativos nas práticas pedagógicas em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico durante o período de intervenção educativa desenvolvido na Escola Básica Professor Marques dos Santos, na sala N.º4 com crianças na faixa etária dos três anos e da Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha, na turma do 3.º H. Pretende-se simultaneamente, analisar as ações observadas e desenvolvidas pela própria mestranda como pelo seu par pedagógico, pela professora cooperante e também por outros intervenientes (outros/as professores/as, educadores/as e estagiárias), à luz de referenciais teóricos e legais que regulam e regem a profissionalidade docente.

Infere-se igualmente, problematizar de forma organizada e contínua teorias, práticas, recursos educativos e os referidos contextos escolares, uma vez que compromete o desenvolvimento de práticas diferenciadas, pensadas e acionadas em contextos de pura singularidade, complexidade e incerteza. Nesta perspetiva, a diferenciação pedagógica atende à diversidade e à inclusão, refletindo-se num processo harmonioso de ações investigativas e indagatórias que serão igualmente alvo de explanação e fundamentação no presente relatório.

Simultaneamente, importa neste documento invocar, caracterizar e refletir o papel crucial que o/a profissional educativo/a assume enquanto principal propulsor/a do desenvolvimento holístico do/a criança-aluno/a, tornando-o/a num/a cidadão/ã consciente, ativo/a, livre, autónomo/a, responsável e consciente, numa sociedade mutável à velocidade luz.

Palavras-Chave: Reflexão sobre, na e para a ação; Pedagogia diferenciada; Ações investigativas e indagatórias; docência.

ABSTRACT

The objective of this Professional Teaching Qualification Report, regarding to the Primary School teaching is to demonstrate through systematic meditation the mobilization of scientific, pedagogical, cultural, didactic and inquisitive knowledge in pedagogical practices, in the context of Primary School Education, during the pedagogical interventional period, developed in Escola Básica Professor Marques dos Santos, in the room number 4, embracing children with three years old, and the class H from the 3rd grade of Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha. It is also intended to analyze the actions were developed and observed by the student, as by her pedagogical partner, the cooperating teacher and, also, other interveners involved (other teachers and other trainees), in light of theoretical and legal referential that regulate and govern the teaching professionalism.

It is also inferred to problematize in an organized and continuous manner, theories, practices, educational resources and the related school context, since it compromises the development of differentiated practices, designed and implemented in the context of pure uniqueness, complexity and uncertainty. In this perspective, the pedagogical differentiation attends to diversity and inclusion, being reflected in a harmonious process of investigative and inquisitive actions, which will also be target for explanation and justification in this report.

Simultaneously, it is important to invoke, to characterize and to reflect the crucial role the educative professional takes on as main propellant of the child/student holistic development, turning him into a conscious, active, free, autonomous, responsible and aware citizen, in a light speed changeable society.

Key-words: Reflection about, on and for the action; Differentiated pedagogy; Investigative and inquisitive actions; teaching.

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS	II
ÍNDICE DE FIGURAS	III
LISTA DE ANEXOS	IV
LISTA DE ABREVIACÕES	VI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	5
ENQUADRAMENTO TEÓRICO-LEGAL E CONCETUAL	5
CAPÍTULO 2	23
CARACTERIZAÇÃO GERAL DA INSTITUIÇÃO DE ESTÁGIO	23
1.1. Caracterização do Meio Envolvente	23
1.2. Caracterização do Agrupamento de Educação e Ensino	25
1.3. Caracterização do Estabelecimento de Educação e de Ensino	28
1.4. Caracterização da Turma	32
CAPÍTULO 3	35
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DOS RESULTADOS OBTIDOS E APRESENTAÇÃO DE EVENTUAIS PROPOSTAS DE TRANSFORMAÇÃO	35
REFLEXÃO FINAL	69
REFERÊNCIAS	85
Referências Bibliográficas	85
Documentação Legal e Outros Documentos Orientadores	89
ANEXOS	95

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Disposição da sala de aula	40
Quadro 2. Número de Atividades Pedagógicas desenvolvidas de acordo com a gestão do grupo	83

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Concelho de Gondomar	23
Figura 2. Painel de azulejos da batalha em 824	24
Figura 3. Escola Básica do 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha	29
Figura 4. Biblioteca	30
Figura 5. Utilização de materiais diversificados – MAB	39
Figura 6. Janelas com grades	40
Figura 7. Lanche pouco saudável	41
Figura 8. Alimento com chocolate	41
Figura 9. Relógio de plástico	47
Figura 10. Recurso aluno NEE – Mapa de Portugal	49
Figura 11. Criação de fantoches (1)	53
Figura 12. Criação de fantoches (2)	53
Figura 13. Reta numérica sobre a evolução dos meios de transporte e comunicação	56
Figura 14. Tabelas das alturas dos/as alunos/as	57
Figura 15. Dobragem de Origami	59
Figura 16. Origami Rosácea	60
Figura 17. Instrumento musical – Viola	62
Figura 18. Apresentação da música “Ser cidadão”	63
Figura 19. Sabonetes decorados	64
Figura 20. Aluno NEE a recortar	66

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

ANEXO 2 – RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Anexo 2 - Tipo A (Impressos)

Anexo 2AI – Guião de Observação – Lista de Verificação	95
Anexo 2AII – Guião de Observação – Semiaberto	96
Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)	99
Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)	105
Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)	112
Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)	120
Anexo 2AVII – Planificação Diária (24-10-2013)	127
Anexo AVIII – 1.º Guião de Pré-Observação	131
Anexo 2AIX – Planificação Diária (31-10-2013)	133
Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)	137
Anexo 2AXI- 2.º Guião de Pré-Observação	143
Anexo 2AXII – Planificação Diária (14-11-2013)	146
Anexo 2AXIII – Recurso – Ficha de matemática	150
Anexo 2AXIV – Planificação Diária (15-11-2013)	153
Anexo 2AXV – 3.º Guião de Pré-Observação	158
Anexo 2AXVI – Recurso – Texto “A Caixinha dos Beijinhos”	161
Anexo 2AXVII – Recurso – Texto “Tempo de Natal”	162
Anexo 2AXVIII – Recurso – Música “Ser cidadão”	165

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)	167
Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal	175
Anexo 2AXXI – Grelha de Avaliação da Participação Oral	181
Anexo 2AXXII – Grelha de Avaliação da Produção Escrita	182

Anexo 2 – Tipo B (Suporte Digital)

Anexo 2BI – Reflexões Mensais

Anexo 2BII – Narrativa Colaborativa

Anexo 2BIII – Planificações

Anexo ABIV – Documentação Fotográfica

LISTA DE ABREVIações

- 1.º CEB** – 1.º Ciclo do Ensino Básico
- AEC's** – Atividades de Enriquecimento Curricular
- ATL** – Atividades de Tempos Livres
- CAF** – Componente de Apoio à Família
- CRI** – Centro de Recursos para a Inclusão
- CR TIC** – Centro de Recursos de Tecnologias da Informação e Comunicação
- DL** – Decreto-Lei
- ESE/IPP** – Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto
- JI** – Jardim de Infância
- MAB** – Material Multi-básico
- NEE** – Necessidades Educativas Especiais
- OT** – Orientação Tutorial
- PEI** – Programa Educativo Individual
- PT** – Plano de Turma
- PMG** – Plano de Melhoria Gradual
- S** - Seminário
- SAF** – Serviços de Apoio Familiar
- TEIP** – Território de Educação e Intervenção Prioritária
- TIC** – Tecnologias da Informação e da Comunicação
- UC** – Unidade Curricular
- UEEA** – Unidade de Ensino Estruturado de Autismo
- UIEM** – Unidade de Intervenção Especializada de Multideficiência

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular (UC) Prática Pedagógica Supervisionada em Contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, que integra o plano de estudos do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, faz parte das metodologias de trabalho desenvolver na tipologia Orientação Tutorial (OT) e de Seminário (S), a construção do presente Relatório de Estágio.

Nesta perspetiva e segundo o que se encontra preconizado na Ficha Curricular (2013) da respetiva UC, o estágio e a frequência às aulas comprometem a conceção de competências a serem desenvolvidas, a destacar: i) mobilizar e articular saberes científicos, pedagógicos, didáticos, culturais e de investigação nas práticas pedagógicas e na conceção, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos e curriculares; ii) problematizar teorias, práticas pedagógicas, recursos educativos e contextos para um agir consciente nos contextos educativos sustentados em estratégias de observação-ação e na reflexão reguladora sistemática sobre os contextos, processos de aprendizagens dos/as alunos/as; iii) mobilizar conhecimentos adquiridos na resolução de problemas em contexto educativo e no desenvolvimento de teorias sobre a prática assumindo uma atitude profissional crítico-reflexiva, investigativa e empreendedora; iv) planificar, avaliar a ação educativa de forma adequada ao desenvolvimento de aprendizagens integradas dos/as alunos/as e compreender fatores inibidores e propulsores do sucesso educativo; v) fomentar o desenvolvimento de relações positivas com os/as alunos/as para promover segurança afectiva e predisposição para as aprendizagens; vi) compreender o papel do/a professor/a na era do conhecimento, do digital e do global; vii) desenvolver estratégias de diferenciação pedagógica que atendem à diversidade e à inclusão. Desta forma, no decorrer da redação dos vários capítulos que

contemplam o presente relatório, as competências acima mencionadas serão explanadas, à medida que serão descritas, analisadas e problematizadas à luz de referenciais teóricos.

Assim sendo e tendo em conta que com a detenção do diploma através do referido mestrado que certifica a formação profissional nas valências de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB), a mestranda desenvolveu a sua prática profissional nos dois contextos respetivamente, com 210 horas de contacto num total de cinco horas diárias, em cada nível de educação. Deste modo, no 2.º semestre do plano de estudos, entre o período de 20 de fevereiro a 14 de junho de 2013, na Escola Básica Professor Doutor Marques dos Santos, situada no concelho de Vila Nova de Gaia, o par pedagógico desenvolveu a sua prática pedagógica na vertente de Educação Pré-Escolar na sala N.º 4 com crianças na faixa etária dos 3 anos. Após o desenvolvimento de práticas educativas reflexivas e inclusivas no referido contexto, foi elaborado pela mestranda um Relatório de Estágio em Educação Pré-escolar, por sua vez já analisado e avaliado por instâncias superiores (cf. Anexo 1)

Conquanto, no 3.º e último semestre, o par de estagiárias desenvolveu a sua prática profissional na valência de educação do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Básica de 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha, pertencente à freguesia de Rio Tinto, concelho de Gondomar, na turma H do 3.º ano de escolaridade.

Neste sentido, o presente relatório e consequentemente a sua redação implica uma organização da informação segundo a definição de capítulos seguindo desta forma, uma sequência lógica.

Nesse sentido, o Capítulo 1 intitulado por *Enquadramento Teórico-Legal e Concetual*, centra-se na abordagem aos conteúdos fundamentais para a construção de um quadro concetual e metodológico que sustente e fundamente as ações ocorridas ao longo do estágio em contexto de 1.º Ciclo.

O Capítulo 2 designado por *Caracterização Geral da Instituição de Estágio*, contempla desta forma, uma caracterização do meio envolvente, do agrupamento e da escola onde decorreu o estágio e ainda, uma

caracterização da turma do 3.º H, destacando os elementos cruciais associados à especificidade do contexto, tais como, recursos, política(s) educativa(s), processos logísticos, entre outros.

Por sua vez, o Capítulo 3 denominado por *Descrição e Análise das Atividades Desenvolvidas e dos Resultados Obtidos e Apresentação de Eventuais Propostas de Transformação*, tem lugar a constante problematização através da análise crítica e reflexiva das práticas educativas observadas e desenvolvidas no decurso da intervenção pedagógica.

De seguida, emerge o Capítulo referente a uma *Reflexão Final*, que engloba num processo de análise a explanação do contributo da prática pedagógica para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais de forma fundamentada, reflexiva, integrada e autonomizante que visa a construção do perfil profissional.

Por fim, posterior à enunciação das Referências Bibliográficas, da Documentação Legal e outros Documentos Orientadores, consultados e analisados fundamentais para a sustentação e fundamentação dos conceitos referidos ao longo do Relatório, surge a lista de Anexos, subdividida. Em primeiro lugar surgem os Anexos 2 Tipo A (impressos) que faculta a sua consulta à medida que o presente relatório é analisado e consultado, posteriormente, os Anexos 2 Tipo B (suporte digital) que incluem os restantes documentos construídos pelas estagiárias tais como: reflexões mensais, narrativa colaborativa, planificações e documentação fotográfica.

É de realçar simultaneamente, que o presente Relatório de Estágio consigna de forma articulada a construção colaborativa de saberes através de uma perspetiva construtivista, percecionada pela observação sistemática dos processos de ensino e de aprendizagem, sendo por isso desenvolvido em díades de estagiárias.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-LEGAL E CONCETUAL

Certamente que, numa época de transformações como a atual crise que afeta os múltiplos aspetos da vida, passando desde os aspetos materiais e concretos aos mais ideais e abstratos como os valores e atitudes, a Educação e os temas relacionados com a mesma, imperem que sejam analisados, criticados e questionados por diferentes perspetivas e posições. A transição gradualmente registada entre épocas histórias acarreta, tal como defende Ambrósio, Terrén, Hameline & Barroso (2001) “um novo contrato social para a Educação” sendo esta causa defendida pelos mesmos autores, mobilizadora de uma utopia a prosseguir e conseqüentemente, situar-se na base da reflexão sobre a Educação que existe, que os/as profissionais desenvolvem e que a sociedade exige (Ambrósio, *et al.*, 2001, p.7). Tomando a ideia anterior, e após a enunciação das competências exigidas a um/a profissional educativo/a, torna-se peremptório, neste capítulo inicial explanar as mesmas, recorrendo a referenciais teóricos e legais que regem e regulam a prática educativa, sendo estes comuns a todos/as os/as profissionais de Educação certificados/as para a Educação Pré-Escolar e o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB).

Desta forma evidencia-se igualmente as exigências cruciais para uma organização da prática, problematizando-a num mesmo tempo e espaço nas suas múltiplas ascensões. Importa alocar simultaneamente, que a responsabilização da ação docente não se resume apenas ao conhecimento dos mesmos documentos, como também ordena a sua análise crítica pois, são encarados como linhas orientadoras da prática pedagógica desenvolvida num palco profissional espelhado numa coerência teórico-prática.

Em primeiro lugar, surge a necessidade de evocar qual ou quais os contextos físicos onde a prática pedagógica se desenvolve ao mesmo tempo, que exige o (re)conhecimento progressivo dos principais sujeitos da ação transitiva e multidirecional, a destacar: o/a aluno/a e o/a professor/a.

Perante o exposto é de referir que a Educação segundo Debesse & Mialaret (1974)

consiste em favorecer um desenvolvimento tão completo quanto possível das aptidões de cada pessoa, quer enquanto individuo, quer como membro de uma sociedade regida pela solidariedade. A educação é inseparável da evolução social, constituindo-se uma das forças que a determinam (Debesse & Mialaret, 1974, p.17).

Seguindo esta ideia e segundo o que se encontra preconizado ao abrigo da Lei nº46/86 de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo – a Educação deve promover o “desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo” o meio social em que estão inseridos (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, p. 3068).

Aqui, fazemos então alusão ao “conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação”, que se manifesta na garantia de uma “permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”, mais especificamente traduzido, o sistema educativo (ibid.).

Dentro desta perspetiva, cabe ao Estado Português criar as condições necessárias que viabilizem o acesso de todo/as à Educação e à Cultura através da criação de instituições de cariz educacional tais como: escolas e jardins de infância (J.I.), como sendo estabelecimentos que têm como principal função servir o ensino público, “que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades” permitindo que estes/as se integrem ativamente na sociedade podendo contribuir para a vida económica, social e cultural do país

(DL nº 75/08 de 22 de Abril). Neste sentido e de acordo com a Lei nº 9/79 de 19 de Março, as escolas públicas são “aquelas cujo funcionamento seja da responsabilidade exclusiva do Estado, das regiões autónomas, das autarquias locais ou de outra pessoa de direito público” (Lei nº 9/79 de 19 de Março, art. 3.º). Por sua vez, surgem no mesmo enquadramento as escolas privadas destacadas como sendo aquelas “cuja criação e funcionamento seja da responsabilidade de pessoas singulares ou colectivas de natureza privada” (id.).

No entanto, os estabelecimentos educativos são unidades organizacionais que intimam a atuação de homogeneidades estruturais maiores como os agrupamentos de escolas, dotados de “órgãos próprios de administração e gestão” (ibid., art. 6.º) constituídos por estabelecimentos de vários níveis de Educação com vista à execução de diversas finalidades entre as quais: i) Proporcionar um percurso sequencial e articulado dos/as alunos/as entre níveis e ciclos de ensino; ii) Superar situações de isolamento de instituições educativas e prevenir a exclusão social e escolar; iii) Reforçar a capacidade pedagógica das escolas; iv) Garantir o funcionamento de um regime de autonomia, administração e gestão, nos termos do presente Dec. Lei.

O referido documento encontra-se subdividido em três ciclos sequenciais, sendo de importância máxima explicar as características fundamentais que retratam o 1.º CEB.

No nível de Educação em que a estagiária desenvolveu a sua prática pedagógica supervisionada, o ensino e a aprendizagem é global e visa o desenvolvimento de competências básicas em Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressões, esta última subdividida em Expressão Plástica, Musical e Físico-Motora e Dramática. Com a implementação da escola a tempo inteiro, através do alargamento do horário de funcionamento para um mínimo de oito horas diárias, as escolas promovem Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's). Neste enquadramento, a autonomia da escola é reforçada através da oferta de disciplinas e pela possibilidade de criação de ofertas complementares, na qual

inclui-se a oferta Apoio ao Estudo, de frequência obrigatória para os/as alunos/as assinalados/as pelo conselho de turma e com o conhecimento do/a encarregado/a de educação (DL nº 139/12, de 5 de julho).

Ainda no âmbito da autonomia, no artigo 15.º - formação pessoal e social dos/as alunos/as - o mesmo documento, consigna que as escolas desenvolvam “projetos e atividades que contribuam para a formação pessoal e social dos alunos designadamente educação cívica, educação para a saúde”, entre outras (DL nº 139/12, de 5 de julho, art. 15.º). Neste sentido e para melhor compreender o papel do/a docente, perante a formação holística do/a aluno/a, este/a promove aprendizagens de competências socialmente significativas, no campo da ação de uma cidadania ativa e responsável, presentes nas várias dimensões do currículo integrado deste Ciclo (DL nº 241/01, de 30 de agosto) contempladas atualmente, na oferta complementar de Educação para a Cidadania.

Ora, perante o exposto e direcionando um olhar múltiplo para as considerações produzidas, importa tecer um apontamento acerca da autonomia oferecida aos agrupamentos e às unidades organizacionais menores (escolas), e ao mesmo tempo procurar estabelecer uma ponte mediadora entre as potencialidades e fragilidades do desenvolvimento de tal conceito na profissionalidade docente.

Em primeiro lugar, importa elucidar o que se entende por autonomia. Segundo o que se encontra preconizado no Dec. Lei nº 75/08, de 22 de abril, o conceito de autonomia é a faculdade reconhecida ao agrupamento de escolas ou à escola não agrupada pela lei e pela administração educativa de

tomar decisões nos domínios da organização pedagógica, da organização curricular, da gestão dos recursos humanos, da ação social escolar e da gestão estratégica, patrimonial, administrativa e financeira, no quadro das funções, competências e recursos que lhe estão atribuídos (DL nº 75/08, de 22 de abril, art. 8.º).

Desta forma, a capacidade de auto-organização da escola, determina neste enquadramento, a criação de algumas estruturas de coordenação de 1.º nível

(departamentos curriculares) com assento no conselho pedagógico e de acompanhamento dos/as alunos/as (conselhos e diretores/as de turma) bem como, estruturas de representação do conselho pedagógico com um número limitado de elementos.

Contudo, as potencialidades da autonomia são auxiliadas com o comprometimento da utilização de diversos instrumentos que incidem sobre a mesma. Neste enquadramento encontram-se aglomerados os *Projetos Educativos*, os *Regulamentos Internos*, os *Planos Anuais e Plurianuais de Atividades* e o *Orçamento*, encarados como ferramentas fundamentais do exercício da autonomia de todos os agrupamentos de escolas. De modo a elucidar tais conceitos, os *Projetos Educativos* consagram a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, num período de três anos, no qual se expõe “os princípios, os valores, as metas e as estratégias” que se propõem cumprir, por sua vez, o *Regulamento Interno* define o regime de funcionamento da instituição educativa, de cada um dos seus “órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos, técnicos-pedagógicos e os direitos e deveres da comunidade escolar” (DL nº 75/08, de 22 de abril, art. 9.º).

Este aspeto permite afirmar, no âmbito do desempenho do/a docente do 1.º CEB, que deve participar na construção, no desenvolvimento e na avaliação do *Projeto Educativo* bem como dos *Projetos Curriculares*. Paralelamente, não convém esquecer que o/a mesmo/a docente promove aprendizagens significativas em torno dos objetivos delineados dos projetos referidos anteriormente (DL nº 240/01, de 30 de Agosto).

De modo geral é possível concluir que os papéis curriculares da escola e do/a professor/a cruzam-se e complementam-se mutuamente, numa esfera harmoniosa que favorece o desenvolvimento do currículo, tendo em conta que a escola é a unidade básica para o desenvolvimento do mesmo. Para efeito, “esboça linhas gerais de adaptação ao Programa às exigências do contexto social, institucional e pessoal definindo as prioridades” de modo a garantir a qualidade e equidade dos contextos de inserção do processo

educativo tal como, fomentar o desenvolvimento holístico dos/as alunos/as e o seu bem-estar (Zabalza, 2000a, p. 47). Esta ideia vai ao encontro do que se encontra explanado ao abrigo do Dec. Lei nº 240/01 de 30 de Agosto, III Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, quando refere que o/a professor/a é o/a promotor/a de “aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando na mesma critérios de rigor científico e metodológico” fundamentando a sua prática profissional num “saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das acções concretas da mesma prática”.

Assim e para efeitos do Dec. Lei nº 6/01 de 18 de Janeiro, entende-se por currículo nacional o “conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo” definidos então, para este nível de ensino (1.º CEB) (DL nº 6/01, de 18 de janeiro, art. 2.º).

Deste facto emerge a necessidade de perspetivar, planificar e desenvolver estratégias que visam adequar o currículo ao contexto de cada escola, currículo esse, concebido, aprovado e avaliado pelos respetivos órgãos de administração e gestão. Globalmente situados/as, esta ação, requiere a um/a professor/a de qualquer nível, ser o/a detentor/a de ideias claras a respeito do papel da escola e estar consciente do que se espera a nível pessoal, institucional e social do seu trabalho. Isto significa em grande escala, que o/a professor/a deve aprofundar o seu conhecimento da operativização e aplicação dessas características e saber qual é a razão, porque realiza aquelas e não outras práticas educativas, encarando o seu processo de evolução profissional e pessoal como um todo global, progressivo e simultaneamente, como um episódio relacionado. Esta questão, prende-se intimamente com os critérios de funcionalidade que assume o currículo que passa diretamente por um processo de planificação.

Como planificar, em termos gerais, significa “converter uma ideia ou um propósito num curso de ação” (Zabalza, 2000a, p. 47), trata-se então, de perspetivar, conjeturar, através de uma conceção mental interna (ideias) ou através de uma conceção mais externa (escrito) previsões, desejos, aspirações, metas num plano que seja capaz de representar as ideias, como o/a docente poderia levá-las a cabo e numa fase posterior, como avaliá-las adequadamente. Completando esta ideia, planificar significa então, modificar o currículo no sentido de o adequar às características singulares de cada situação do processo de ensino e de aprendizagem. No mesmo enquadramento, planificar proporciona a sequência de situações educativas que se “caracterizam por um encadeamento harmonioso de ideias, actividades e interacções” sendo esta a “chave para a supressão da maior parte dos problemas de gestão da sala” (Arends, 1995, p. 47). Este processo comporta o envolvimento de três fases: i) avaliação das necessidades; ii) análise da situação e estabelecimento de prioridades; iii) seleção de objetivos; iv) seleção e organização dos conteúdos; v) seleção das estratégias; vi) elaboração do plano de avaliação (Diogo, 2010).

No entanto, na esfera das decisões pré-instrutivas, o/a profissional educativo/a confronta-se ainda, com uma questão pertinente e constante que deve dar enfoque aquando da planificação, a destacar: as necessidades e interesses reais dos/as alunos/as. Pondo, então de lado as várias conceções inerentes à realização de planificações, torna-se claro, que em Educação, o tema das necessidades e dos interesses, que justificam a seleção de uma panóplia de actividades e delineação de estratégias que dão corpo a uma planificação, adquirem uma importância acrescida. Deste modo, podemos elucidar o conceito de necessidade como aquele “conjunto de componentes do desenvolvimento intelectual, afectivo, social, psicomotor” que identificam como aspetos fundamentais da evolução do sujeito (Zabalza, 2000a, p. 60). Esta fase comporta igualmente, o conjunto de elementos que o sujeito queira “ser, ou saber, ou poder fazer” (id.). Neste sentido, a avaliação do conjunto de necessidades permite a integração da valorização dos problemas mais

significativos, facilitando para isso, a tarefa de planificar com base na gestão de recursos materiais e humanos disponíveis, proporciona simultaneamente, a fundamentação das prioridades das programações posteriores e, por fim, situar o nível de desenvolvimento atual dos/as alunos/as que suportará a avaliação das transformações a ocorrer nos/as mesmos/as.

Porém, para conhecer esta realidade não basta ao/à docente improvisar ou desenhar, antes pelo contrário, é imprescindível um trabalho minucioso, concetual e metodológico que vá permitir, a nível curricular, adquirir a sua forma singular de abordar a realidade. Realidade essa, que integra a organização funcional dos conteúdos, de forma adequada e articulada, no *Projeto Educativo* a desenvolver, partindo, precisamente, não só do sentido exclusivo mas, sobretudo, num sentido complementar. Desta forma, é possível afirmar que a organização funcional dos conteúdos exige, como já foi referido, uma articulação adequada da dimensão estrutural e operativa dos mesmos, de maneira a que o/a aluno/a desenvolva os conhecimentos que já possui e aperfeiçoe as estruturas cognitivas que já adquire (Zabalza, 2000a).

Já vimos que as inúmeras complexidades deste processo de planificação em que o/a profissional está imerso, julgo, porventura, encetar fatores problemáticos com que muitos/as docentes se defrontam no tempo presente e muito possivelmente se defrontarão no futuro. Essa dificuldade centra-se sobretudo no modo de articulação e de promoção da qualidade das aprendizagens para todos/as com a condição necessária e suficiente da diferenciação das mesmas. Atualmente, as questões da inclusão da diversidade, não podem ser vistas somente do ponto de vista do bem-estar do/a aluno/a, mas, continuam a exigir garantias ao nível dos resultados efetivos, da aprendizagem curricular e ao nível das dimensões sem as quais, os/as alunos/as não poderão se integrar e participar plenamente na sociedade. Deste modo, para determinar a qualidade educativa e tal como já foi referido, emerge a promoção de uma “escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens” (DL nº 3/08, de 7 de janeiro). Nesta medida, importa planear um sistema de educação

flexível, pautado por uma política global integrada, que homologue responder à diversidade de características e necessidades individuais de todos/as os/as alunos/as que implica simultaneamente, a inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais (NEE) no quadro de uma política de qualidade. Para efeitos do diploma promulgado pelo Dec. Lei nº6/01, de 18 de janeiro, consideram-se alunos/as com necessidades educativas especiais de carácter permanente

os alunos que apresentem incapacidade ou incapacidades que se reflectam numa ou mais áreas de realização de aprendizagens, resultantes de deficiências de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações da fala e da linguagem, de perturbações graves da personalidade ou do comportamento ou graves problemas de saúde (DL nº6/01, de 18 de janeiro, art. 10.º).

Surge então a necessidade, para visar o bom funcionamento da Educação Especial, os agrupamentos e as escolas contemplarem nos seus Projetos Educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, de carácter organizativo e funcional, que dêem respostas às necessidades dos/as alunos/as com NEE. Nesta ótica e segundo o que defende Correia (1997) o princípio da inclusão apela “para uma escola que tenha em atenção a criança-todo, não só a criança-aluno, e, que, por conseguinte, respeite três níveis de desenvolvimento essenciais – académico, socioemocional e pessoal” de modo a maximizar o seu potencial (Correia, 1997, p. 34). Assim sendo, a escola deverá, além dos objetivos que a caracterizam, tornar-se num centro de atividades comunitárias que se ajustem a todas as crianças e todos/as os/as alunos/as e respetivas famílias. Paralelamente, à medida que os/as professores/as adquirem mais competência para responder eficazmente a alunos/as com NEE, melhoram os resultados da integração e diminuem as solicitações aos serviços de Educação Especial.

Neste sentido, a implementação de uma medida estruturante com vantagens no que diz respeito ao reforço da qualidade dos serviços de educação prescrita, em 2006, no Dec. Lei nº20/06, de 31 de janeiro, surge

então, a seleção e o recrutamento de docentes de Educação Especial. Prosseguindo esse objetivo, urge no tempo, o Dec. Lei Nº3/08, de 7 de janeiro, que consigna o desenvolvimento de respostas diferenciadas, orientadas para a especificidade das crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente: i) criação de escolas de referência; ii) criação de unidades de ensino estruturado para a educação de alunos/as com perturbações do espectro do autismo e unidades de apoio especializado para alunos/as com multideficiência e surdocegueira congénita (DL nº 3/08, de 7 de janeiro). Nesse sentido, podem se concentrar num agrupamento de escolas “respostas específicas ou em escolas de referência alunos de escolas e agrupamentos limítrofes, possibilitando-lhes, desta forma, o acesso a uma resposta educativa mais adequada” (Crespo, *et al.*, 2008, p.19) como é o caso da instituição onde a mestranda desenvolveu a prática pedagógica supervisionada em contexto de 1.º CEB.

Mais uma vez, vemos aqui espelhado perfil do/a docente na medida em que, segundo o já mencionado Dec. Lei nº 240/01, de 30 de agosto, III - Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem - certifica a “realização de actividades educativas de apoio aos alunos e coopera na detecção e acompanhamento de crianças ou jovens com necessidades educativas especiais” ao mesmo tempo que impera o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno/a no quadro socio cultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, integrando e formando os/as alunos/as numa e para uma cidadania democrática.

Parece então, importante referir que diferenciar na educação é, pois, lutar para que as desigualdades diante da escola atenuem-se e, simultaneamente, para que o nível de ensino se eleve, atendendo uma educação inclusiva que visa uma equidade educativa que entende a garantia de igualdade quer no acesso quer nos resultados. Assim, ajustar o ensino às características de cada aluno/a não surge devido ao respeito às pessoas e do bom senso pedagógico, mas faz parte de uma exigência de igualdade: “a indiferença às diferenças

transforma as desigualdades iniciais, diante da cultura de desigualdades de aprendizagem e, posteriormente, de êxito escolar (...) (Perrenoud, 2000b, p. 9).

Uma pedagogia diferenciada é uma pedagogia centrada nos processos, é uma educação baseada na diferenciação de estilos de aprendizagem, partindo sempre da identificação e da valorização das competências mais evidenciadas dos/as alunos/as. Desta forma, desencadeia-se um ambiente de aprendizagem aberto, onde as aprendizagens são identificadas de modo a que cada aluno/a aprenda segundo o seu ritmo de apropriação de competências do saber e do fazer.

Conforme Perrenoud (2000b), as diferenças devem-se principalmente, à diversidade dos públicos escolarizados: cada professor/a avalia em função dos/as alunos/as que tem ou teve, das expectativas, da direção, entre outros. No entanto, sabe-se que a escola e os/as professores/as gozam de uma certa autonomia, como já foi referido, na execução dos objetivos e na avaliação dos conhecimentos e sabe-se também que é a partir dos programas que os/as professores/as têm uma margem de interpretação dos mesmos. Ora, essas diferenças na interpretação dos objetivos e dos programas traduzem-se, aquando do momento da avaliação. Esta ideia vai ao encontro do que é preconizado pelo Dec. Lei nº 6/01, de 18 de janeiro, art. 12.º, que menciona que a avaliação “constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico” através da aferição do “grau de cumprimento das metas curriculares em vigor para as diversas áreas disciplinares e não disciplinares no 1.º ciclo” (Português e Matemática) (Disp. Normativo nº 24-A/12, de 6 de dezembro).

No mesmo sentido, em linhas gerais, a avaliação visa “apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma” no que se refere, “à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos” ao mesmo tempo que certifica as “diversas

aprendizagens e competências adquiridas” pelos/as mesmos/as (Desp. Normativo nº 1/05, de 5 de janeiro).

Tal como já foi referido, a avaliação dos/as alunos/as incide sobre os conteúdos definidos nos programas e tem como referência as metas curriculares, homologadas pelo Desp. Normativo nº 5306/12, de 18 de abril, cuja definição organiza e facilita o ensino, pois “fornece uma visão o mais objectiva possível daquilo que se pretende alcançar, permitindo que os professores se concentrem no que é essencial e ajudando a delinear as melhores estratégias de ensino” (Buesco, *et al.*, 2012, p. 4). Simultaneamente, conforme o preconizado pelo Desp. Normativo nº 1/05, de 5 de janeiro, as aprendizagens encaradas de carácter transversal, como no âmbito da cidadania, de compreensão e expressão de língua portuguesa, da utilização das novas tecnologias, constituem-se como objeto de avaliação em todas as áreas curriculares. Aqui, os/as profissionais de educação devem prestar especial atenção às diferentes modalidades avaliativas sendo a avaliação formativa, a principal, uma vez que apresenta um carácter contínuo e sistemático, visando a regulação do ensino e da aprendizagem recorrendo a uma diversidade de instrumentos, como grelhas de avaliação da participação oral, entre outras, tanto do/a professor como dos/as alunos/as. Simultaneamente, visa informar o/a aluno/a e o seu/sua encarregado/a de educação, os/as professores/as e outros intervenientes sobre a qualidade do processo educativo bem como, da aprendizagem e do cumprimento dos objetivos do currículo (Diogo, 2010). Assim sendo, as vantagens da utilização de uma avaliação formativa baseiam-se na essencialmente, e como já foi mencionado na “regulação do processo de aprendizagem pela adopção de medidas de recuperação ou de estratégias de ensino individualizadas, o que converte num factor de êxito para a realização da avaliação sumativa” tornando o processo de ensino e de aprendizagem mais motivador (Ferreira, 2007 citado por Diogo, 2010, p. 107).

Desta forma, os/as alunos/as sentir-se-ão envolvidos/as assim, num processo de análise e de construção conjunto inerente ao desenvolvimento

das atividades educativas, permitindo-lhe enquanto principal ator/atriz da aprendizagem, tomar consciência dos progressos e dificuldades sentidas e vividas.

Em contrapartida, surge a avaliação sumativa que “consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular” (Desp. Normativo nº1/05, de 5 de janeiro, p. 73).

De uma forma mais resumida, o processo de avaliação pressupõe três etapas cruciais: i) recolha de informação; ii) análise dessa informação; iii) emissão de um juízo de valor, expresso, tal como já se verificou, em “forma qualitativa ou quantitativa, dependendo da função e das finalidades da avaliação, que conduz, conseqüentemente, à tomada de decisões diferentes” (Ferreira, 2007, p. 16).

No entanto coloca-se aqui mais uma questão pertinente, inserida na esfera educacional: Se as metas fornecem um conjunto de instrumentos ao/à professor/a facilitando a sua tarefa, onde se situa a autonomia do/a professor/a relativa à gestão curricular dentro na sala de aula? Desta forma, cabe a este/a, a função de refletir sobre as suas práticas, apoiado na experiência e na investigação, juntamente com os seus pares, de forma a avaliar o seu trabalho, uma vez que os seus ideais e ideias foram, são e continuarão a ser confrontados pelas utopias da modernidade.

Apoiados nestas descrições, da crescente centralidade da problemática curricular, colocada no núcleo do debate educacional a par da operacionalização da diferenciação pedagógica, importa ainda invocar uma vez mais, o papel crucial a adotar pelo/a profissional educativo/a no que se refere à articulação e gestão curricular. Os esforços envolvidos em torno da tão desejada articulação e gestão do currículo, promove a cooperação entre os/as docentes do agrupamento e de escolas e procura simultaneamente adequar o mesmo às necessidades específicas dos/as alunos/as.

No entanto, o/a docente não pode continuar a ser visto/a como um/a mero/a consumidor/a de previsões, estratégias, recursos, prescrições ou

orientações advindas do exterior. Aqui, pauta-se a importância que o/a professor/a tem de apostar decididamente, em ser ele/ela próprio/a o/a co-responsável pelo projeto e pela gestão do mesmo e do trabalho na aula e fora dela, em agir reflexivamente e em colaboração com os seus pares nesta forma muito mais interventiva de estar na profissão e de integrar uma instituição escolar.

Em linhas gerais, a prática pedagógica de um/a profissional educativo/a deve incorporar constantemente a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, “construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais” (DL nº 240/01, de 30 de agosto, V - Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida, ponto 1). Em suma, existe nesta tomada de posições uma prática que se assume de caráter investigativo e reflexivo, partilhada e enquadrada em orientações de política educativa coerente.

No entanto, não se pode esquecer que à ação educativa basila uma(s) perspetiva(s) pedagógica(s). Assim, a conceção socioconstrutivista não é, em sentido estrito, uma teoria mas um referencial onde os/as professores/as podem se guiar para solucionar determinadas situações/problemas. Desta forma, o socioconstrutivismo é encarado como um paradigma epistemológico do conhecimento. Em linhas gerais, este paradigma articula adequadamente entre si os conceitos, conhecimentos e categorias que guiam o pensamento e a “ação daquele que se interessa pelas questões relativas à construção, à aquisição, à modificação, à refutação ou ao desenvolvimento de conhecimentos” (Jonnaert, 2012, p. 96).

Assim sendo, esta conceção parte do óbvio de que a escola e o/a professor/a torna acessíveis ao/às seus/suas alunos/as aspetos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, não só no caráter cognitivo mas inclui também capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e motora. Desta forma, o socioconstrutivismo leva em conta que a aprendizagem é fruto de uma construção pessoal, na

qual os agentes culturais são imprescindíveis para essa estrutura que se dá a partir do momento em que o conteúdo a ser aprendido é incorporado de modo que mais tarde possa ser utilizado pelo indivíduo. Esta situação transforma o/a professor/a como agente mediador/a entre indivíduo e sociedade e o/a aluno/a como aprendiz social, estando inscrito numa reflexão interior de um paradigma epistemológico do conhecimento. Prosseguindo, em coerência com a complexidade das distintas e múltiplas variáveis já analisadas que intervêm nos processos de ensino e de aprendizagem numa escola, a conceção socioconstrutivista, não prescreve formas determinadas de ensino, mas prevê elementos para a análise e reflexão sobre a prática, de modo a possibilitar ao/à docente uma compreensão maior dos processos que nela intervêm e a conseqüente avaliação sobre sua pertinência educativa.

Desta forma, invoca-se novamente o conceito de reflexão aliado ao conceito de investigação que, em linhas gerais se traduz numa atitude, numa perspectiva que os indivíduos tomam face a objetivos e atividades. Paralelamente, o termo “investigação-ação” espelha-se na “recolha de informações sistemáticas com o objectivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 292). Esta centra-se primordialmente nas questões de cariz epistemológico da prática, da emergência de um novo paradigma na formação de professores/as para melhor compreender a complexidade, singularidade e imprevisibilidade do ato educativo no sentido de proporcionar um conhecimento alargado das competências necessárias a um/a docente para enfrentar tais características. Completando esta ideia, a investigação-ação na esfera educativa é uma forma de indagação auto reflexiva, sistemática e colaborativa que, simultaneamente potencia a auto formação dos/as formandos/as e a construção de um saber de cariz emancipatório, que só uma prática crítica e reflexiva, permite, porque é informada e alcançada como uma ação social transformadora. (Ribeiro, 2012b). Desta forma, a problemática epistemológica em contextos educativos atribui uma especial importância aos saberes práticos, daí que a planificação enquadrada nesta espiral, informada criticamente, melhora a prática atual sendo esta flexível,

como já foi referenciado, de modo a permitir adaptações de factos ou imprevistos. Assim, o/a docente atua estrategicamente para desenvolver a planificação intencional, observa a ação com o intuito de recolher informação que permita avaliar e, por fim, reflete sobre a ação registada sobre a observação (Latorre, 2003). Tal tarefa é possível de execução uma vez que o ponto de partida para a investigação-ação reside na procura de identificação de áreas possíveis de melhoria docente simultaneamente, que é uma estratégia potenciadora da construção da aprendizagem do/a próprio/a docente.

É a partir deste dispositivo como um vaivém entre a investigação e a ação, que os saberes profissionais são construídos sobre e na ação, levando a que os mesmos permitam a compreensão e a transformação de um problema, através da sua consciencialização pela observação.

Invocar aqui, o processo *continuum* da observação que pressupõe uma persistente utilização de ideias e conhecimentos para elaboração de esquemas mentais que favorece a descrição o mais objetiva possível do real. Neste sentido, observar é proceder “à recolha de informação, através do qual podemos aprender sobre o nosso comportamento e dos outros” (Trindade, 2007, p. 39).

Importa ainda alegar que este processo apresenta-se como sendo interrupto pois, requer o conhecimento do/a aluno/a na sua individualidade e o seu processo de ensino e de aprendizagem como também exige um saber incidido sobre a estrutura socio afetiva, económica e pessoal desse/a mesmo/a aluno/a e família, da restante turma e ainda, da restante comunidade escolar. Na mesma linha de pensamento, Estrela (1990) defende que a utilização minuciosa da observação permite: i) reconhecer e identificar fenómenos; ii) aprender relações sequenciais e causais; iii) ser sensível às reações dos/as alunos/as; iv) colocar problemas e verificar soluções; v) recolher objectivamente a informação, organizá-la e interpretá-la; vi) situar-se criticamente face a modelos existentes; vii) realizar a articulação entre a teoria e a prática (Estrela, 1990). Continuando neste campo observacional, existem várias formas e meios de observação relativos à situação ou à atitude

do/a observador/a. No entanto, será a observação participada a destacada pois, o/a mesmo/a poderá participar na atividade do/a observado/a, mas sem deixar de representar o seu papel de observador/a, ou seja, é o/a próprio/a investigador/a o instrumento principal do processo da observação. Isto significa que de acordo com o paradigma investigativo, o/a investigador/a “pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa” permitindo aceder “às perspectivas de outros seres humanos, ao viver as mesmas situações e os mesmos problemas que eles” (Lessard-Hébert, *et al.*, 1990, p. 155).

Ao compilar as informações recolhidas e após a análise das mesmas, proporciona ao/à docente o desenvolvimento de ações sustentadas na igualdade de oportunidades educativas simultaneamente, que necessita de constantes adaptações e ajustes que façam valorizar os fatores de diferenciação, na medida que detém um conhecimento alargado acerca do contexto e dos/as alunos/as.

Nesta perspetiva, a prática pedagógica reside portanto no facto de permitir que os/as professores/as identifiquem e reflitam sobre cada situação(ões) educativa(s) e as questionem no duplo sentido para encontrar as soluções mais adequadas para os problemas e ao mesmo tempo melhorar o seu próprio conhecimento e capacidade de intervenção. Nesta linha de pensamento, importa entender a prática como um processo global, no qual o/a professor/a se insere e se “deixa contextualizar, para compreender de forma crítica a situação educativa através da observação rigorosa que constitui já uma primeira forma de reflexão sobre ela” (Ribeiro, 2001a, p. 13).

Recorrer à reflexão exige assim, a defesa de uma epistemologia da prática na qual se mobiliza conhecimentos concebidos através do diálogo com a situação real vivida ou observada, “assente na construção de uma circularidade em que a teoria questiona a prática e a prática ilumina a teoria” (Sá-Chaves, citado por Ribeiro, 2001a, p. 14). A partir daqui obtém-se um bom equilíbrio entre a vivência e a sua teorização, “a teorização da experiência decorre da sua vivência, da reflexão que se faz sobre ela, à luz de conceitos teóricos que passam a ter outro significado” (Ribeiro & Moreira, 2007, p. 46).

Importa a este propósito reter que a formação inicial é considerada uma etapa formativa que pressupõe o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos, hábitos, atitudes, valores e competências, com o objetivo de preparar esses/essas mesmos/as professores/as. Desta forma, assume-se a formação inicial como um tempo importante na socialização e formação dos sujeitos em formação, na construção da sua auto-imagem, sendo o papel da prática encarado de uma maneira diferente, decisivo para o entendimento “quer da unidade, quer da diversidade das representações, das organizações e dos comportamentos humanos na sua dialética entre significantes e significados” (Carvalho, 2007, p. 14).

Significantes e significados esses, retirados através de uma experiência vivida, trespassada por um olhar passado, por um olhar presente e por um olhar futuro, espelhado nas luzes e nas sombras do desconhecido e do incognoscível, nas ruturas dos processos de construção pessoal e profissional não só no hoje, mas ontem, hoje e amanhã. Tempos esses acompanhados por conceitos como: prática reflexiva, profissionalização, trabalho colaborativo, autonomia e responsabilidade crescente, pedagogia diferenciada, centralização sobre os dispositivos e sobre as situações de aprendizagem, sensibilidade à relação com o saber ser e o saber fazer, que projetam uma nova e inovadora profissionalidade docente (Perrenoud, 2000a).

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA INSTITUIÇÃO DE ESTÁGIO

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE

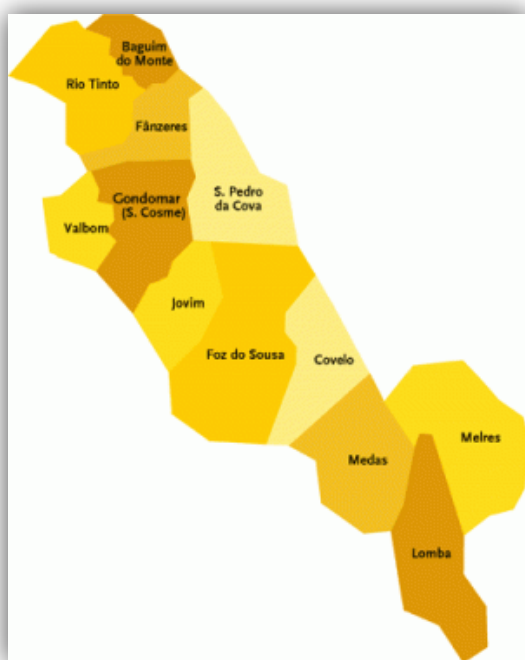


Fig. 1 Mapa do Concelho de Gondomar

Finalizado o capítulo 1 referente ao enquadramento teórico-legal e concetual que envolve numa constante complexidade a profissionalidade docente, importa agora caracterizar o meio envolvente no qual se insere a instituição de educação onde a mestrandia realizou a prática pedagógica bem como, traçar as principais características da dinâmica estrutural e organizacional do mesmo estabelecimento educativo. Assim, a Escola Básica 1.º

Ciclo e J.I. da Boucinha situada na freguesia de Rio Tinto, mais especificamente no lugar da Triana, no limite do concelho de Gondomar que pertence ao distrito do Porto, é a instituição educativa na qual a estagiária desenvolveu a sua prática pedagógica num período aproximadamente de quatro meses. A referida freguesia encontra-se ligada a dois concelhos, o concelho da Maia pelas freguesias de Pedrouços e Águas Santas e com o

concelho do Porto, por sua vez limitada pelas freguesias de Paranhos, de Baguim do Monte, Fânzeres/S. Pedro da Cova, tal como comprova a figura (fig.) n.º 1.

Esta divisão administrativa menor, deve o seu nome ao rio que a atravessa, existindo mesmo uma lenda que explica o seu topónimo. Segundo o que se encontra expresso na página eletrónica oficial da Junta de Freguesia de Rio Tinto, acedido em www.jf-riotinto.pt, os Cristãos ganharam, no início do século IX, terreno aos Mouros, territórios esses governados pelo Conde Hermenegildo Gutierrez desde a Galiza até Coimbra, tendo como centro o Porto.

Contudo, o Califa Abderramão II, com um poderoso exército, fez uma violenta investida, cercando a cidade do Porto. Em socorro do sogro, o Rei Ordonho II conseguiu afastar os Mouros levando a cabo perseguições que



Fig. 2 Painel de azulejos da batalha em 824 Abderramão II, Califa de Córdova, e o Conde Hermenegildo

tinham como principal objetivo expulsar os mouros para longe da cidade. No entanto, Junto a um límpido ribeiro, travou-se uma sangrenta batalha ficando o sangue derramado que, de tão abundante, manchou as vítreas águas do rio, passando desde então a chamar-se Rio Tinto. De formar, a comprovar tal lenda, são visíveis painéis de azulejos distribuídos pela freguesia, como na estação ferroviária, que ilustram a batalha datada no ano de 824 (fig. 2).

O já referido rio, atravessa Rio Tinto sensivelmente a meio, numa orientação aproximada Norte-Sul. Este nasce em Ermesinde, muito perto do limite norte da freguesia e é a principal, e quase única, linha de água existente na localidade. Durante séculos, forneceu à população água e peixe, atualmente é uma zona urbana contudo, ainda apresenta uma vasta área territorial destinada à

agricultura. Desta forma, e tendo em conta a expansão urbanística da freguesia, existem nas mediações da Escola Básica do 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha, para além de monumentos como a capela do Sr. Dos Aflitos, vários estabelecimentos comerciais (restaurantes, talhos, supermercados, padarias, confeitarias, prontos a vestir, sapatarias, entre outros) e serviços sociais como o Centro de Saúde do Brás Oleiro, o posto dos correios, clínicas médicas e ainda, a cooperação Mãos Dadas que integra o Jardim de Infância e o centro de Atividades Tempos Livres (ATL).

No dia 21 de Junho de 1995, onze anos depois da presente freguesia ter sido elevada a vila, foi oficialmente considerada como cidade constituída pelas freguesias de Rio Tinto e de Baguim do Monte.

1.2. CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO

A Escola Básica do 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha é uma das escolas pertencentes ao Agrupamento Inter Municipal de Pedrouços (Escolas do concelho de Gondomar e concelho da Maia) no qual coexistem vários graus de ensino desde a educação pré-escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico, administrados nas presentes instituições:

- Jardim de Infância de Guadalupe;
- Jardim de Infância de Carreiros;
- Escola Básica 1º Ciclo da Giesta;
- Escola Básica 1.º Ciclo e JI do Paço;
- Escola Básica 1.º Ciclo e JI das Enxurreiras;
- Escola Básica 1º Ciclo de Parada;
- Escola Básica 1.º Ciclo e JI de Pedrouços;
- Escola Básica 1.º Ciclo e JI da Boucinha Boucinha;

- Escola Básica 1.º Ciclo da Triana;
- Escola Básica 1.º Ciclo de Santegãos;
- Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos de Pedrouços (sede de agrupamento);

O referido Agrupamento recebe alunos/as de ambos os Concelhos, predominantemente, das freguesias de Pedrouços e Águas Santas - Maia e da Freguesia de Rio Tinto - Gondomar. Assim sendo, este facto é um indicador da grande diversidade cultural e social que se cruza nas escolas que pertencem ao mesmo agrupamento devido à proximidade geográfica entre Pedrouços, Rio Tinto e a cidade do Porto. Na mesma perspetiva, a crescente urbanização de alguns dos espaços rurais que persistiam, inclui um número alargado de habitações sociais com agregados familiares constituídos por vários elementos, que implica um progressivo aumento de alunos/as, distribuídos/as pelas escolas pertencentes ao Agrupamento já mencionado.

Desta forma e tendo em conta que Pedrouços e Rio Tinto são considerados locais em expansão dispõem assim, de alguns equipamentos sociais como jardins de infância, escolas, ATL's e salas de estudo que cativam os/as familiares a entregarem a educação e o ensino e aprendizagem dos/as filhos/as a estas mesmas instituições.

Neste enquadramento e devido à fusão atrás já referida, que acresceu, significativamente o número de alunos/as, tornando o *deficit* de recursos humanos ainda mais notório, levou a que o presente Agrupamento seja considerado um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Desde 2006/07 que este Agrupamento, provido de recursos humanos e materiais em consequência do Projeto TEIP, respondeu a três grandes necessidades: i) Insucesso escolar; ii) Indisciplina; iii) Abandono escolar; que germinaram na progressiva e complexa criação de redes de parceiros.

Neste sentido, os espaços de que as escolas conciliam, coartam algumas iniciativas pois como já foi mencionado, contrariamente ao que ocorre em outras zonas do país, no presente Agrupamento, o número de alunos/as tem

aumentado e as necessidades de ocupação pedagógica dos espaços são por essa razão prejudicadas. Assim e segundo o Projeto Educativo de Agrupamento (2011/2013) a introdução das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), não melhorou as condições de espaço nas escolas, pelo que este problema se agudiza ao longo do tempo nestas instituições.

Com base na avaliação feita por cada plano de ação, pelos conselhos de turma e pelos departamentos nos anos de 2011 e 2012, a equipa responsável pelo desenvolvimento do Projeto TEIP, decidiu implementar um Plano de Melhoria Gradual (PMG) que passou pela reestruturação do mesmo Projeto.

Segundo o consignado, no Projeto Educativo TEIP (2012/2013), apesar de se manter alguns constrangimentos e dificuldades este aparenta uma evolução positiva nos eixos definidos como prioritários: Eixo 1 referente ao sucesso escolar e pessoal e Eixo 2 no que diz respeito à disciplina. Esta evolução levou a optar-se por uma redefinição das metas e objetivos de alguns planos de ação para o ano letivo transato de 2012/2013, mantendo contudo a matriz do Projeto Educativo, seguindo o lema: “Promover o sucesso, prevenir a exclusão” (Projeto Educativo do Agrupamento, 2011/2013, p. 1).

É aqui, que consta a visão, as prioridades e as metas gerais do Agrupamento de Escolas de Pedrouços, onde se procura um “cenário desejável do futuro para a escola, constituindo-se como uma referência fundamental para o enquadramento de todos os seus projetos, planos de intervenção e do próprio regulamento interno”, orientando comportamentos, decisões e motivar a ação (Projeto Educativo TEIP, 2012/2013, p. 2).

Em linhas gerais, na prática educativa diária sente-se a falta de professores/as de apoio socioeducativo, terapeutas da fala, psicólogos/as e assistentes sociais bem como, a carência de Assistentes Operacionais.

Por sua vez, as dificuldades económicas vividas por muitas famílias são visíveis através da percentagem de alunos/as subsidiados/as. Assim, e segundo o Projeto Educativo de Agrupamento (2011/2013) as carências sócio - familiares, evidenciam-se maioritariamente nas dificuldades de integração

escolar e no acompanhamento prestado pelas famílias. Partindo destes entraves, que tendem em aumentar e que contribuem para a deterioração da sã convivência na escola, o respectivo Agrupamento para colmatar tais necessidades propõe medidas como: i) Criar condições de acesso e de sucesso educativo para todos os/as alunos/as; ii) educar os cidadãos com plena consciência dos seus direitos e deveres; iii) contribuir para o conhecimento da identidade cultural; iv) promover o uso correto da língua Portuguesa; v) desenvolver nos/as alunos/as o respeito e responsabilidade pelo ambiente, espaços e equipamento; vi) desenvolver sentimentos de partilha e de solidariedade entre todos/as; vii) preparar os/as alunos/as para uma vivência saudável do seu/ corpo (Projeto Educativo de Agrupamento, 2011/2013).

Após a exposição dos traços que caracterizam o agrupamento de escolas ao qual pertence a Escola da Boucinha, importa ainda tecer mais um comentário acerca do mesmo. Este reside no facto de a sede do Agrupamento situar-se na Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo de Pedrouços, no concelho da Maia, que se encontra sensivelmente a 1 Km de distância da instituição referida, favorecendo desta forma a deslocação do corpo docente e discente da Escola da Boucinha, tanto para reuniões como para realização de atividades. Importa também mencionar que a maioria dos/as alunos/as que terminam o 4.º ano de escolaridade na escola da Boucinha, passam a frequentar o 2.º ciclo na escola sede do Agrupamento, por proximidade limítrofe.

1.3. CARACTERIZAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE EDUCAÇÃO E DE ENSINO

Como já foi mencionado, a Escola Básica do 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha é uma das escolas pertencentes ao Agrupamento Inter Municipal de Pedrouços e após a caracterização da dinâmica organizacional do agrupamento torna-se

relevante realizar uma descrição sobre os principais aspetos estruturais e organizacionais da escola, na qual a mestranda desenvolveu a prática pedagógica no 1.º Ciclo.

Iniciando este subcapítulo pela caracterização das infraestruturas, a



Fig. 3 Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha

presente escola encontra-se dividida em quatro edifícios. Um deles, denomina-se por Plano Centenário, no qual se situam quatro salas de aula destinadas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, um outro de maiores dimensões, designado por P3, tem seis salas de aulas. Tal como reflete a figura nº3, este edifício caracteriza-se pelas suas infraestruturas pouco

modernas a nível arquitetónico, no entanto apresenta as condições básicas e necessárias ao bom funcionamento das aulas salvaguardando a segurança dos/as alunos/as.

No piso térreo, encontra-se o polivalente e uma sala onde funciona o Serviço de Apoio à Família (SAF), que se encontra à responsabilidade da Câmara Municipal de Gondomar, funcionando no horário das 7h30 às 9h00 e das 16h00 às 19h00. Neste piso operam ainda duas salas destinadas à intervenção especializada, a destacar, a Unidade de Intervenção Especializada Multifuncional (UIEM) e a Unidade de Ensino Estruturado do Autismo (UEEA). Estas Unidades têm como principais objetivos de ação “promover a participação dos alunos nas atividades curriculares (...) e implementar e desenvolver um modelo de ensino estruturado que consiste na aplicação de um conjunto de princípios e estratégias (...) que promovam a organização do espaço, tempo, materiais e atividades” assegurando desta forma, o processo de transição para a vida pós-escolar (Crespo, *et al.*, 2008, p. 42).

No primeiro andar, ainda se localiza a sala do *ABC de Tudo/Apoio Educativo* e a sala de professores. No rés-do-chão, para facilidade de acesso face à diversidade motora dos/as alunos/as desta escola assinalados com NEE, encontra-se a cantina e o refeitório. No presente ano letivo (2013/2014) foram instalados no recreio da escola três monoblocos climatizados que funcionam como salas de aula das turmas do 4.º ano.



Fig. 4 Biblioteca

Existe ainda um centro de recursos, onde está situado o gabinete da Coordenadora da Escola, uma sala de computadores, uma sala de aula e uma biblioteca, por sua vez, caracterizada pelo seu dinamismo pois são promovidas

atividades de forma regular. Através

da figura 4 é visível a panóplia de recursos literários bem como as excelentes condições de acesso e fruição de serviços.

No Jardim de Infância integra-se três grupos de crianças, o qual dispõe por responsabilidade de uma vez mais, dos serviços da Câmara Municipal de Gondomar, da Componente de Apoio à Família (CAF), funcionando no mesmo horário que o SAF. É importante registar o facto, que as crianças que frequentam o J.I. e o 1.º Ciclo, frequentam espaços comuns como o campo de jogos, espaço exterior às salas e o parque de diversões, favorecendo desta maneira, o intercâmbio de experiências vividas e conseqüentemente, o desenvolvimento holístico de ambas as partes (crianças e alunos/as).

Relativamente ao número de alunos/as que frequentam o 1.º Ciclo, é de referir que são cerca de 300 alunos/as, com idades compreendidas entre os seis e os 12 anos, distribuídos pelas 14 turmas (três turmas do 1.º ano e 2.º ano e quatro do 3.º e 4.º ano).

Nas unidades já referidas estão inseridos/as, oito alunos/as em cada sala, com idades compreendidas entre os seis e os 11 anos. De acordo com as suas

características cognitivas, motoras e sócio-afetivas, os/as mesmos/as alunos/as, integram uma turma mas por um período de tempo adequado aos/ás mesmos/as, sendo a maioria acompanhada por uma assistente operacional. Para melhor desenvolverem os objetivos delineados para cada aluno/a, as já referidas unidades especiais têm o apoio dos técnicos do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) e do Centro de Recursos de Tecnologias da Informação e Comunicação (CRTIC). Deste modo, os centros de recursos em parceria com os agrupamentos de escolas, desenvolvem a respetiva atividade sustentada num Plano de Ação, ao abrigo do artigo 30.º do Dec. Lei nº3/08, de 7 de janeiro, que preconiza que sempre que estes apoios não possam ser prestados através dos recursos existentes no agrupamento, estes são prestados por externos à instituição. Para efeitos dos Planos de Ação consideram-se apoios especializados os referidos no artigo 29.º do Dec. Lei nº 3/08, designadamente, terapia da fala, terapia ocupacional, fisioterapia, acompanhamento psicológico, podendo incluir avaliação especializada elaboração, avaliação e reavaliação do Programa Educativo Individual (PEI).

Ainda sobre a edificação da escola, esta possui um espaço exterior bastante amplo, com espaços verdes embora escassos o que permite uma simbiose e equilíbrio entre diferentes matérias. Contudo, quando as condições meteorológicas não são favoráveis à frequência dos/as alunos/as no exterior, estes/as são forçados a manterem-se dentro da própria sala de aula. Este facto, por um lado aplaude a um maior contacto com o/a professor/a favorecendo a relação afetiva entre ambos, por outro, torna-se cansativo para os/as alunos/as estarem tanto tempo dentro do mesmo espaço.

Relativamente, ao corpo docente, este é constituído por 25 professores/as e educadores/as (14 titulares de turma, quatro integrados/as nas unidades, uma professora coordenadora da escola, uma professora bibliotecária, um professor do *ABC de Tudo*, uma professora da educação especial e três educadoras). De forma a completar os recursos humanos, faz parte ainda um

psicólogo do Agrupamento que comparece nas instalações da escola quinzenalmente.

Relativamente, às Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), tal como outros serviços, também são da responsabilidade da Câmara Municipal de Gondomar, a destacar: Educação Física-Motora, Inglês, Expressão Musical e Educação Moral Religiosa e Católica, funcionando no horário das 16h30 às 17h30, não interferindo desta maneira, no tempo letivo dos/as professores/as titulares de turma.

Como já foi mencionado, a presente escola situa-se numa zona de habitações sociais, tendo por isso, alunos/as subsidiados/as com os vários escalões existentes. Assim, de forma a colmatar necessidades básicas neste caso a alimentação, é distribuído aos/às alunos/as com escalão A, um lanche no intervalo da manhã (pão) e leite tal como aos/às alunos/as.

1.4. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma, na qual a estagiária desenvolveu a prática pedagógica enquanto aluna estagiária da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, é uma turma do 3.º ano de escolaridade, sendo composta por 19 alunos/as, dos quais dez são do sexo masculino e nove do sexo feminino. Do total de 19 elementos, dois alunos do sexo masculino têm NEE uma vez que lhes foi diagnosticado perturbações do espectro do Autismo, os quais integram a Unidade de Ensino Estruturado do Autismo (UEEA) pois, constituem uma “resposta educativa especializada, desenvolvida em agrupamentos de escolas, ou escolas secundárias, para alunos que manifestem perturbações” (Crespo, *et al.*, 2008, p. 43).

Ainda antes, de assinalar os traços característicos da turma (3º E) importa também elaborar um breve registo sobre a caracterização socio económica das famílias dos/as alunos/as que integram a mesma. De acordo com o Plano

de Turma (PT) (2013) aumentou o número de alunos/as beneficiários/as da ação social, através da atribuição de escalões A e B a metade do total de elementos predominando a classe social média/baixa. A maioria reside nos arredores do edifício escolar e uma pequena parte no limite do concelho da Maia, favorecendo e (re)aproveitando o tempo nas deslocações à instituição educativa.

A nível socio afetivo, a maioria dos/as alunos/as são bastantes ativos/as e dinâmicos/as, mostrando interesse em participar e intervindo espontaneamente em diálogos, debates e executando tarefas eficazmente. Contrapondo, este facto, por vezes de acordo com situações externas à sala de aula como por exemplo, atividades que envolvem outras turmas ou atividades dinamizadas pela professora bibliotecária, são um pouco inquietos e faladores, não respeitando as regras acordadas no início do ano letivo com a professora cooperante. Alguns/mas discentes manifestam ainda, um comportamento pouco adequado na sala de aula, revelando simultaneamente, falta de hábitos de trabalho, autonomia, responsabilidade e maturidade. Assim, de acordo, com a informação registada anteriormente, a presente turma do 3.º H apresenta interesses, necessidades e ritmos de aprendizagem diferenciados na execução das tarefas propostas.

Importa ainda mencionar que a maioria dos/as alunos/as que constituem a turma já são capazes de usar operações mentais para resolverem problemas concretos e atuais, pensando desta forma, logicamente. No entanto, de acordo com Papalia, Olds & Feldman (2001) a capacidade de pensar de modo abstrato só se desenvolverá na adolescência. Em contrapartida, a capacidade de compreender os pontos de vista dos outros cresce, ajudando-os/as a comunicar mais eficazmente e a serem flexíveis nos seus julgamentos morais. Estes/as alunos/as situados, no estágio das operações concretas, têm uma “compreensão maior das diferenças entre fantasia e realidade, classificação, relações lógicas, causa e efeito, conceitos espaciais e conservação, e são mais competentes com os números” (Papalia, *et al.*, 2001, p.420).

Preste a terminar o capítulo referente à caracterização da instituição de ensino e do meio envolvente, importar ainda pautar que no interior da grande esfera da educação, cada escola apresenta o seu próprio funcionamento interno, em que esta é dotada de uma certa autonomia e liberdade para a gestão e organização da mesma, apesar da crescente burocracia advinda de órgãos superiores. Assim sendo, a administração e a gestão do estabelecimento de Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo, é centrada no regime organizacional de democracia. Este facto, é constatado a partir das observações tecidas pela mestranda que confirmam as vantagens consignadas por Moreno (1996) que interpela o (re)conhecimento da dignidade e igualdade humana como pontos de partida fundamentais e condicionantes da ação e participação educativa, relacionando os quatro gestores da escola (professores/as, alunos/as, pais e sociedade). Este aspeto leva à criação e manutenção de um ambiente caracterizado pelas relações humanas afetivas consistentes “através da participação efectiva na tomada de decisões, da responsabilização e da consecução de uma verdadeira e autêntica comunicação organizacional” (Moreno, citado por Costa, 1996, p. 34).

Desta forma, as decisões são entendidas como tendo na base um processo de consenso ou compromisso e não em procedimentos autoritários ou conflituosos. Nesta perspetiva, a diversidade e a complexidade dos contextos educacionais atuais mostram não ser possível, nem desejável a centralização do poder, visando assim, a melhoria da qualidade educativa pela abordagem ecológica e contextual dos problemas concretos em presença. Assenta em princípios democráticos de autonomia, iniciativa, participação e responsabilização da Escola – “organização aberta à aprendizagem, capaz de gerir o seu próprio processo de mudança e de auto-regular a sua acção a partir de prioridades próprias e de práticas colaborativas” (Dinis & Alonso, 2008, p. 357). Este aspeto traduz-se na sua totalidade em processos de mediação reflexiva e de intervenção intencional que estruturam a ação educativa, numa atitude responsável de ponderação cuidadosa das consequências, tanto esperadas como inesperadas, da sua ação.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E DOS RESULTADOS OBTIDOS E APRESENTAÇÃO DE EVENTUAIS PROPOSTAS DE TRANSFORMAÇÃO

Tal como já foi mencionado anteriormente, a metodologia de trabalho concebida para a presente UC envolve o desenvolvimento de práticas didático-pedagógicas em escolas de 1.º Ciclo do Ensino Básico protocolados com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE/IPP), visando o desenvolvimento de competências consignadas para o perfil geral e específico do/a professor/a do 1.º CEB. É de referir simultaneamente, que o estágio inscreve-se numa perspetiva de construção colaborativa de saberes profissionais pois envolve todos/as os/as atores/atrizes do processo de formação profissional e pessoal: orientadora de estágio, par de estagiárias, supervisora da escola de formação e restantes intervenientes do decurso (outros pares de estagiárias e docentes) validando as competências do perfil docente de forma fundamentada, reflexiva, integrada e autonomizante, à luz do princípio da aprendizagem ao longo da vida.

Desta forma, importa invocar um dos documentos legais já mencionados em capítulos anteriores, que rege o exercício docente, como o Dec. Lei nº 240/01, de 30 de agosto que preconiza a promoção de aprendizagens curriculares, baseadas num saber específico, fundamentadas e integradas em função de ações concretas. Desta forma, o/a docente assume-se como um/a profissional de educação, com a função específica de ensinar, situado/a num determinado contexto, a escola.

Nesta perspetiva, o estágio desenvolveu-se obedecendo a uma ordem sequencial e lógica que atende à complexidade e à diferenciação do período de atuação, a destacar:

- i) de 2 a 4 de outubro - observação participante;
- ii) de 9 a 11 de outubro - observação participante e cooperação nas atividades letivas;
- iii) de 16 a 18 de outubro – desenvolvimento de uma atividade alternada por elemento de díade;
- iv) a semana de 23 a 25 de outubro - desenvolvimento de atividades por uma manhã alternada;
- v) de 30 de outubro a 1 de novembro - desenvolvimento de um dia alternado;
- vi) a partir de novembro até ao dia 17 de janeiro - três dias de intervenção em semanas alternadas.

Desta forma e tomando como premissa a incorporação na formação e no desenvolvimento de práticas profissionais a reflexão, o/a docente deve instigar-se sobre as mesmas ações apoiando-se na investigação e na experiência vivida ou observada.

Neste seguimento, implica agora iniciar a descrição e análise das atividades tanto observadas como desenvolvidas no referido contexto.

Direcionando um olhar crítico e retrospectivo para a primeira semana de contacto destinada à observação infere-se dizer que esta é encarada como a primeira etapa do processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que permite ao/à observador/a recolher informações que posteriormente analisadas criticamente e criteriosamente permitem ao/à mesmo/a atuar, de forma a colmatar necessidades e dar voz aos reais interesses dos/as alunos/as. Simultaneamente, proporciona ao/à docente deter um conjunto alargado de conhecimentos que caracterizam o contexto (meio físico e intervenientes) que fomenta o desenvolvimento de relações positivas com os/as alunos/as que promovam a segurança afetiva e a predisposição para as aprendizagens. Assim sendo, a recolha das informações registadas no diário

de formação e em guiões de observação (lista de verificação) e de carácter semiaberto (cf. Anexo A2I e A2II) previamente construídos pelas estagiárias permitiram traçar, em linhas gerais, o perfil profissional da professora cooperante. Este aspeto torna-se relevante na ação educativa tendo em conta que na formação inicial das mestrandas, a referida professora será um modelo educativo contudo, as suas práticas não podem nem serão copiadas na sua totalidade pois cada contexto é singular, complexo e incerto. De acordo com Cabanas (2002) um modelo “é uma certa realidade (pessoa, acção, qualidade, situação) que estimula a sua imitação” que explica muitas formas de comportamento humano (Cabanas, 2002, p. 302). Assim sendo, o/a modelo estimular mais “quanto maior auto-suficiência pessoal revelar, maiores sejam as boas consequências por se seguir o seu exemplo, melhores sejam as relações afectivas estabelecidas com o observador, quanto mais reforce o modelo da sua própria conduta, quanto mais contínua seja a sua presença” e quanto mais relevo dá à sua presença (intensidade, novidade, expressividade, mobilidade, entre outros) (ibid., p. 304). Deste modo, emerge a necessidade de os/as Educadores/as saberem como se mostrarem aos seus/as alunos/as se os/as quiserem influenciar através do seu contacto e relação afetiva. Daqui se infere que tanto a professora cooperante é um modelo para os/as seus/uas alunos/as como para o par de estagiárias e as mesmas para a turma.

Desta forma, foi observado que a mesma organiza as aulas a partir da sequência que aparece no manual escolar, elaborando para tal um fio condutor através da realização de planificações semanais. Neste sentido, os manuais têm sido, são e creio que provavelmente continuarão a ser o recurso mais importante nas ações educativas, em geral, e na sala de aula, em particular. Este facto repete-se devido aos manuais se apresentarem como tradução concreta do programa escolar, de serem fruto de experiências aparentemente validadas e de permitirem um acesso imediato a um conjunto de saberes, libertando o/a professor/a para outras tarefas (Dionísio, 2000). Simultaneamente, os manuais são agentes que ultrapassam o contexto escolar restrito, sugerindo hábitos, modos de pensar apropriados à integração

dos/as alunos/as na sociedade. Tal facto regista-se por exemplo nos manuais adotados pela instituição de estágio (Alfa – Português e Estudo do Meio, Grande Aventura – Matemática) em que se encontram páginas dedicadas às exigências sociais. Desta forma e segundo o que os autores do Manual de Matemática, *A Grande Aventura*, 3.º ano mencionam “as finalidades do ensino da Matemática apontadas no Novo Programa, a estruturação de pensamento, a análise do mundo natural e a interpretação da sociedade são pontos fortes deste projeto” (Projeto A Grande Aventura) (Landeiro, *et al.*, 2013, p. 4).

Torna-se relevante mencionar ainda, a importância acrescida que recai sobre a reutilização dos mesmos manuais. Tendo em conta a crise económica que o país enfrenta e indo ao encontro do preconizado no Despacho Normativo nº 13173-A/2011, de 30 de setembro, os manuais escolares, devem permitir a sua reutilização. Para tal, ao longo do livro são encontrados símbolos que assinalam atividades/tarefas que requerem que sejam realizadas no local onde o/a professor/a indicar. Assim sendo, e tomando a ideia mencionada como premissa, a diáde de estagiárias juntamente com a professora cooperante atendia a este facto solicitando a realização de tais atividades/tarefas nos cadernos diários.

Mais digo, que graças a um mecanismo de exploração didática mais elaborada, como o recurso à cor, imagens, esquemas, fichas de exercícios, os manuais tornaram-se mais científicos, objetivos e pedagógicos. Desta forma, os manuais tornam-se lugar de construção não só daquilo “que se pode ser dito na aula (os conteúdos), como do modo de dizer (a pedagogia) e das formas de comprovar as aquisições realizadas (a avaliação) (Dionísio, 2000, p. 82). Talvez por isto, a professora cooperante recorra ao manual sistematicamente, simultaneamente e de acordo o que foi apurado pelas estagiárias, tal recurso é fundamental na integração das famílias devido à crise económica que o país enfrenta, sendo deste ponto de vista, um investimento familiar.

Continuando, com as informações recolhidas durante a observação, realça-se uma das principais características naturais da profissional que favorece a interação com a turma que é a sua capacidade de escuta, mostrando-se muito atenciosa com os/as alunos/as, principalmente com os dois alunos com NEE que integram a turma, traduzindo esta boa relação para a predisposição dos/as mesmos/as para a aprendizagem promovendo a segurança afetiva. Ao longo das suas aulas, recorreu também a materiais diversificados de modo a abordar novos conteúdos, inspirando desta forma a capacidade de motivação e concentração para o diálogo. Este facto, observou-se, aquando da abordagem do conteúdo de unidade de milhar, inserido na área curricular de Matemática, utilizando para efeito o MAB – Material Multi Básico – tal como demonstra a fig. 5.

É importante aludir ao facto que a observação das práticas da professora cooperante levou a que o par de estagiárias incorporasse nas próprias algumas das ações observadas. Vejamos o exemplo das correções dos trabalhos de casa e das fichas de trabalho realizadas



Fig. 5 Utilização de materiais diversificados - MAB

na própria sala de aula. Maioritariamente, esta é realizada individualmente nos cadernos diários e nos livros de fichas, chamando os/as alunos/as um a um, de forma a analisar os erros ortográficos e a caligrafia sendo estes posteriormente corrigidos.

Um outro aspeto crucial no desenvolvimento das aulas diz respeito à marcação do tempo da realização das tarefas. Este facto permite ao/à aluno/a organizar o material bem como, elaborar esquemas mentais num *timing* que favoreça a realização da atividade/tarefa num período adequado às características individuais de cada um/a.

Direcionando agora um olhar crítico para a disposição do material na sala de aula bem como a sua ergonomia. A sala dispõe de pouca iluminação natural pois as janelas além de serem altas possuem grades de segurança, sendo necessária constantemente a utilização de luz artificial (Fig.6).

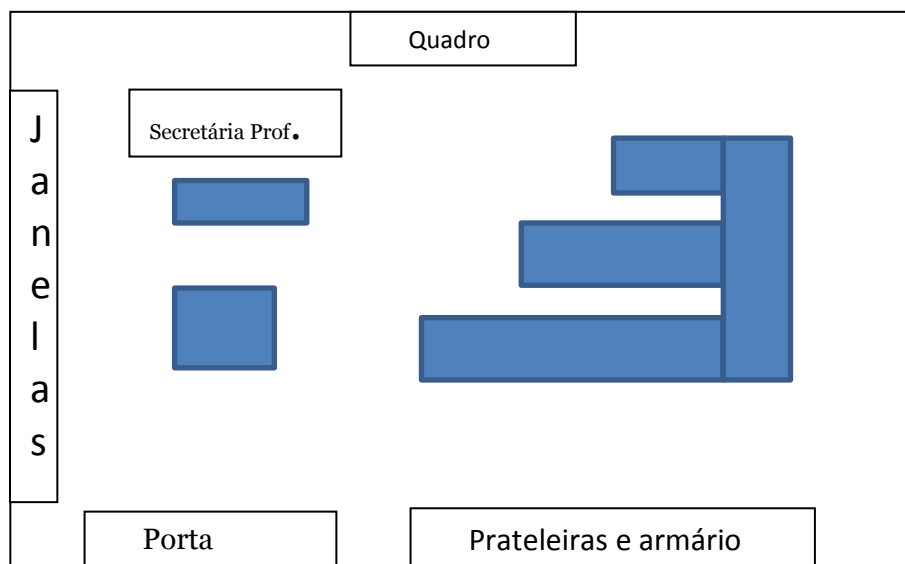


Fig. 6 Janelas com grades

Apesar das contrariedades, este facto possibilita uma visualização adequada para o quadro interativo

aquando da correção de tarefas bem como, na visualização de filmes e/ou outros formatos digitais.

No que se refere à organização das cadeiras e das mesas de trabalho, esta foi seleccionada pela professora cooperante e obedece ao seguinte esquema:



Quadro 1. Disposição da sala de aula

A presente disposição oferece um espaço livre para circulação e simultaneamente uma fruição satisfatória da luminosidade natural uma vez que a maioria dos/as alunos/as se encontram direcionados de frente para as janelas. Contudo, nas últimas semanas a secretária da professora sofreu uma alteração ficando esta paralela às janelas e de frente para os/as alunos/as que proporciona uma melhor visualização multidirecional da professora para os/as mesmos/as e destes para a professora, mantendo simultaneamente uma correta postura corporal, parte dos/as alunos/as.

Neste palco da observação foi facilmente detetado que a maioria dos lanches dos/as alunos/as eram pouco saudáveis, sendo estes constituídos principalmente com ingredientes à base de chocolate e açúcar (bolos, bolachas, sumos) tal como se pode observar nas figuras 7 e 8.



Fig. 7. Lanche pouco saudável



Fig. 8 Alimento com chocolate

Esta informação constituiu-se como sendo o mote para o desenvolvimento de várias atividades culinárias inseridas no tema de um estilo de vida saudável e conseqüentemente da alimentação saudável que posteriormente serão descritas e analisadas.

Situados então, na semana correspondente à observação e cooperação simultânea, em linhas gerais, esta favoreceu retirar conclusões mais concretas e precisas acerca da dinâmica organizacional adotada na sala de aula bem como, de cada aluno/a na sua individualidade, permitindo um acompanhamento/cooperação nas tarefas propostas de acordo com a especificidade de cada um/a.

Neste sentido, e tendo em conta que na área curricular de Estudo do Meio se abordaram as diferenças e as semelhanças entre a cidade e o campo, foi sugerido então, pela professora cooperante a leitura e exploração do conto “O Rato da Cidade e o Rato do Campo” por parte das estagiárias. Desta forma, após uma pesquisa, as mestrandas selecionaram uma versão do mesmo conto da autora Alice Vieira que integra o elenco canône da literatura infantil portuguesa, acessido em: <http://e-livros.clube-de-leituras.pt/elivro.php?id=ratodocampoeratodacidade>

Visto que foi a primeira atuação da dupla de estagiárias, a maioria dos/as alunos/as expectantes, demonstraram deter um elevado nível de concentração e motivação, por constituirmos uma novidade no palco da atuação docente. Esta tarefa, tendo em conta que se desenvolveu através do recurso às tecnologias (projektor, computador, quadro e colunas) permitiu apelar uma vez mais, às competências delineadas para a UC em questão, a destacar: “Compreender o papel do professor na era do conhecimento, do digital e do global face a uma geração multimédia” (Ficha Curricular UC, 2013, p. 1). Desta forma, as estagiárias ao apelar à corrente construtivista, desenvolvida no ato educativo, elucidam o uso recorrente da internet como facilitador da procura de soluções para a construção de conhecimento, assentada na diversidade de pareceres aquando da compreensão das conexões ciência-tecnologia-desenvolvimento.

No entanto cabe ao/à professor saber qual ou quais a(s) ferramentas web mais adequada(s) em contexto sala de aula, fomentando o gosto pela aprendizagem atribuindo significado à mesma. Desta forma, ao longo das intervenções alternadas das estagiárias, outros recursos web como jogos interativos (cf. Anexo 2AIII e 2AIV) e páginas eletrónicas oficiais como é o exemplo do Plano Nacional de Leitura, constituíram como uns dos elementos principais que proporcionaram aos/às alunos/as desenvolver competências técnicas referentes à sua utilização, como também, competências inscritas nas mais variadas áreas do saber. Estamos conscientes que a evolução e consequentes transformações ocorridas na sociedade atual nomeadamente, o

desenvolvimento repentino da ciência e da tecnologia exigem também mudanças e transformações das práticas educativas nas escolas. Segundo Costa, Peralta & Viseu (2007) as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) provocam o aparecimento de uma nova pedagogia e, por um lado reforça alguns princípios pedagógicos pondo em causa as conceções lineares de aprendizagem. Assim sendo, pode-se afirmar que as TIC são: i) meios e recursos; ii) mediadoras/facilitadoras do processo de ensino e de aprendizagem; iii) variantes metodológicas; iv) apoios ao trabalho do/a professor/a.

De acordo com Miranda (2007) os/as professores/as devem usar as novas tecnologias com os/as alunos/as para tratar e representar a informação, para os apoiar, construir conhecimento significativo e para desenvolver projetos, no entanto, sem impor a sua utilização forçada e/ou adequada ao contexto. Neste seguimento, a integração das novas tecnologias no ensino deve ser encarada como um reforço da profissionalidade docente e de uma nova organização das escolas para favorecer o sucesso escolar dos alunos, atendendo simultaneamente às características ergonómicas que a instituição educativa oferece bem como, a individualidade de cada aluno/a.

Direcionando novamente um olhar para a exploração do conto referenciado, tornou-se essencial nesta primeira atuação educativa a intervenção da professora cooperante auxiliando o processo de exploração, devido à pouca experiência por parte das estagiárias no desenvolvimento do respetivo currículo e na cooperação e mobilização de saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares.

Na semana seguinte (de 16 a 18 de outubro) surge então uma atividade alternada por elemento de díade. Tal como já foi referido os/as alunos/as na sua maioria adotavam, pelo menos no lanche da manhã, alimentos um pouco nefastos para a saúde. Desta forma, no dia 16 de outubro – Dia Mundial da Alimentação – a atividade realizada por uma das estagiárias incidiu-se na confeção de um batido de frutas. O dia iniciou-se com um diálogo orientado pela formanda sobre os hábitos alimentares a adotar, sensibilizando desta

forma os/as alunos/as para o mesmo. Durante o diálogo, surgiu o imprevisto de ter que selecionar cinco alunos/as para se dirigirem à biblioteca da escola para a realização de um *peddy papper* relacionado com a comemoração do dia, dinamizado pela bibliotecária da mesma. A seleção foi baseada em critérios diferenciados a destacar: i) participação oral; ii) comportamento. Desta forma, foram selecionados alunos/as que participaram ativamente e outros/as que só participavam com solicitação de modo a cativar os/as mesmos/as para a aprendizagem incentivando-os/as através da recreação, os restantes foram escolhidos pelo adequado comportamento mantido no interior e no exterior da sala de aula. Enquanto esta atividade se desenrolava, a professora cooperante assumiu a continuação da exploração do tema na sala de aula. Já situados no período da tarde, foi então confeccionado um batido de frutas, para o qual os/as alunos/as contribuíram com fruta trazida de casa para a confeção do mesmo. Tendo em conta que o tempo necessário para a confeção deste era mínimo, durante um período de aproximado 45 minutos, os/as alunos/as levaram a tarefa de terminarem os trabalhos que tinham em atraso, enquanto a professora cooperante juntamente com as estagiárias descascavam a fruta sendo necessários utensílios de cozinha cortantes. Outros/as alunos/as à medida que terminavam as tarefas propostas auxiliavam na preparação do batido descascando por exemplo as bananas pois não eram precisos utensílios.

Após a degustação do batido de fruta, a estagiária orientou um diálogo que mais uma vez sensibilizou os/as alunos/as para a importância de adotarem um estilo de vida saudável e consequentemente uma boa alimentação, aproveitando a situação para estabelecer uma ponte articuladora com a área curricular de Português, mais especificamente o tipo de texto, a receita. Ainda sobre esta atividade, torna-se crucial tecer ainda alguns comentários reflexivos sobre a mesma. O tempo de diálogo após a degustação, aproximadamente 30 minutos, foi considerado pelas estagiárias como pela professora cooperante, alargado visto que alguns/mas alunos/as começavam a dispersar-se não prestando atenção e não participando ativamente no

mesmo. Desta forma, uma das sugestões possíveis de transformação desta situação reside no facto de prolongar o tempo da realização das tarefas escolares em atraso, adiando simultaneamente a confeção do batido, ou então solicitar aos/às alunos/as o registo no caderno diário da receita do respetivo batido. Tal tarefa não se realizou pois os/as alunos/as já tinham arrumado os materiais nas prateleiras e seria um contrasenso solicitar-lhes para irem buscar novamente os mesmos. No entanto, a estagiária no momento do imprevisto solicitou aos/às alunos/as que no período da manhã realizaram o *peddy papper* para colocarem aos/às colegas questões que tiveram que responder, relacionadas com a data comemorativa. Por sua vez, além da interação estabelecida entre alunos/as, este diálogo facultou o desenvolvimento das capacidades comunicativas e discursivas, passando pela entoação interrogativa, acolhendo o domínio de Português Expressão e Compreensão do Oral. Esta interação estendeu-se ao aluno com NEE, que participou ativamente no diálogo querendo colocar igualmente questões aos/às colegas como: “O que é uma abóbora?”, “E cenoura?”. Tal como o consignado no Dec. Lei nº 241/01, de 30 de agosto III – Integração do Currículo, ponto 2, alínea a), no âmbito da educação em Língua Portuguesa, o/a professor/a do 1.º Ciclo “desenvolve nos alunos as competências de compreensão e de expressão oral, mobilizando conhecimentos científicos” relativos à linguagem e à comunicação interpessoal.

Neste enquadramento, torna-se equitativamente crucial explicar outras atividades culinárias, enquadradas numa vertente socio-construtivista de saberes. Assim, na 8.ª e 11.ª semana de intervenção, foram confeccionados respetivamente, *Salame de chocolate* e *Sopas Secas*. Estas duas intervenções além de idênticas no que se referem aos conteúdos abordados, principalmente matemáticos (peso e medida) concretizaram-se, adotando uma gestão por pequenos grupos e grande grupo (turma) (cf. Anexo 2AV e 2AVI). Surge então a ideia que, embora a Matemática se caracterize pela abstração e formalismo, o conhecimento matemático é reforçado através das interações entre o(s) indivíduo(s) e o meio. Portanto, devido às

representações sociais se manifestarem como conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com vista ao atendimento de necessidades objetivas, as representações sociais são tidas como estratégias de comunicar o que já se julga saber. Por isso mesmo, entende-se que conhecimentos socialmente partilhados acerca de Matemática constituem-se também como indicadores e diretrizes no processo educacional.

No dia seguinte, a atividade dinamizada por uma das mestrandas concentrou-se no facto de explorar o conteúdo de freguesia e concelho, inserido na área curricular de Estudo do Meio. Assim, de forma a tornar a aprendizagem significativa a estagiária orientou um diálogo em que os/as alunos/as manifestaram os seus conhecimentos relativos à sua naturalidade. Para efeito recorreu a um esboço do brasão de Rio Tinto explorando a simbologia de cada elemento que o integra e contando, a lenda associada ao à toponímia da freguesia, já mencionada no capítulo anterior. Posteriormente, foi distribuído a cada aluno/a um esboço do mesmo brasão que tinha como objetivo colorir com as cores corretas do respetivo. Esta tarefa permitiu o desenvolvimento das capacidades de motricidade fina que se relaciona com a expressão motora, contudo recorre a materiais e instrumentos (lápiz de cor, marcadores, canetas, entre outros) e a códigos próprios mediadores dessa expressão.

Relativamente à semana de desenvolvimento de prática durante o período da manhã (de 23 a 25 de outubro), as estagiárias realizaram atividades em áreas curriculares distintas. Em primeiro lugar, foi a primeira atividade supervisionada da estagiária Marisa o que acarretou um sentimento recíproco de ansiedade e nervosismo por parte da díade. No entanto, a exploração do conteúdo Horas, inserida na área curricular de Matemática desenvolveu-se a partir de estratégias diferenciadas que levaram a que os/as alunos/as adquirissem conhecimentos. Assim sendo, a aula iniciou-se com o registo no quadro interativo de uma reta numérica com o objetivo de situar os/as mesmos/as no tempo cronológico. Esta tarefa com o auxílio do diálogo orientou os/as mesmos/as para o registo do tempo em instrumentos como os

relógios, sendo este o mote de exploração para o elemento motivador: relógios de vários formatos escondidos com um pano, que foram lentamente descobertos e explorados e que predispueram os/as alunos/as para a aprendizagem. Posteriormente, registrando no



Fig. 9 Relógio de plástico

quadro as principais ideias sobre o tema horas e/ou relógios, a estagiária abordou as unidades de tempo auxiliando-se simultaneamente com um esboço de um relógio. Continuando e de forma a explorarem este conteúdo e de tornar a aprendizagem significativa, através de relógios distribuídos por cada par de alunos/as, a estagiária solicitou que estes/as registassem nos mesmos horas importantes como: a hora de se levantarem, de chegar à escola, a hora de nascimento, entre outras, como expressa a figura 9. Por fim, para consolidação de conteúdos em pequenos relógios, que posteriormente foram colados nos cadernos diários de matemática de cada aluno/a, realizaram a tarefa de registarem certos tempos mencionados e corrigidos pela estagiária.

No dia seguinte, a outra estagiária desenvolveu uma atividade patente na área curricular de Estudo do Meio, mais especificamente naturalidade e nacionalidade – distrito e país (cf. Anexo 2AVII). Nesta perspetiva, a aula iniciou-se igualmente como no dia anterior, com um elemento motivador: uma caixa. À medida que os/as alunos/as iam chegando à sala de aula questionaram de imediato a estagiária sobre a mesma: “O que é que tem lá dentro?”, “É uma surpresa?”. Estas são algumas das expressões utilizadas pelos/as alunos/as demonstrando o seu súbito interesse da funcionalidade de tal objeto na sala de aula às quais a estagiária apenas respondia que ao longo da manhã se iria descobrir. O primeiro elemento a ser retirado da caixa foi

uma boneca tradicionalmente russa denominada por *Madriosca* que contém no seu interior outras bonecas iguais mas de tamanho inferior, em que só se descobriu o porquê de ali estar apenas no final da aula. Esta continuou com a exploração de outros elementos que representam a nacionalidade portuguesa, retirados progressivamente da caixa tais como: galo de Barcelos, uma pedra vulcânica dos Açores, bandeira nacional e um CD com o Hino Nacional. É importante elucidar que estes elementos não seriam todos explorados neste dia contudo, após o intervalo da manhã (das 10h00 às 10h30) e por orientação da professora cooperante, a aula progrediu até à hora de almoço. Tendo em conta que a exploração dos conteúdos evolui através da complexidade partindo do particular para o geral, neste caso a exploração da noção de freguesia, concelho, distrito e posterior país, atendendo a uma ordem crescente de território, a Boneca *Madriosca*, serviu como mote para revelar que cada boneca constitui uma parte maior (país) e as restantes as unidades organizacionais que constituem o mesmo (distrito, concelho e freguesia). Relativamente ao meu desempenho, senti que o nervosismo se dissipou à medida que ia conquistando a confiança dos/as alunos/as e através da constante dialogicidade estabelecida com os/as mesmos/as, apesar de ter sentido que existisse momentos de quebra de motivação e concentração uma vez que o tempo de diálogo foi bastante extenso, não tendo por isso solicitado nenhuma tarefa de escrita apenas de leitura. Tal tarefa revela-se crucial nesta fase de elaboração de esquemas mentais de conteúdos de conhecimentos pois, permite, mas não só, uma consolidação do que foi abordado anteriormente.

No que se refere ao aluno com NEE, este sentiu uma enorme necessidade de explorar a *Madriosca*, contudo tinha como tarefa a colorir um mapa de Portugal com a delimitação dos distritos que o compõem, tendo este que fazer a correspondência biunívoca das cores uma vez que este aluno tem como preferência atividades enquadradas na Expressão Plástica. Posto isto, a exploração da boneca constitui-se como o mote para a (re)conhecimento da sequência numérica até cinco, uma vez que num total existiam cinco bonecas,

das cores, e dos graus de parentesco visto que associou ser a boneca maior a mãe e as restantes as filhas e sobrinhas. A partir deste recurso o respetivo aluno elaborou construções geométricas, como podemos observar na fig. 10,



Fig. 10 Recurso aluno NEE – Mapa de Portugal

permitindo o desenvolvimento da capacidade de tridimensionalidade e organização espacial.

Simultaneamente e segundo o documento intitulado por *Organização Curricular e Programas 1.º Ciclo do Ensino Básico* do Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica (2004) o desenvolvimento de atividades que envolvem a

manipulação e experiência de materiais favorece aos/às alunos/as criarem e desenvolverem formas pessoais de expressar o mundo e de representar a realidade, como também contribui para a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

Dando continuidade ao conjunto de competências prescritas na área curricular de Estudo do Meio, na semana seguinte a díade juntamente com a professora cooperante, planificou as aulas de forma a consolidar os conteúdos abordados na semana anterior. Assim sendo, e detendo já um conhecimento alargado acerca das características individuais de cada aluno/a, esta aula foi desenvolvida apresentando tarefas diferenciadas.

De acordo com o prescrito no 1.º Guião de Pré-Observação (cf. Anexo 2AVIII), inicialmente o diálogo orientado pela estagiária apontou para a recordação do quadro conteudinal relativo ao tema de naturalidade e nacionalidade de forma a esclarecer possíveis dúvidas. A partir desta interação dialógica surgiram os dois principais símbolos que representam a nacionalidade portuguesa – a Bandeira e o Hino Nacional “A Portuguesa”. Então, a estagiária solicitando aos/às alunos/as que adotassem “olhos de

águia” apresentou um curto vídeo acedido em: <http://www.youtube.com/watch?v=jv78DQK0zD4> que demonstrava a evolução da bandeira nacional ao longo do tempo. Após um diálogo sobre o observado no recurso educativo, que por si só, constituiu-se como sendo o elemento motivador do processo de ensino e de aprendizagem, foi pedido aos/as alunos/as que fechassem os olhos de maneira a aumentarem a sua concentração. Realizando assim um exercício de escuta ativa, foi lido um texto de Maria Alberta Menéres intitulado por “A Bandeira Nacional”, o qual explana a simbologia da mesma. Após a leitura e exploração do conteúdo do texto, a continuação da análise da simbologia operou-se segundo a construção de uma bandeira nacional, colando símbolo a símbolo numa cartolina branca. À medida que a bandeira ia sendo construída a mestrandia explorava o seu significado dando margem para os/as alunos/as colocassem as questões/dúvidas visto que, este conteúdo envolve um nível de abstração uma vez que se recorre a datas e a factos históricos significativos que se relacionam com a existência da bandeira nacional. Neste enquadramento, um dos principais objetivos do ensino da História resume-se: compreender os factos ocorridos no passado e saber situá-los em seu contexto. Isto significa, que é preciso que os/as alunos/as saibam reconhecer convenções temporais cotidianas, que vão desde o “antes de” ou “depois de” até as divisões clássicas da História, ou a estrutura circular, a origem convencional dos calendários, entre outros. Para efeito é necessário saber localizar alguns acontecimentos simples utilizando convenções cronológicas adequadas (Prats, 2006). Nesta linha de pensamento o principal constrangimento encontrado por parte da estagiária ao longo do desenvolvimento da atividade residiu no facto dos/as alunos/as na sua maioria, não saberem “contextualizar os factos e de demonstrar que são conscientes das motivações humanas com relação aos acontecimentos passados” e que estes estão intimamente relacionados com mais de uma causa e diversas consequências (Prats, 2006, p. 198).

De forma a consolidar as aprendizagens, foi distribuída uma ficha de trabalho, que sugeria a correspondência entre os símbolos e o seu significado que posteriormente foi corrigida oralmente e em grande grupo. Ao longo da exploração da simbologia, a estagiária sempre que pertinente, mencionava algumas curiosidades relacionadas com o tema, como a dobragem oficial da mesma, explorando técnicas de expressão (dobragem) que não só “contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies” (Ministério da Educação, 2004 p.95). Assim sendo, com pequenas bandeiras impressas, seguindo as indicações da estagiária, cada aluno/a dobrou a bandeira que numa fase posterior, para trabalho de casa, foi colada no caderno diário de Estudo do Meio seguindo-se a enumeração e descrição dos passos da dobragem.

Importa esclarecer simultaneamente, que este roteiro de aula sofreu alterações significativas estando na base reflexões efetuadas entre a díade de estagiárias. Desta forma e conforme o que foi planificado (cf. Anexo 2AIX) a leitura do texto de Maria Alberta Menéres e a dobragem da bandeira substituiu a construção de um bilhete de identidade de Portugal, integrando no mesmo a moeda, o idioma, a extensão territorial, entre outros. Esta transformação encontra a sua génese na perspetiva que talvez a ideia de atribuir um documento nacional a um país, confundisse as/as alunos/as nas suas representações e conhecimentos já adquiridos. Por sua vez, a integração da leitura do texto, no meu ponto de vista proporcionou a aquisição de conhecimentos, estabelecendo uma simbiose entre as várias áreas curriculares (Português e Estudo do Meio) metamorfoseando o processo de ensino e de aprendizagem com significado e harmonia.

Tomando como premissa a importância da articulação entre os diferentes conteúdos das várias áreas curriculares e tendo em conta a data comemorativa do dia 31 de outubro – *Halloween* – a mesma foi realizada realçando o facto que esta festividade não é tradicionalmente portuguesa. Desta forma, foi contada a lenda associada a tal celebração lembrando e

explicando o significado da existência de elementos característicos deste dia. Após um diálogo orientado pela estagiária, na qual solicitou os/as alunos/as menos participativos ativamente foi possível a realização de um exercício de escuta ativa, que integra a proposta de trabalho no manual de Português que tinha como principal objetivo preencher um questionário de acordo com a informação ouvida. Este questionário, apenas foi respondido após a terceira audição do respetivo texto. Contudo, foi detetável ao longo da correção oral e em grande grupo do mesmo, lacunas que encontram a sua origem na distração ao longo da audição. Nesta perspetiva, e de forma a transformar esta situação, talvez fosse favorável iniciar esta tarefa com um outro tipo de exercício de escuta ativa como por exemplo, o jogo do telefone variado, em que silenciosamente cada aluno/a passa uma mensagem ao ouvido do seguinte, ou então, solicitar que dois/duas alunos/as se ausentassem da sala enquanto a mestranda contava uma história à restante turma, por fim, um/a aluno/a contava o que ouviu a um/a aluno/a que estava no exterior e este/a ao/à outro/a aluno/a. Aqui, iria se registar a inexistência de factos importantes e/ou pormenores, situação esta que após uma explicação por parte do/a professor/a realçaria a importância da concentração e memorização, o que simultaneamente proporcionaria a cada aluno/a um nível de concentração mais elevado na realização da proposta de trabalho. Na realização de outras propostas semelhantes e em diálogo com a professora cooperante, uma vez que foram desenvolvidas por esta, a maioria da turma revelou um nível de concentração e de escuta mais elevado, que se refletiu no aumento de respostas corretas dos questionários.

No período da tarde, uma vez que no horário da turma aqui destacada, alvitra como áreas de exploração para essa tarde Apoio ao Estudo e Expressão Plástica e mais uma vez, articulando os conteúdos abordados no período da manhã e alienando aos mesmos as reais necessidades da maioria dos/as alunos/as, foi explorado um problema matemático relacionado com a data comemorativa. Durante a realização individual do mesmo, a estagiária percorreu os lugares de forma a auxiliar na tarefa aproveitando a situação

para esclarecer dúvidas, estabelecendo assim uma interação positiva com a turma. Continuando no tempo, à medida que os/as alunos/as iam terminando a tarefa, tinham como responsabilidade a partir de uma colher de pau e materiais de desperdício construindo um fantoche de uma bruxa permitindo a libertação de tensões, o desenvolvimento da motricidade fina, da criatividade e imaginação, a exploração da tridimensionalidade, constituindo-se como um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos (Ministério da Educação, 2004). Tal facto pode ser observado através das figuras 11 e 12 que demonstra as representações imaginativas criadas pelos/as alunos/as.



Fig. 11 Criação de fantoche (1)



Fig. 12 Criação de fantoche (2)

Avançando a nível curricular e tomando como premissa a articulação conteudinal presente ao longo de todo o estágio, as atividades desenvolvidas ao longo da 7.^a semana de estágio desenvolveram-se em torno da evolução dos meios de comunicação e de transporte.

Tal como o registado na planificação diária referente ao primeiro dia de intervenção da estagiária (cf. Anexo 2AX) o dia iniciou-se com um diálogo orientado pela mesma de forma a obter conhecimento acerca das aprendizagens adquiridas nos dias anteriores e de modo a estabelecer um fio condutor. Este diálogo revela-se extremamente importante pois convoca de uma maneira explícita ou implicitamente o/a aluno/a para a aprendizagem

aproveitando a ocasião para esclarecer dúvidas. O mesmo torna-se crucial, pois permite ao/a profissional ter conhecimento acerca da disposição de cada aluno/a adequando assim, o processo de ensino e de aprendizagem à sua individualidade como simultaneamente reforça a relação positiva entre professor/a – aluno/a devido ao apoio emocional e afetivo demonstrado. Ainda, sobre este diálogo importa mencionar que o mesmo permite contextualizar o par de estagiárias ao nível conteudinal uma vez que os dois anteriores à intervenção são assegurados pela professora cooperante. Desta forma, foi possível saber que devido a fatores externos, a abordagem sobre a evolução dos meios de comunicação não foi possível de exercer. Este facto traduz da melhor forma possível a capacidade de improviso que o/a docente deve deter, pois neste caso a sequência das tarefas perspectivadas e planificadas dependiam desta abordagem e exploração. Assim sendo, como forma de contorno da situação a estagiária, recorrendo ao manual explorou o conteúdo referido utilizando como principal elemento motivador a exposição curiosidades acerca dos mesmos e adotando uma postura questionadora que “despertasse” os/as alunos/as para a aprendizagem. Simultaneamente, esta flexibilização traduziu na não execução das atividades planificadas pela tríade como por exemplo o concurso de soletração sobre os meios de transporte, sendo este transportado para semanas seguintes adaptado ao tema. Esta situação carece ainda de um olhar reflexivo referente ao carácter flexível da planificação e da atuação docente. Torna-se obrigatório chamar a atenção, na perspectiva de Altet (2000), o acompanhamento ou atenção aos planos de aulas no decorrer das mesmas contribui para o seu aperfeiçoamento constante permitindo um melhor resultado e conseqüentemente um ensino/aprendizado mais efetivos. Seguindo a perspectiva construtivista o conceito de planificação, este passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem atividades que não são à partida previsíveis e que para além disso atendam à diversidade das situações. Isto facto pressupõe na sua generalidade prever atividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos de modo desafiante, provocando-lhes conflitos

cognitivos (Braga, *et al.*, 2004). Desta forma, a situação descrita não permitiu na sua totalidade uma abordagem e aprendizagem significativa dos conteúdos, uma vez que apenas foram explorados através do diálogo. Transpondo este facto para o futuro, elucida a estagiária que deveria prever tal situação e/ou outras, incorporando assim, na sua planificação recursos ou atividades que atendessem ao problema.

No mesmo dia, a estagiária desenvolveu aquela que foi a sua 2.^a atividade supervisionada. Segundo o 2.º Guião de Pré-Observação (cf. Anexo 2AXI) o par de estagiárias juntamente com a professora cooperante, perspectivou e planificou uma atividade pedagógica inserida na área curricular de Português, dando por isso relevo aos interesses e necessidades da turma. Assim, alguns/mas revelam carências ao nível da estruturação e compreensão do texto dramático ao mesmo tempo que demonstram uma elevada curiosidade e motivação acrescida atendendo às características de tal texto. Desta forma, a leitura e a exploração de um excerto do texto dramático “A Carochinha” que integra o livro “Robertices” de Luísa Dacosta, traduziu-se no recurso literário utilizado pela estagiária para possivelmente colmatar tais necessidades e atender às motivações. Refletindo acerca do desenvolvimento da atividade esta partiu da exploração da capa do referido livro através do recurso, projetada a partir de uma página web bem como de todo o texto, esmiuçando os elementos que integram a mesma de maneira a incentivar os/as alunos/as para a aprendizagem como a despertar a curiosidade e o desejo de saber através da indagação. As tarefas continuaram com a leitura do texto por parte da estagiária seguindo-se pela leitura aleatória por parte de cada aluno/a. No entanto a atribuição das personagens, tendo em conta que se expõe o tipo de texto dramático, foi concebido de uma forma diferenciada, ou seja, cada aluno/a tinha por debaixo da sua respetiva mesa de trabalho, uns cartões que mencionavam qual a personagem atribuída, fazendo então, quatro grupos com cinco personagens cada. O referido texto continha algumas palavras menos conhecidas pelos/as alunos/as pois, posteriormente foi-lhes solicitado que sublinhassem as palavras que “não conheciam”. Este pedido originou que

os/as alunos/as sublinhassem vocábulos que contextualizados no texto era possível retirar o seu respetivo significado, estendendo por isso, o tempo demarcado para esta tarefa. Possivelmente, se a estagiária somente mencionasse o que significava certas palavras, os/as alunos/as não se alargassem na sua pesquisa, atribuindo ainda espaço para que cada um/a pudesse solicitar o significado de outras. Desta forma, a tarefa referente à escrita não foi possível realizar-se, ficando assim, para trabalho de casa.

No dia seguinte, a recordação dos meios de comunicação constituiu-se como sendo o mote para a exploração dos meios de transporte. Esta abordagem iniciou-se a partir da demonstração de um reta numérica e

imagens de meios de transporte em que os/as alunos/as em grande grupo teriam que colocar a ordem cronológica da evolução dos mesmos. Tendo em conta que a estagiária organizou as imagens e as datas respectivas somente sobre os meios de



Fig. 13 Reta numérica sobre a evolução dos meios de transporte e comunicação

transporte, esta sentiu a necessidade de em diálogo com

a professora cooperante e com o par pedagógico incorporar na mesma reta a evolução dos meios de comunicação, tal como é visível na figura nº13.

A opção da organização do grupo ser em grande grupo, gerou espaços de confluência de saberes advindos por fontes diferenciadas o que levou a que os/as alunos/as tivessem que gerir opiniões apostas às suas. Desta forma, a participação democrática na vida em grande grupo é um meio fundamental da formação pessoal e social criando vivências “de valores democráticos, tais como: participação, a justiça, a responsabilização, a cooperação ...” (Silva, 1997, p. 54). Por sua vez, a seleção deste tipo de gestão de grupo permite contrapor o que foi observado e registado nos já mencionados guiões de observação, em que a professora cooperante apenas adotava

maioritariamente, um metodologia de ensino e aprendizagem unidirecional (professora-aluno). Posteriormente, a ordem cronológica foi corrigida em grande grupo, situação essa que permitiu a exploração do conteúdo. Consolidando os conteúdos abordados relativos à evolução dos meios de comunicação e de transporte, foi visualizado um vídeo acedido em: <http://www.youtube.com/watch?v=jZUUbDN6gbc>, que retrata uma situação em que vários tipos de comunicação e transporte se intersectam, criando implicitamente uma síntese dos conteúdos abordados anteriormente. Conforme o mencionado na planificação (cf. Anexo 2AXII) mais uma vez, a realização de um trabalho de produção escrita (composição) relativa ao observado no vídeo não foi possível realizar-se, uma vez que na tarefa do



Fig. 14 Tabelas das alturas dos/as alunos/as

registro dos quadros síntese sobre os conteúdos abordados anteriormente estendeu-se, tendo por isso, este vídeo apenas sido visualizado e explorado através de um diálogo orientado pela estagiária. Face à importância social atribuída às TIC, assume-se

que o vídeo pode ser usado como meio de comunicação ou como

meio de expressão. Tem como principal vantagem apoiar com imagens os temas/conteúdos que estão a ser abordados na aula, “trazendo realidades dificilmente acessíveis à experiência directa do aluno” (Diogo, 2010, p. 88).

Articulando as áreas curriculares e estabelecendo um fio condutor, tal como os transportes e os meios de comunicação, os seres humanos também evoluem e (re)aproveitando um recurso já construído por estagiárias da ESE/IPP em anos anteriores, efetuou-se a medição da altura de cada aluno/a que constitui a turma, como o observado na fig. 14.

Os/as alunos/as ao descobrirem quanto cresceram de um ano para o outro, partiram desta forma, à descoberta de si mesmo e dos outros podendo simultaneamente, refletir, enquadrar e compreender o mundo em que vive e as relações existentes entre ele. Posteriormente, foi solicitado a resolução de uma ficha de trabalho matemática construída previamente pela formanda (cf. Anexo 2AXIII) com exercícios relacionados com a medição das alturas. Contudo, esta apresentava um grau de dificuldade um pouco elevado, uma vez que as operações da adição implicavam um esforço mental maior, levando a que a maioria dos/as alunos/as desistisse da sua resolução. Considero, pertinente mencionar que esta situação ocorreu devido a dois fatores i) inexperiência da estagiária, considerando que embora se tenha que alargar as capacidades e conhecimentos dos/as alunos/as por vezes, isso pode-se tornar um fator inibidor da aprendizagem; ii) a não resolução da ficha de trabalho por parte da mestrande. Se a estagiária a resolvesse, facilmente detectaria que não estava adequada às características individuais de cada aluno/a.

Neste seguimento, do desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, e atendendo que a educação para a cidadania, baseada na aquisição de um espírito crítico e da interiorização de valores, pressupõe igualmente adotar conhecimentos e atitudes, como educação rodoviária transversais e imprescindíveis à integração do/a aluno/a na sociedade. Desta forma, e como se pode comprovar através da planificação diária do dia 15 de novembro (cf. Anexo 2AXIV) uma das atividades desenvolvidas foi a visualização de um vídeo aceso em: <http://www.youtube.com/watch?v=VqB3XhdKKm0> no qual um agente da Policia Segurança Pública (PSP) explana as atitudes fundamentais a adotar aquando do uso de meios de transportes públicos, como autocarro, metropolitano, comboio. Utilizando mais uma vez, o vídeo como meio de expressão, este é o melhor meio para colocar o/a aluno/a em contacto com “o meio exterior afastado da escola, para levar a realidade da rua à sala de aula, para abordar matérias interdisciplinarmente (...)” (Rivilla & Mata, 2002, citado por Diogo, 2010, p. 88). Os/as alunos mostraram-se motivados no início

da visualização do vídeo, no entanto, as regras representadas no mesmo eram extensas, o que provocou uma dispersão, por mínima que fosse, dos/as alunos/as que integram a turma. Por fim, foi-lhes solicitado que aleatoriamente, fossem registrar no quadro interativo as principais regras e comportamentos a adotar, ao mesmo tempo que estas eram exploradas, sendo muitas vezes os/as alunos/as a darem



Fig. 15 Dobragem de Origami

exemplos de experiências vividas e observadas pelos/as próprias, enquanto a restante turma registava no caderno diário as regras. Sendo importante incorporar na prática de um/a profissional educativo/a não só necessidades demonstrada pela turma como também interesses, o desenvolvimento das atividades planejadas para o período da tarde continuou com a realização em *origami* de um meio de transporte, a destacar o barco. O desenvolvimento de atividades de dobragem obriga ao/à aluno/a possuir uma capacidade de motricidade fina desenvolvida, conforme mostra a fig.15.

Estudos revelam que é a partir da utilização da dobragem como ferramenta de ensino que se pode abordar “noções de retas perpendiculares, retas paralelas, figuras planas e sólidas, congruência, bissetrizes de ângulos, relações entre áreas e proporcionalidades poderão ser introduzidas de maneira igualmente eficaz” como também o “incentivo à escrita matemática e a motivação dos alunos para a disciplina” (Bernardi & Grando, 2006, p. 15). Constata-se então, que o uso do Origami na matemática oportuniza o desenvolvimento de competência que de acordo com Rêgo, Rêgo & Junior (2003), podemos destacar: i) construção de conceitos, figuras planas e espaciais; ii) discriminação de forma, posição e tamanho; iii) leitura e interpretação de diagramas; iv) uso dos termos geométricos em um contexto;

v) desenvolvimento da percepção e discriminação de relações planas e espaciais; vi) exploração de padrões geométricos. Simultaneamente possibilita uma contribuição significativa para uma real aquisição de conhecimentos bem como o desenvolvimento de outras aptidões, como a coletividade e o raciocínio.

Importa realçar o facto que esta atividade originou a construção de um livro de origamis individual, o qual foi progressivamente construído, com origamis construídos em contexto sala de aula e outros inseridos noutros contextos que posteriormente integravam o mesmo. Um outro exemplo de *origami* construído, diz respeito à construção de um floco de neve, sendo este uma rosácea, aquando da exploração de conteúdos geométricos como: círculo, circunferência, centro, raio, diâmetro.

Esta atividade traduziu-se na terceira e última atividade supervisionada, facto este que alertou a estagiária, segundo o 3.º Guião de Pré-Observação (cf. Anexo 2AXV), na construção de saberes profissionais, o processo de supervisão constitui-se como sendo um dos mais importantes pois, favorece o cruzamento de vários olhares através da reflexão pós-ação, além de outros

fatores como o apoio e trocas de experiências e materiais. Assim sendo, perante a atividade a estagiária considerou fulcral ser observada, uma vez mais, ao nível do tom de voz, clareza da linguagem e a acessibilidade da mesma ao conteúdo a explorar, de modo a verificar uma evolução perante a atividade anteriormente observada. Paralelamente, é relevante observar a capacidade de motivação intrínseca e extrínseca aquando do desenvolvimento da atividade, capacidade de motivação dos/as alunos/as e assertividade, sendo estas transversais em todo

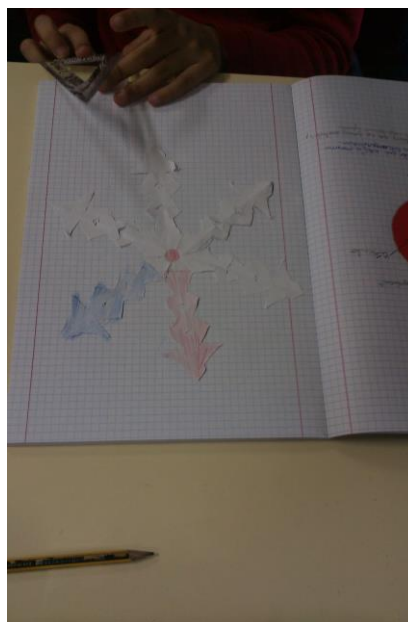


Fig. 16 Origami rosácea

o processo de ensino e de aprendizagem. As competências acima referidas, que a formanda realça no já mencionado guião tornam-se relevantes, pois, trata-se de uma atividade matemática aliada à Expressão Plástica (fig. 16), o que poderia ter gerado dispersão e desconcentração por parte dos/as alunos/as, facto esse que não se observou.

Continuando, as atividades pedagógicas perspetivadas, planificadas e desenvolvidas pelas estagiárias e pela professora cooperante emergiram, num processo contínuo de reflexões retrospectivas, que levam a que a mesma seja adequadas ao contexto onde se inserem os/as alunos/as. Acompanhando esta ideia surge então, a questão que a importância da leitura prazerosa assume enquanto, uma das mediadoras do sucesso educativo, uma vez que “é uma operação que implica a pessoa no seu todo: inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente” (Sobrinho, *et al.*, 1994, p. 10). Nesta perspetiva foi definida pela tríade que os últimos 30 minutos de cada sexta-feira, seriam dedicados à leitura e exploração conteudinal de contos, preparando a sala num ambiente acolhedor com uma manta no centro da sala na qual os/as alunos/as se dispõem-se em redor da mesma, com apenas um candeeiro aceso, predispondo assim, a concentração e permitindo um relaxamento após uma semana ativa. Desta forma, o primeiro texto a ser abordado foi um conto intitulado “A caixinha dos beijinhos” (cf. Anexo 2AXVI) cuja moral remete para a importância dos valores imateriais no seio da família, amigos e meio social, despertando a sensibilidade dos alunos/as para a mesma questão, no entanto sabendo que os valores não se ensinam, mas que vivem na ação conjunta e nas relações com os outros. No entanto, o conto “Tempo de Natal” (cf. Anexo 2AXVII) constitui-se como sendo um outro texto a ser abordado que mais uma vez retoma a importância que assumem os valores assumem na sociedade. De facto, infere-me dizer que esta abordagem realizada através da leitura, perante a possibilidade de um enriquecimento pessoal constante, é uma das atividades que mais contribuem para o desenvolvimento das diferentes facetas da personalidade. Noutro plano de análise, a leitura também exige concentração, relação, reflexão,

comparação e previsão, atos estes que estimulam a estruturação do pensamento. Aliado a esta prática, está pois o livro, ou excertos, ou contos e/ou outros tipos de texto, que se apresentam como insubstituíveis para a permanente “formação intelectual, moral, afetiva e estética do leitor, ao mesmo tempo que aumenta a sua experiência e desenvolve a sua capacidade de compreensão e expressão” (Gomes, 2007, p. 4).

Começando a aproximar a época natalícia, as seguintes atividades/tarefas a serem analisadas de forma criteriosa, desenvolvem-se precisamente a esse tema.

Assim sendo, em grande grupo foi decidido que para a festa de Natal seria apresentado uma música relacionada com o tema multiculturalidade, em que os/as próprios/as alunos/as construíram os seus próprios instrumentos musicais. Mais uma vez, foi desenvolvida uma atividade inserida maioritariamente na área curricular de Expressão Plástica no Bloco 1 – Descoberta e Organização Progressiva de Volumes, transmitindo a exploração sensorial de diferentes matérias e objetos, procurando livremente, maneiras de os agrupar, ligar e sobrepor, ao mesmo tempo que permite, como já foi referido, a exploração da tridimensionalidade, tal como expressa a fig. 17 (Ministério da Educação, 2004).



Fig. 17 Instrumento musical - Viola

Nesta perspetiva, o desenvolvimento da unidade didática referente a este tema, continuou com o ensaio da música “Ser cidadão” (cf. Anexo 2AXVIII) construída por uma das estagiárias, a qual explana continuamente a importância de adotar comportamentos e atitudes que promovam a integração consonante do sujeito, enquadrando o tema na Educação para a Cidadania.

Assim, consideremos a linguagem, a fala e o pensamento em uníssono. A linguagem surge da necessidade do ser humano querer comunicar, a fala é o modo como comunica e o pensamento é o que tem para comunicar. Tendo em conta que a música, a execução e a audição têm significados paralelos, a música é assim, o resultado de comunicar porque, segundo o que refere António Alçada Baptista “se há diferentes realidades deve haver diferentes formas de linguagem para as exprimir” (Baptista, citado por Gordon, 2000, p. 1)

A maioria dos/as alunos/as apresentou dificuldades ao utilizar o instrumento construído acompanhando o ritmo, tendo sido opção em unânime a sua não utilização. Assim sendo, infere-se dizer que, de acordo com Gordon (2000) “o processo da aprendizagem musical, tal como o da aprendizagem de uma língua, é evolutivo; nenhum deles pode ser imposto a uma criança numa idade arbitrária” (Gordon, 2000, p. 324). Desta forma, é importante também elucidar que as estagiárias não colocaram qualquer restrição ao movimento,



Fig. 18 Apresentação da música “Ser Cidadão”

sendo aos/ às alunos/as a decidiram se imitavam ou não os gestos que as mesmas utilizavam. No entanto, a festa de Natal por motivos exteriores aos/às alunos, não se realizou. Contudo, a já mencionada música foi apresentada às restantes turmas, na última semana de intervenção das estagiárias, mais precisamente no dia 17 de janeiro. Este facto aplaude ao envolvimento intrínseco e extrínseco dos/as alunos/as neste conjunto de tarefas, sendo os/as mesmos/as a sugerir a referida apresentação tendo em conta os fatores externos aos/às mesmos/as. (fig.18).

Completando e articulando de uma forma harmoniosa o desenvolvimento das competências referidas, surgiu por interesse da generalidade dos/as alunos/as o desejo de oferecerem algo aos familiares. Assim, a decoração de sabonetes através da técnica de *découpage* expressa-se como sendo uma atividade em que os/as alunos/as tiveram a oportunidade de desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais (termolina, guardanapos, sabonetes, pincéis, água), alargando por isso, o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas, tal como demonstra a fig 19.



Fig. 19 Sabonetes decorados

Esta atividade operou-se obedecendo a uma ordem relativa à gestão de grupo, uma vez que a turma foi dividida em três grupos de cinco e seis elementos, com cada adulto a supervisionar um grupo, proporcionando oportunidades sociais especiais, como por exemplo partilhar os mesmos materiais, discutir em que aprendem umas com as outras e ajudam-se mutuamente encontrando-se envolvidos numa atividade comum (Hohmann & Weikart, 2009).

No enquadramento da metodologia de trabalho operada em trabalhos de grupo, hoje em dia, os/as alunos/as contactam com instrumentos e técnicas complexas disponíveis através dos *media* e de saberes advindos das mais variadas fontes, que ultrapassam a realidade próxima.

Neste seguimento, torna-se crucial perspetivar e planificar ações que, partindo dos interesses dos/as alunos/as, em que o/a professor/a alargue e contextualize o(s) conhecimento(s), fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Assim sendo, outras atividades inseridas neste contexto da experimentação científica dizem respeito à realização de, num total de três atividades experimentais, (cf. Anexos 2AIV, 2AV, 2AXIX) para as quais foram

utilizadas e analisadas Cartas de Planificação. Desta forma, infere-se que os/as alunos/as quando solicitados/as a observar, formular hipóteses e outras tarefas relacionadas com a atividade científica, estão simultaneamente a desenvolver habilidades para lidar com o conhecimento científico, isto traduz-se em práticas epistémicas (Lopes, *et al.*, 2009). Em linhas gerais, as referidas práticas, que têm por base a atividade dos cientistas, emergem das atividades de pesquisa realizadas pelos/as alunos/as, tendo como referência um problema ou questão. Neste sentido, o desenvolvimento de competências científicas, assumem um papel fundamental no ensino e na aprendizagem, pois envolvem a “reconstrução, apropriação associada à produção, comunicação e avaliação de conhecimentos, em contextos educativos” (Lopes, *et al.*, 2009, p. 2). Paralelamente, as mesmas práticas epistémicas permitem desenvolver, de acordo com a tarefa e a mediação do/a professor/a competências e atitudes. De seguida serão explanadas as competências e atitudes que com o desenvolvimento das três atividades experimentais planificadas e desenvolvidas pelo par pedagógico, foram possíveis desenvolver, de acordo com o que defende Lopes (2009): i) descrição de fenómenos físicos ou acontecimentos; ii) formulação de questões, problemas e hipóteses, iii) relacionamento da física com o quotidiano; iv) recolha, tratamento e organização de informação relevante; v) identificação e controlo de variáveis; vi) identificação de objetos e/ou sistemas físicos.

No entanto torna-se igualmente decisivo mencionar o papel preponderante que o/a professor/a deve adotar, enquanto agente potenciador do desenvolvimento de competências dos/as alunos/as da ocorrência de práticas epistémicas: i) usar situações problemáticas contextualizadas, as quais constituem um desafio para os/as alunos/as; ii) adotar abordagens qualitativas, que ajudem os/as alunos/as a alcançar a compreensão das situações-problema; iii) dar autonomia aos/às alunos/as até concluírem as tarefas, evitando antecipar as respostas dos/as mesmos/as; iv) valorizar o trabalho cooperativo intra e inter-grupos e o erro como alicerce na construção do conhecimento. Assim sendo, um ensino que adote os aspetos

acima mencionados, reflete-se numa perspetiva socio-construtivista, organizando o trabalho por equipas e facilitando a interação entre estas. Este ponto carece ainda de um apontamento à luz de um olhar reflexivo. Tal como já foi referido, a maioria dos/as alunos/as tinham dificuldade gerir pontos de vista e ritmos diferenciados. No entanto e com o progressivo desenvolvimento de mais atividades inscritas numa vertente valorativa das diferenças de cada aluno/a, nas conseguintes, foi observado que a turma já conseguia trabalhar em equipa, respondendo e adequando as suas intervenções a cada elemento do grupo.

Enverando novamente, pelos caminhos da construção de saberes



Fig. 20 Aluno NEE a recortar

colaborativamente e da integração dos dois alunos com NEE tanto nas atividades como na turma, a estes era incumbido tarefas diferenciadas que atendessem às suas características, físico-motoras, cognitivas e socio-afetivas. As presentes tarefas incidiam-se principalmente em atividades de recorte, colagem, desenho,

correspondência biunívoca, utilizando na maior parte das vezes materiais tridimensionais, tal como demonstra a figura 20.

Neste seguimento, um dos dois alunos e tal como o mencionado na 1.ª reflexão mensal (cf. Anexo 2AXX) assume uma preferência por construções como puzzles, jogos interativos e pintura. No entanto, o outro aluno, apresentava limitações cognitivas e motoras de motricidade fina bastantes elevadas, como pegar no lápis, necessitando permanentemente do apoio de um adulto para a realização das tarefas.

Desta forma, infere-se que face ao número crescente de alunos/as com problemas académicos e de saúde, e conforme o aumento dos programas de

integração, os ambientes educativos requerem uma preparação mais cuidada que vai desde “a manifestação de atitudes positivas por parte dos professores do ensino regular até ao uso de materiais e métodos diversificados de modo a que todos os alunos sejam incluídos em actividades de aprendizagem enriquecedoras” (Correia, 1997, p. 161). Este aspeto torna-se assim, relevante pois, os/as profissionais do ensino regular treinados com técnicas de integração podem e certamente responderão mais adequadamente aos/às alunos/as com NEE. Aqui, são as instituições de ensino superior que adotam um dos papéis fundamentais a desempenhar no que diz respeito aos vários tipos de formação: inicial, contínua e especializada (Correia, 1997). Naturalmente, para que o processo de integração destes/as alunos/as vingue é necessário introduzir nas escolas os novos conhecimentos resultantes da investigação científica, bem como considerar as aplicações práticas adequadas, de modo a incrementar a eficácia do trabalho docente e a qualidade e equidade da Educação.

REFLEXÃO FINAL

“A alma é uma borboleta...há um instante em que uma voz nos diz que chegou o momento de uma grande metamorfose...”

Rubem Alves (2012)

Mobilizar e articular saberes científicos, culturais, pedagógicos, didáticos e investigativos nas práticas pedagógicas e na conceção, desenvolvimento e avaliação do processo de ensino e de aprendizagem, implica a integração de um conjunto de reflexões, numa esfera harmoniosa, que permita capacitar o contributo tanto do estágio como da frequência das aulas das várias UC's que integram o plano de estudos do mestrado, para o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais. Importa igualmente ao longo da redação do presente capítulo, identificar as potencialidades e os constrangimentos encontrados ao longo do desenvolvimento da prática didático-pedagógica, que explicita ou implicitamente cooperaram para a evolução profissional e pessoal da mestranda, mobilizando desta forma os pressupostos legais e conceituais enquadrados ao longo do capítulo 1.

Neste seguimento, considero que todo o processo de crescimento ocorreu ainda antes da frequência das aulas das referidas UC's, do desenvolvimento do estágio e também da redação do relatório, pois este é encarado como o culminar das aprendizagens efetuadas. Elucidando tal ideia, não comecei a frequentar o mestrado como uma tábua rasa. À medida que as restantes UC's que integram o plano de estudos dos 3 semestres do referido mestrado foram sendo concluídas, senti-me obrigada voluntariamente a despir-me do

conhecimento que detinha de mim própria, do qual progressivamente emergiu a necessidade do reconhecimento de uma alteridade na relação com o meu corpo, com a minha consciência e nas ruturas dos processos de construção pessoal e profissional ao longo do tempo. A complexidade do processo que se encontra ainda no início, procura, a construção de saberes profissionais num palco cada vez mais reflexivo, investigativo e indagatório, espelhado nos outros e no Eu.

Esta vivência encontra assim, a sua génese em sentimentos híbridos de medo, rejeição e atração, assentes numa conflitualidade constante à medida que um “novo mundo” foi progressivamente sendo descoberto, recorrendo para efeito à metodologia de investigação-ação. É um mundo de teorias, um habitat de conceções, um cenário de sentidos e sentimentos aproximam o sujeito próprio ao significado dos atos exercidos consciente e inconscientemente e que, por isso, que retratam o mistério educacional.

Desta forma, tal universo apresentou-se sendo cada vez mais complexo e singular à medida que fui percorrendo os seus caminhos, todavia, decisivo para afirmar a construção dos saberes profissionais já referidos. Contudo, através dos conhecimentos que foram e são constantemente formados quando se compreende o modo como o/a próprio/a manifesta e interpreta a experiência observada ou vivida pela reflexão partilhada. Daqui se pode deprender que os/as outros/as são uns dos motores propulsores do conhecimento reflexivo que favorece o desenvolvimento de ações educativas inseridas em contextos particulares.

Assim sendo, arrisco-me afirmar que o essencial neste processo de evolução reside na partilha e no cruzamento consciente de trocas de olhares sobre uma mesma situação/acontecimento/momento. Invoco então, a importância da problematização de questões emergentes das práticas em contexto, percecionadas pela observação sistemática das estagiárias nos processos de ensino e de aprendizagem, ao longo da frequência das aulas de tipologia Seminário (S) e concomitantemente na abordagem aos conteúdos

fundamentais para a construção de um quadro concetual e metodológico que sustenta as ações na prática, enquadradas numa perspetiva construtivista.

A presente metodologia reflexiva-colaborativa apresenta como uma das principais potencialidades um alargamento consubstancial de partilha de experiências vividas em outros contextos igualmente singulares e complexos, passíveis de olhares críticos através da criação de espaços de dialogicidade, registando-se uma escuta interativa entre alunas e professores/as. Desta forma e tendo em conta que a aprendizagem envolve tempo e um esforço contínuo, acarreta equitativamente a participação ativa dos/as professores/as responsáveis pela leccionação das várias UC's como também das alunas que integram a turma de mestrado, preenchida a cada a aula a cada dia, com as diferenciadas emoções e significados atribuídos por cada uma à prática. Contudo, teorias privadas, atitudes e valores, não sendo por vezes, comuns aos quadros concetuais e metodológicos de cada uma, estes não eram alvos de negação, mas sim alvos esmiuçados pela reflexão, problematização e respeito pelos mesmos.

Elucidando a ideia acima mencionada anteriormente importa referir que na totalidade as UC's constituíram-se como sendo uns dos instrumentos de formação, como também outras UC que estando direcionadas para a construção de um quadro concetual, ofereceram um leque alargado de sugestões e metodologias didáticas favoráveis à perspetivação e desenvolvimento de atividades educativas. Simultaneamente, a confiança (fiabilidade) foi investida em pessoas e em processos, nas qualidades e condutas de indivíduos, ou no conhecimento especializado e no seu desempenho. Segundo, Hargreaves (1998) a confiança pessoal pode dar "origem à lealdade, ao empenhamento e à eficácia no acréscimo de capacidades decorrente da partilha na tomada de decisões" (Hargreaves, 1998, p. 287).

Tais ações são possíveis de se realizassem se forem acompanhadas por outras estratégias reflexivas e indagatórias de formação. Destaco então, aqui o potencial da intervenção pedagógica se ter desenvolvido em díades. A

cumplicidade existente entre o par de estagiárias, fruto da amizade que cresceu ao longo dos 5 anos de estudo no ensino superior, resultou num processo de negociação e reflexão de estratégias e recursos, amadurecidas numa filosofia comum subjacente ao processo de ensino e de aprendizagem de ambas. Embora a certo momento a prática fosse desenvolvida alternadamente, esta envolvia o par na resolução de problemas, no encontro de respostas, que uma e outra assumiam indiscriminadamente, não existindo assim uma prática fragmentada mas sim complementar. Paralelamente, a reflexão desenvolvida, permitiu a interseção de vários saberes e competências que elucidam a experiência observada ou vivida, procurando uma possível transformação da mesma que proporcione o entendimento quer da diversidade das representações presentes, das organizações, dos comportamentos e dos significados atribuídos. Verificou-se que a constante cumplicidade e dialogicidade se manifesta igualmente no reforço da autonomia individual, uma vez que as formandas foram e são embrulhadas numa segurança afetiva cada vez mais sólida capaz de fazer superar os limites de cada uma, ao mesmo tempo que abre a compreensão uma da outra. O interessante é que se procurou constantemente uma na outra não só a sabedoria, mas o silêncio de escuta e não a força dos músculos mas o colo que as acolheu e continua acolher dia após dia.

Neste enquadramento, o processo de formação apesar do seu cariz individual, operou-se tendo em conta outros intervenientes igualmente essenciais, a orientadora cooperante (Lúcia Rocha) e a supervisora institucional (Susana Tavares). Este aspeto exige a confirmação do que se encontra preconizado ao abrigo do Dec. Lei nº240/01, de 30 de agosto, que reclama a adoção por parte do/a professor/a a capacidade de agir e pensar nos contextos atendendo a uma atitude reflexiva e indagatória. Assim, esta ação sustenta-se e fundamenta-se através da perfilhamento do exercício sistemático da reflexão sobre, na e pós ação, que ao longo dos aproximados quatro meses de estágio foi fortalecida numa harmoniosa esfera conversacional em tríade (par de estagiárias e professora cooperante) que

alertava num processo *continuum* as fragilidades, potencialidades e possíveis transformações das atividades desenvolvidas. Não se pode esquecer também, que as planificações se constituíram como sendo uns dos instrumentos através dos quais se traduziram as reflexões e observações incididas sobre as características individuais de cada aluno/a e sobre a organização do ambiente educativo. A exemplo, destaco a mudança efetuada dos lugares de alguns/mas alunos/as e também da mudança de sitio da secretária da professora.

No seguimento das ideias esboçadas anteriormente, já foi possível constatar que a evolução do conhecimento e conseqüentemente das aprendizagens, só é observável quando se regista uma partilha de ideias, significantes e significados experienciados ou observados, discutidos e analisados segundo estratégias de formação. Aqui enquadram-se as narrativas individuais e as colaborativas que se assumem como modos de interpretação o mais real possível da problematização das situações formativas, sob o formato narrativo dialogal, sendo este potenciador de processos de auto e co-avaliação, fundamentais à promoção do desenvolvimento profissional e da orientação de transformação de práticas. A narrativa engloba aquilo que de facto é importante para o sujeito, permitindo aceder à realidade experienciada e analisar o seu conhecimento profissional, conferindo-lhe um lugar destacado na investigação e na ação.

Assim, nos contextos de estágio, o discurso escrito ganha extrema importância como estratégia formativa pois visa compreender o significado que “cada um atribui à acção do outro” (Ribeiro & Moreira, 2007, p. 45). Tendo em conta que a escrita viabiliza a necessária introspeção de um/a professor/a reflexivo/a permitindo ser um diário de formação tão libertador de angústias, sentimentos, emoções, rejeições, incertezas e simultaneamente tão emancipador da construção de saberes profissionais e pessoais. Neste contexto, um diário de formação, obtém um equilíbrio entre a vivência e a sua teorização que decorre da experiência que por sua vez decorre da vivência, espelhada na reflexão que se faz sobre esta, à luz de pressupostos teóricos e

legais (Ribeiro & Moreira, 2007). Parece-me poder apresentar que as narrativas no processo de desenvolvimento do/a professor/a, favorece o processo de autoformação, ao estimular os/as mesmos/as à construção pessoal dos significados e dos sentidos a atribuir às experiências de ensino, ao confrontar os seus pensamentos, as suas crenças, as suas teorias privadas com os aspetos da sua prática. Simultaneamente, se pode incluir uma reflexão sobre as suas práticas em confronto com as teorias e princípios educativos propostos pela investigação educativa, permitindo assim um diálogo dialético entre a teoria e a prática.

Apraz-me ainda invocar o papel assumido pela supervisora institucional enquanto sujeito intermediário entre diarista e comentador, entre ator e observador. Esta tem como principal função criar condições que permitissem às suas mestrandas co-construírem os seus saberes profissionais em colaboração, através da avaliação reguladora das experiências pedagógicas, pela identificação de problemas, necessidades e interesses de aprendizagem, que fundamentam a tomada de decisões futuras. De igual modo, era exigido à professora cooperante que na construção da narrativa colaborativa expressasse a sua opinião, quer sobre a situação observada quer sobre a interpretação realizada pelas estagiárias. Neste sentido, o feedback oral ou escrito da supervisora, incentiva as estagiárias a desenvolverem novas problematizações sobre a esfera educativa, visando fomentar o desenvolvimento da capacidade de reflexividade e consequentemente incentivar a melhoria do discurso como das práticas a desenvolver e do perfil a adotar.

No entanto, é crucial tecer um comentário acerca dos contextos supervisionais. Vários estudos têm apontado que a ação investigativa e indagadora do/a professor/a quando assente num processo reflexivo, transforma o ensino e a aprendizagem num cenário de “maior justiça, participação e igualdade de oportunidades para todos, pela articulação da reflexão e experimentação” (Hobson, 2001; Imbernón, 2002, citado por Ribeiro & Moreira, 2007, p. 44). Desta forma, a abordagem critico-reflexiva e

investigativa reflete-se na intenção de melhorar as práticas pedagógicas de formação e de investigação, que por sua vez, encontra-se intimamente relacionada com a transformação de cultura de formação inicial e ao longo da vida. É a partir deste facto, que remeto esta reflexão pois, de facto a transformação de cultura e a necessidade de uma reflexão partilhada sobre as práticas educativas e formativas já se iniciou contudo, existe por parte de outros/as docentes corporizarem essas mesmas práticas.

Constata-se simultaneamente, devido à evolução tecnológica e científica, na sociedade atual uma crise de confiança nos/as profissionais recém-formados/as. Os/as futuros/as docentes são ensinados a viver com o inesperado, com o incognoscível e com o inatingível, são confrontados/as a lidar com situações novas, ambíguas e confusas para as quais a aplicação de técnicas racionalistas não fornecem soluções coerentes nem lineares. É necessário, nesta crise económica e social que a comunidade enfrenta, tomar consciência da natureza do problema e compreendê-lo, processo este que implica uma ginástica mental e uma flexibilidade cognitiva, atingida quando incorporada na prática uma atitude reflexiva e não técnica, propondo uma epistemologia da prática, transformando-a.

Completando este perfil, um dos aspetos que consignam o mesmo/a, além dos conhecimentos científicos, pedagógicos, culturais e investigativos, estes/as devem utilizar um conjunto de processos que não dependem da lógica situacional mas que são manifestações de talento, sagacidade, intuição e sensibilidade artística (Alarcão, 1996).

Por sua vez, o/a profissional é confrontado/a com discursos benevolentes e descreditados sobre a docência, no entanto, encontro em mim própria e nas minhas colegas, uns dos verdadeiros motores de transformação pois, segundo o que se encontra mencionado na página oficial do pedagogo Rubem Alves (2012), acedido em: <https://www.facebook.com/pages/Meu-Escritor-Favorito-Rubem-Alves/174237499329407> “a vida tem sua própria sabedoria. Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar o broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que têm que acontecer

de dentro para fora”. Menciono esta afirmação para que, de uma maneira ou de outra, elucidar que a transformação educativa só se operará se o entusiasmo e capacidade de perseverança vierem do mais íntimo de cada profissional, mantendo-se igualmente ao longo da vida.

Para tal retoma-se a perentória a adoção de um duplo perfil investigador e indagador das ações observadas e praticadas nos contextos, através do uso sistemático da reflexão na, sobre e para ação. Deve-se depreender que a auto-reflexão é intuição e emancipação, compreensão e libertação de dependência dogmáticas. Então, aqui é obrigatório que um/a docente se questione a si próprio/a conseguindo uma autonomia relativa, levando a que o Eu se aprende a si mesmo/a. Assim, o grande objetivo da formação e aperfeiçoamento dos/as professores/as consiste na conversão em profissionais emancipadores, críticos e investigadores da sua prática, de forma a contribuírem para a transformação da sociedade através da reconceptualização dos seus próprios processos de ensino. Importa que estes/as desenvolvam atitudes reflexivas, autónomas, críticas e avaliadoras das suas próprias atuações educativas, aplicadas ao nível da Educação Pré-Escolar como ao Ensino do 1.º Ciclo, ultrapassando assim, a mera e escassa análise do processo de ensino e de aprendizagem, pelo facto de terem subjacentes princípios éticos, morais e políticos.

Neste palco reflexivo, carece simultaneamente esclarecer a importância do duplo perfil profissional valorizado e certificado para duas valências educativas diferenciárias – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo.

Sabemos que as atividades promovidas pela escola tem o intuito de facilitar a transição entre o jardim de infância e o 1º CEB: dentro e fora do horário letivo, dentro e fora da escola, com as crianças, com os pais, com os educadores/as e professores/as, entre outros. No entanto, existe a sensação que a descontinuidade na aprendizagem tem sido apresentada com uma importante dificuldade ou potencial obstáculo ao sucesso educativo.

Este facto decorre das transformações inerentes a um processo conhecido por adaptação, ou seja, o modo como a criança-aluno/a “experiencia (um

novo) contexto, a partir da sua história relacional processada e integrada e do modo como a sua organização é integrada e transformada nas suas novas relações” (Portugal,(1998) citado por Serra (2004), p.74). Desta ideia se depreende que as crianças-alunos/as enfrentam a diversidade de modo diferente, dependendo de múltiplos fatores.

Formosinho (1997), ao analisar o que aproxima a educação pré-escolar da educação básica primária, considera que “quase tudo aproxima a educação básica primária e a educação pré-escolar” (Formosinho, 1997, p. 25). Entende-se, então, que apesar de a Educação Pré-Escolar e o Ensino Básico se corporizarem como sendo dois campos diferenciados, o segundo deveria e tem que ser a continuação do primeiro. Para Formosinho (1997) a concetualização da Educação Pré-Escolar como “primeira etapa da educação básica arrasta imediatamente a questão da sua articulação com a segunda etapa – o ensino primário ou elementar” (ibid., p. 24). Refere também que “a consideração em conjunto da educação básica é mais lógica em termos curriculares e pedagógicos, é mais adequada em termos normativos e relacionais e dá mais garantia ao êxito” (ibid., p. 25).

Então, importa aqui recordar o que se encontra preconizado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar quando refere que cabe ao/à educador/a promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a Educação Pré-Escolar e a transição para a escolaridade obrigatória (Silva, 1997). Nesta perspetiva idealista é também função do/a educador/a proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem de sucesso na fase seguinte, competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os/as colegas do 1º ciclo, facilitar essa transição. A aglomeração destas ideias compromete que seja invocado a ampliação do conceito de transição ecológica de acordo com Bronfenbrenner (1996) que acontece inserido num meio sociocultural, em que a transição bem sucedida necessita de apoio e acompanhamento por parte de figuras de referência.

Um outro conceito patente quando se refere o de transição é o de continuidade educativa presente na perspectiva de necessidade de articulação entre os diferentes ciclos (Zabalza, 2004b). Por um lado, esta acarreta em si um conjunto de fatores burocráticos e legais mas simultaneamente pessoais quando o/a profissional dispõe do seu conhecimento acerca dos/as alunos/as para terceiro(s). Desta forma, implica uma mudança no papel do/a professor sendo este/a detentor/a de uma nova compreensão das mudanças ocorridas na esfera educacional. Por outrolado, às noções de continuidade e articulação não são alheios outros dois conceitos: o de educação e de ensino. Pensando que ambos conceitos caminhem a par, importa elucidar que enquanto a Educação diz respeito ao processo de aquisição de valores refletidos posteriormente, em competências pessoais, o Ensino refere-se a um sistema organizado com o intuito de fazer passar um conjunto de conhecimentos. Desta forma, entre a Educação Pré-Escolar e o Ensino do 1.º CEB exista uma continuidade educativa, eles têm intenções e aplicações diferenciadas. Torna-se crucial mencionar que relativamente às metodologias desenvolvidas em ambos os níveis, não são, segundo Dinello (1987) citado por Serra (2004), rigidamente determinadas uma vez que compõem “um sistema complexo do qual o individuo se vai formando (sendo que) às vezes a passagem de um ao outro se faz numa ténue transição, outras vezes o contraste é grande” (Dinello (1987) citado por Serra (2004), p. 77).

Contudo, a continuidade atribuída não conduz por si só a uma continuidade construída. Os/as educadores/as de infância e os/as professores/as do 1.º ciclo devem ser proativos/as na procura da continuidade/sequencialidade, não deixando de afirmar a especificidade do exercício profissional de cada um. Assim, quanto mais os/as docentes se inteirarem das especificidades de cada nível, mais enriquece o universo pedagógico dos/as educadores/as e dos/as professores/as e maiores serão as oportunidades de sucesso para a criança – aluno/a. Para tal e na minha opinião, os/as profissionais devem obedecer a determinadas ações que desenvolvidas adequadamente facilitam a transição da criança-aluno/a não

criando criar constrangimentos, tais como: i) Escutar os pais e as suas perspectivas; ii) Escutar os/as profissionais e suas perspectivas (professores/as do 1º ciclo, educadores/as e outros profissionais - serviço social, saúde, psicologia, animadores/as tempos livres); iii) Escutar as perspectivas da administração e dos decisores políticos; iv) Escutar as perspectivas das crianças. Tal como expressa o Desp Normativo nº5220/97 de 4 de Agosto, cabe ao/a educador/a promover a continuidade educativa ao mesmo tempo que procura proporcionar as condições necessárias “em colaboração com pais e em articulação com os colegas do 1.º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (Desp. Normativo nº5220/97 de 4 de agosto, p. 9380.). Este facto torna-se cada vez mais fácil de desenvolver visto que os jardins de infância da rede pública têm tendência a agrupar-se e a integrar-se em contextos educativos cada vez mais amplos, possibilitando modalidades organizacionais mais abrangentes que permitem rentabilizar recursos humanos e materiais (DL nº115-A/98, de 4 de maio).

Só assim, o/a professor/a poderá utilizar estratégias diferenciadas de acordo com as características de cada aluno/a a receber, de modo a reforçar a sua competência de aprender a aprender, como organizar o seu próprio conhecimento e como usá-lo para a resolução de problemas e em situações de responsabilização social. Voltamos então, ao consignado pela Lei de Bases do Sistema Educativo – desenvolver a democraticidade pluralista, respeitadora dos outros e dos seus ideais e ideias, descerrado ao diálogo e à livre troca de opiniões e experiências, formando cidadãos/cidadãs conscientes, ativos/as capazes de julgarem com espírito crítico e criativo no meio social em que se inserem (Lei nº46/86, de 14 de outubro).

Contudo, não se pode prosseguir sem antes, fazer um apontamento acerca da avaliação. Em linhas gerais, a avaliação surge em todos os processos decorrentes da vida em sociedade, no seio familiar, económico, pessoal e profissional. Ora, se a mesma permite “medir” algo, esta é fundamental aquando da auto-avaliação do/a profissional educativo/a permitindo-lhe saber o que fez, como fez e o que pode fazer para melhorar as suas práticas e

consequentemente, melhorar o processo de ensino e de aprendizagem, tomando como premissa a visão de uma escola inclusiva, democrática e pluralista. Então, no plano educativo a avaliação surge assim, como um instrumento fundamental da acção do/a professor/a, guiando-o/a no processo de ajustamento das necessidades do/a aluno/a relativamente ao ensino e à aprendizagem. De acordo com esta perspectiva, Méndez (2002) acrescenta que aprendemos com a avaliação em duas situações: quando a transformamos em exercício de conhecimento e quando convertemos o momento da correção em acto de aprendizagem. Para este autor, a aprendizagem só é efectiva quando se assegura à avaliação “a boa avaliação que forma, convertida ela própria em meio de aprendizagem e em expressão de saberes” ou seja, quando se assegura uma avaliação com um carácter formativo (Méndez, 2002, p. 16). Desta forma, a última avaliação referida, é encarada de forma menos linear que a sumativa, uma vez que confluem na mesma vários fatores dispostos por diferentes formas de avaliação. Entre elas é de enumerar, que as estagiárias frequentemente elaboraram grelhas de avaliação da participação oral e da ortografia e caligrafia (cf. Anexo 2AXXI e 2AXXII). No entanto o processo de ensino e de aprendizagem sendo tão espontâneo e veloz, tornou incomportável o preenchimento de todas as grelhas de avaliação, sendo por isso, preferível seleccionar, num futuro, atividades que permitam avaliar um e certo aspeto.

Direcionando novamente o olhar para a articulação curricular, mais refiro que a compreensão profunda dos processos de evolução profissional no qual se encerra a pronúncia entre as duas valências educacionais, bem como o processo de evolução pessoal acarreta deter uma identificação esmiuçada da sociedade e dos contextos. Esta acção responsabiliza-se então, com o conceito de aprendizagem ao longo da vida.

Atualmente, os/as profissionais de educação encontram-se perante dissertações que assombram a articulação da formação inicial, indução e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, a atenção aos primeiros anos de exercício profissional e a inserção dos/as

jovens professores/as nas escolas, a ideia do/a professor/a/a reflexivo e de uma formação de professores baseada na investigação, as novas competências dos professores/as do século XXI, a importância das culturas colaborativas, do trabalho em equipa, do acompanhamento, da supervisão e da avaliação dos professores, e assim por diante. Tudo isto faz parte de um discurso que se tornou dominante e para o qual, considero, que quase todos/as os/as docentes contribuem.

Aprender ao longo da vida significa que uma pessoa tem o desejo de aprender, terá que ter condições para fazê-lo, independentemente de onde e quando isso ocorre. Neste seguimento, o conceito de aprender ao longo da vida implica no seu íntimo a confluência de 3 fatores numa esfera consonante: i) predisposição do/a docente para a aprendizagem; ii) ambiente de aprendizagem adequadamente organizado; iii) existência de pessoas que possam auxiliar o/a aprendiz no processo de aprender (agentes) para além dessa aprendizagem ir ao encontro das necessidades do mercado de trabalho. Encontra-se no agregado destes fatores as condições ideais para que o/a docente continue a exercer as suas funções, ajustando as suas práticas a cada contexto complexo e único. No entanto, apraz-me mencionar ainda o facto que reside na importância do lugar predominante na formação dos seus pares, isto é voltamos a referir a construção de saberes profissionais colaborativamente, não só na formação inicial mas ao longo da formação contínua. Nesta convergência de ideias, não se fala apenas de palavras, mas também das práticas e das políticas que elas transportam e sugerem.

Por outro lado, os/as profissionais certificados mais recentemente comparecem com competências diferentes e diversas que atualmente são capazes de responder a desafios cada mais complexos e singulares. Desta forma, assentes numa perspetiva reinventativa, é importante alertar também para o facto de ser necessário evoluir-se de uma aprendizagem dirigida para uma aprendizagem mais autónoma e que co-responsabilize cada cidadão pela construção do seu saber. O estudo do currículo objetiva assim a construção de uma escola adequada à sociedade onde está inserida e, no quadro desta

relação. Pelo exposto, o currículo e a Escola devem ser repensados, à luz dos novos públicos e das novas exigências laborais e sociais. O currículo e, conseqüentemente, o sistema educativo têm sofrido reajustamentos e transformações que patenteiam esta necessidade de adaptação que entanto, devem continuar a ser prosseguidos pelos/as novos/as profissionais educativos/as.

Nesta linha de pensamento e tendo em conta que o processo de formação ainda se encontra na fase inaugural, considero igualmente, que é extremamente importante dar passos concretos, apoiar iniciativas, construir redes, partilhar experiências, avaliar o que se fez e o que ficou por fazer, é preciso começar.

Então, questiono-me: começar por onde? Por quem?

Poderia supor imensos fatores, no entanto relacionado com este aspeto, este incentivo e vontade, esta capacidade de querer, continuar a aprender aprendendo, relaciona-se intimamente com a missão atribuída à escola, formar este tipo de cidadãos/ãs, cabendo então ao/à professor desenvolver atividades que aludem a tais competências – solidariedade, respeito, democraticidade, negociação, responsabilização, justiça, cooperação, entre outras.

Nesta perspetiva, o desenvolvimento de atividades inscritas numa vertente colaborativa, foi uma das estratégias utilizadas pelo par de estagiárias de modo a criar os/as alunos/as conscientes e ativos inseridos numa sociedade completamente mutável e complexa.



Quadro 2. Número de atividades pedagógicas desenvolvidas de acordo com a gestão do grupo

Através da análise do quadro n.º1 é possível observar que ao longo dos aproximados quatro meses de intervenção pedagógica, o par de estagiárias perspectivou, planificou e desenvolveu atividades individuais e em pequeno grupo, no entanto, é visível a partir dos valores apresentados no gráfico que a diferença entre as atividades realizadas individualmente e as atividades realizadas em pequeno grupo, é de apenas 12.

Desta forma, o tempo em pequenos grupos emerge das capacidades dos/as alunos/as, permitindo, simultaneamente aos/às professores/as consolidar o que os/as alunos/as estão a aprender e/ou resolver e desenvolver capacidades relacionadas (Hohmann & Weikart, 2009). Este facto

aflui que a vida em grupo implica o confronto de opiniões e a solução de conflitos que permite uma primeira tomada de consciência de perspectivas e valores diferentes, que por sua vez, suscita a necessidade de debate, negociação, de modo fomentar atitudes de tolerância, compreensão, respeito pela diferença. Aqui, encontra-se patente mais uma semelhança que aproxima a educação Pré-escolar com o ensino do 1.º CEB. Embora, entre as duas vertentes educativas, a rotina diária obedeça a uma ordem diferente, o nível de aprendizagens adquiridas na educação pré-escolar, permitem e evoluem com a iniciação da escolaridade obrigatória. Segundo o que se encontra prescrito nas OCEPE (1997) “a educação pré-escolar deverá ter favorecido atitudes que facilitam a transição e que estão na base de toda a aprendizagem, nomeadamente a curiosidade e o desejo de saber” (Silva, 1997, p. 91).

Desta forma, a afirmação da aprendizagem cooperativa enquanto real alternativa de transformação da sociedade e do modo de ensino dominante impere uma transformação experienciada dia após dia. Assim, a formanda é chamada a atenção a recorrer, agora à afirmação mencionada no início da elaboração do presente capítulo. Tal como a borboleta necessita de passar um processo de metamorfose para que viva, a estagiária passa por essa fase transfigurativa mas que no entanto, não é finita nem estanque. Dia após dia, existe um momento metamórfico em que a alma da própria se embrulha num âmbito reflexivo, capaz de encarar a missão de ser professora, capaz de provocar a inteligência dos/as seus/suas alunos/as, capaz de provocar o espanto e a curiosidade contante, capaz de ser condutora de borboletas, de sonhos e almas, capaz de lapidar diamantes.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Coleção CIDInE. Porto. Porto Editora.
- Altet, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Alves, R. (2012). *A alma é como a borboleta*. São Paulo. Acedido em: <https://www.facebook.com/pages/Meu-Escritor-Favorito-Rubem-Alves/174237499329407> de fevereiro de 2014
- Ambrósio, T., Terrén, E., Hameline, D., Barroso, J. (2001). *O Século da escola – Entre a Utopia e a Burocracia*. Porto: Edições ASA.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Mac Graw-Hill.
- Bernardi, L. S. & Grando, C. M. (2006). *Geometria das Dobraduras. Projeto Ludoteca*. Chapecó: Extensão Universitária.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Buesco, H.C., Morais, J., Rocha, M. R. & Magalhães, V. F. (2012). *Metas Curriculares de Português do Ensino Básico 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves M. E. M., Freitas, M. J. & Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. Artmed Editora.

- Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da Educação: Concepção antinómica da educação*. Porto: Edições ASA.
- Carvalho, A. D. (2007). "O Outro como Eu". In Rosa, Bizarro (org.) *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. pp. 43-57 Porto: Areal Editores.
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
- Costa, J. (1996). *Imagens Organizacionais da Escola*. Porto: ASA Editora.
- Costa, F., Peralta, H., Viseu, S. (2007). *As TIC na educação em Portugal. Concepções e práticas*. Porto: Porto Editora.
- Crespo, A., Correia, C., Cavaca, F., Croca, F., Breia, G. & Micaelo, M. (2008). *Educação Especial. Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Debesse, M. & Mialaret, G. (1974). *Tratado das Ciências Pedagógicas*. São Paulo: Editora Nacional.
- Dinis, R. & Alonso L. (2008). *Democracia e/ou Burocracia? A teia e a trama do trabalho colegial e individual dos professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Diogo, F. (2010). *Desenvolvimento Curricular*. Coleção Universidade. Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- Dionísio, M. (2000). *A Construção Escolar de Comunidades de Leituras – Leituras do Manual Escolar*. Coimbra: Almedina.
- Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, C. A. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Flores, P. & Forte, A. (2013). *Ficha Curricular da Prática Pedagógica Supervisionada em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

Porto: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

- Formosinho, J. (1997). *O contexto Organizacional da Expansão da Educação Pré-Escolar*. Inovação. Porto: Porto Editora.
- Gomes, J. A. (2007). *Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura*. Porto: Casa da Leitura.
- Gordon, E. E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical. Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hargreaves, A. (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa: Editora Mc Graw-Hill
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. (5.ª edição) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jonnaert, P. (2012). *Competências e Socioconstrutivismo – Um Quadro Teórico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Landeiro, A., Gonçalves, H. & Pereira, À. (2013). *A Grande Aventura*. Manual de Matemática 3.º ano. Lisboa: Texto Editores.
- Latorre, A. (2003). *La investigación-accion. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Editorial GRAG.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, A. et al. (2009). *Como promover práticas epistémicas na sala de aula – Ferramenta de ajuda à mediação*. Vila Real: UTAD.
- Méndez, J. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Edições Asa.
- Miranda, G. (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo / Revista de Ciências da Educação*, 3, 41-50. Acedido em: <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=11&p=41> de fevereiro de 2014
- Papalia, D. E., Olds, S.W. & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: Editora Mc Graw-Hill.

- Perrenoud, P. (2000a). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P. (2000b). *Pedagogia Diferenciada. Das intenções à ação*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Prats, J. (2006). *Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*. Curitiba: Editora UFPR.
- Rêgo, R., Rêgo A. & Junior, S. (2003). *A geometria do origami: Atividades de ensino através de dobraduras*. São Paulo: Editora Universitária.
- Ribeiro, D. (2001b). "A Prática Pedagógica como espaço de intervenção pragmática e de reflexão epistemológica". In *Toques Formativos – Contributos para a Educação de Infância*. Bragança. Instituto Politécnico de Bragança. 11 – 15
- Ribeiro, D. & Moreira, M. A. (2007). "Onde acaba o Eu e começamos Nós...diários colaborativos de supervisão e construção da identidade profissional". In R. Bizarro (org.) *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Porto: Areal Editores. 43 - 57
- Ribeiro, D. (2012b). *Notas de campo da aula da Unidade Didática Investigação em Educação*. (20 de novembro) Porto: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.
- Serra, C. M. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e articulação curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Sobrino, J. G., Rebanal, J., Martínez-Conde, J., Gutiérrez del Vale, D., Merino, P. & Alonso, J.L. (1994). *Apuntes de Literatura Infantil: Cómo Educar en la Lectura*. Santander: Alfaguara.
- Trindade, V. (2007). *Práticas de Formação. Métodos e Técnicas de Observação, Orientação e Avaliação (em Supervisão)*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Zabalza, M. A. (2000a). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Lisboa: Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (2004b). *Práticas Educativas en la Educación Infantil: transversalidad y transiciones. Infância e Educação: Investigação e práticas*. Salamanca.

DOCUMENTAÇÃO LEGAL E OUTROS DOCUMENTOS ORIENTADORES

- Agrupamento Inter Municipal de Escolas de Pedrouços. *Projeto Educativo de Agrupamento de Pedrouços*. Ano Letivo de 2011-2013. Maia: s.n.
- Agrupamento Inter Municipal de Escolas de Pedrouços. *Projeto Educativo TEIP do Agrupamento*. Ano Letivo 2011-2012. Maia: s.n.
- Lei nº 46/86 de 14 de Outubro. Diário da República - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Lei de Bases do Sistema Educativo.
- Lei nº9/79 de 19 de Março. Diário da República nº65 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa. Lei de Bases do ensino particular e cooperativo.
- Decreto Lei nº 115 – A/98 de 4 de Maio. Diário da República nº102 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- Decreto Lei nº 6/01 de 18 de Janeiro. Diário da República nº 15 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico.
- Decreto Lei n.º 240/01 de 30 de Agosto. Diário da República nº 201 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário.

Decreto Lei n.º 241/01 de 30 de Agosto. Diário da República nº 201 - I Série A, Ministério da Educação. Lisboa. Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º Ciclo do ensino básico.

Decreto Lei nº 20/06 de 31 de Janeiro. Diário da República nº 22 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Regime jurídico do concurso para seleção e recrutamento de pessoal docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Decreto Lei nº 3/08 de 7 de Janeiro. Diário da República nº 4 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores públicos, particulares e cooperativos.

Decreto Lei nº 75/08 de 22 de Abril. Diário da República nº 309 - I Série A. Ministério da Educação. Lisboa. Regime autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Decreto Lei nº 139/12 de 5 de julho. Diário da República nº 129 – Série 1.ª. Ministério da Educação. Lisboa. Princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensino básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário.

Despacho Normativo nº5220/97 de 4 de Agosto. Diário da República nº178 – II Série. Ministério da Educação. Lisboa. Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Despacho Normativo nº1/05 de 5 de Janeiro. Diário da República nº3 – I Série B - Ministério da Educação. Lisboa. Princípios e procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências dos alunos nos três ciclos do ensino básico.

Despacho Normativo nº13173 – A/11 de 30 de Setembro. Diário da República nº189 – 2.ª Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa. Regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares dos ensinos básico e secundário.

Despacho Normativo nº 5306/12 de 18 de abril. Diário da República nº 77- 2.ª Série. Ministério da Educação. Lisboa. Reformulação das metas de aprendizagem.

Despacho Normativo nº 24 - A/12 de 6 de dezembro. Diário da República, nº 236 - 2.ª Série. Ministério da Educação. Lisboa. Regulamentação da avaliação do ensino básico.

Escola Básica do 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha. *Plano de Turma do 3.ºH*. Ano Letivo 2013-2014. Rio Tinto.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. (4.ª ed.). Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Página Oficial Eletrónica da Junta de Freguesia de Rio Tinto. <http://www.jf-riotinto.pt/> (Acedido em novembro de 2013).

ANEXOS

Anexo 2AI – Guião de Observação – Lista de Verificação

Observação – Lista de Verificação

Observador/as: Joana Araújo

Data de Observação: 4 / 10 / 2013

Nome da Instituição: Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha

Professor/a Cooperante: Lúcia Rocha

Ano/Turma: 3.º H **N.º de Alunos/as:** 19 alunos

Objetivos Específicos	Indicadores		
	Sim	Não	
Diferenças individuais	Evidencia conhecimento sobre as estratégias de aprendizagem mais pertinentes a cada aluno/a	X	
	Cria oportunidades para reforçar a auto-estima de cada aluno/a	X	
Oportunidades de aprendizagens, tarefas e atividades	Propõe estratégias de ensino e aprendizagem diferenciadas para os/as alunos/as	X	
	Avalia o grau de concretização dos objetivos pelos/as alunos/as	x	
	Ensina métodos de estudo individuais e colaborativos de forma explícita		x
Ambiente de trabalho	Distribui os/as alunos/as de forma coerente às atividades de ensino e aprendizagem		x
	Integra nas aulas as tecnologias de informação e de comunicação		x
Comunicação	Relaciona as atividades com as aprendizagens anteriores e futuras	x	
	Estimula a curiosidade e o entusiasmo pela aprendizagem		
	Estimula o pensamento dos/as alunos/as	x	
	Ouve, analisa e responde aos/às alunos/as	x	

Anexo 2AII – Guião de Observação - Semiaberto

Grelha de Observação de fim (semi)aberto

Observador/a: Joana Araújo

Data de Observação: 11/10/2013

Nome da Instituição: Escola Básica 1.º Ciclo e J.I. da Boucinha

Professor/a Cooperante: Lúcia Rocha

Ano/Turma: 3.ºH **N.º de Alunos/as:** 19 alunos

Aspetos a Observar
<p>1. Como é que as aulas respondem aos documentos reguladores oficiais? É seguindo uma atitude flexível perante as necessidades e interesses dos alunos que a professora cooperante planifica a sua prática educativa. No entanto, esta por vezes, torna-se monótona não existindo espaços confluentes de trabalhos em grande grupo nem experimentação.</p>
<p>2. Como é que os recursos são adequados à idade e às competências dos/as alunos/as? Os recursos utilizados pela professora cooperante são escassos, incidindo maioritariamente ao manual das áreas curriculares. Por vezes, este contém lacunas que induzem os/as alunos/as em confusão perante a exposição de conteúdos e na realização de exercícios. Estes factos tornam por si só, o processo de ensino e de aprendizagem monótono e repetitivo, não predispondo os alunos para a aprendizagem.</p>
<p>3. Como é que o ensino é diferenciado de acordo com as características dos/as alunos/as? O que mais se realça quando se menciona a diferenciação pedagógica é o facto do ensino ser adaptado às características individuais dos 2 alunos com NEE. À restante turma adota uma postura igualitária perante a exposição e explicação de conteúdos sendo estes abordados de forma diferente aquando da realização de exercícios.</p>

4. Como é que o clima da sala de aula promove o ensino e a aprendizagem?

A professora cooperante é bastante afetuosa com todos os alunos, criando espaços de diálogo recíproco ao longo das aulas favorecendo uma relação positiva. De modo a abordar novos conteúdos esta recorda os anteriores esclarecendo possíveis dúvidas.

5. Como é que as tecnologias de informação e comunicação são integradas na aula?

As TIC são integradas na aula apenas através do recurso ao quadro interativo para projetar ou então através do uso de um rádio para realização de exercícios de escuta ativa.

6. Como é que o/a professor/a adequa a forma de comunicar às necessidades do grupo?

Através da sua postura corporal e adotando um discurso coerente e incentivador de novas aprendizagens. Tem em especial atenção a predisposição de da aluno naquele dia, recorrendo muitas vezes ao contacto físico de forma a demonstrar a sua presença e apoio.

7. Como é gerido o comportamento dos/as alunos/as?

A maioria dos alunos adotam um comportamento adequado no interior e no exterior da sala de aula. Contudo, quando existem situações menos adequadas a professora cooperante dialoga em grande grupo com a turma ou individualmente conforme a situação, expondo os aspetos positivos e negativos da respetiva conduta. Aqui, recorre principalmente à exposição e exploração de atitudes e valores que farão tornarem-se cidadãos conscientes e solidários.

8. Que estratégias e metodologias de ensino são adotadas?

Foi observado que na generalidade a metodologia adotada é a mera exposição do conteúdo sendo esta consolidada através da realização de exercícios que acompanham os manuais.

9. Como são avaliados/as os/as alunos/as?

As estratégias de avaliação residem na realização de fichas de avaliação mensais e através das atitudes e valores dos alunos. Os trabalhos de casa e os trabalhos realizados em contexto sala de aula também contribuem para que de uma forma ou de outra para “medir” o nível de

conhecimento que os alunos têm.

10. Como é que os/as alunos/as são envolvidos/as na sua própria avaliação?

Através da exposição oral e escrita de dúvidas que tenham sobre os conteúdos, através da reflexão acerca das suas atitudes e valores aquando da exploração semanal do “iceberg do comportamento” praticando a auto e hetero avaliação.

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha Turma/Ano: 3.º H Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo Data de Observação: 17/01/2014

Plano Diário (6.ª feira – 17/01/2014)				
Áreas Curriculares/Domínios/Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
Área Curricular: Matemática Domínio: Figuras no plano e sólidos geométricos Subtópico: -Círculo e circunferência; Descritores de	Início: 09h00 Fim: 10h30 Duração: 09h00 – 09h 10 (10´) 09h10 – 9h20 (10´)	Atividade: “Recapitular desenhando” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo orientado pela estagiária sobre os conteúdos abordados ao longo da semana de forma a obter informações sobre os conhecimentos	- Quadro Interativo; - Materiais de escrita; - Folhas A4; - Tesoura; - Cola;	Modalidade de avaliação: Formativa Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

<p>Desempenho: - Distinguir círculo de circunferência e relacionar raio e o diâmetro.</p> <p>Domínio: Números e operações com números naturais</p> <p>Subtópico: Adição e leitura de números</p> <p>Descritores de Desempenho: - Adicionar dois números naturais acima de 10 000 utilizando o algoritmo da adição; - Representar qualquer número natural acima de 10 000.</p>	<p>9h20 – 09h30 (10´)</p> <p>09h30 – 10h10 (40´)</p>	<p>adquiridos pelos/as alunos/as, esclarecer possíveis dúvidas e encontrar um fio condutor para abordar outros conteúdos durante o dia.</p> <p>- Desta forma, será feita uma prova oral sobre os conteúdos abordados no dia anterior, na qual a estagiária coloca questões uma a uma aos/às alunos/as.</p> <p>- Posteriormente, e esclarecidas possíveis dúvidas que possam ter surgido, a estagiária regista no quadro interactivo as seguintes indicações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenha um círculo vermelho com 3 cm de raio; • Um círculo azul com 4 cm de diâmetro; • Dois círculos amarelos com 7 cm de diâmetro; • Um círculo verde com diâmetro de 5 cm. <p>Depois, serão distribuídas duas folhas de tamanho A4 por cada um/a e a partir dos círculos desenhados numa das folhas na outra têm que fazer uma composição geométrica a partir dos círculos. No entanto podem desenhar outros integrando-os na mesma composição.</p> <p>- No fim, um dos círculos com 7 cm de diâmetro será levado para casa de modo a marcar o centro com um atache (fornecido pelas estagiária) e com</p>	<p>convenções que regulam a interação;</p> <p>- Participação através do oral;</p> <p>- Correção ortográfica e caligráfica;</p>
---	--	---	--

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

	10h10 – 10h30 (20´)	<p>um fio (lã) marcar o raio. Neste trabalho será solicitado a participação dos pais/mães e ou dos familiares/amigos.</p> <p>- Resolução da proposta “Recapitulando” do manual de matemática, p. 77 que integra exercícios relacionados com os conteúdos abordados (Anexo A);</p>		
Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00				
<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Compreensão e Expressão Oral</p> <p>Descritores de Desempenho: - Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas.</p>	<p>Início: 11h00 Fim: 12h30</p> <p>Duração: 11h00 – 11h05 (5´)</p> <p>11h05 – 11h 30 (25´)</p> <p>11h 30 – 11h 45 (15´)</p>	<p>Atividade: “Aprendo jogando”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <p>- Dando continuidade à tarefa iniciada antes do intervalo será feita a correção oralmente e em grande grupo da proposta de matemática.</p> <p>- Tendo em conta que este dia será o último de intervenção por parte das estagiárias, este será caracterizado por uma exploração mais lúdica dos conteúdos. Assim, serão realizados vários jogos relacionados com as áreas curriculares. O primeiro será realizado em grande grupo e diz respeito a um</p>	<p>- Materiais de escrita e de colorir;</p> <p>- Palavras do concurso de soletração (Anexo B);</p> <p>- Dois computadores;</p>	<p>Modalidade de avaliação: Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;</p>

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

<p>Domínio: Números e Operações</p> <p>Tópico: Operações com números naturais</p> <p>Subtópico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adição; - Subtração; <p>Descritores de Desempenho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar estratégias de cálculo mental para as operações de adição e subtração; 	<p>11h45 - 12h 30 (45')</p>	<p>jogo de soletração. As palavras que os/as alunos/as terão que soletrar estarão relacionadas com o sistema digestivo, respiratório e ainda conceitos relacionados com a geometria (Anexo B).</p> <p>- Posteriormente, a turma será dividida em 3 grupos de modo a realizarem os outros jogos. Um será o jogo do 24 e os restantes são interactivos disponíveis em:</p> <p>http://www.ojogos.com.br/jogo/PlusPlus.html</p> <p>http://www.ojogos.com.br/jogo/double-digits.html?campaignmedium=casualpromo&campaignelement=thumb5&campaignname=gamepromo</p> <p><u>Nota:</u> Estarão disponíveis dois computadores e os grupos são rotativos após 15 minutos no mesmo local de jogo.</p>		<p>- Cálculo mental;</p>
<p>Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00</p>				

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

Área Curricular: Oferta Complementar e Expressões	Início: 14h 00 Fim: 16h 00	Atividade: “Recordando”	- Computador; - Projetor; - Bolo; - Faca; - Copos; - Guardanapos; - Sumo	Modalidade de avaliação: Formativa Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;
	Duração: 14h00 – 14h05 (5´)	Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;		
	14h05 – 15h00 (60´)	- Visto que não foi possível realizar a festa de natal devido a situações externas à turma, os/as alunos/as apresentarão pelas restantes turmas da escola, a música que ensaiaram para a mesma, dirigindo-nos a cada sala. - Anteriormente, será feito um breve ensaio de modo a recordar o ritmo e a letra da canção “Ser cidadão”. Destes minutos alguns serão dispensados para a caracterização dos/as alunos/as representando várias etnias (Anexo C);		
	15h00 – 15h30 (30´)	- De volta na sala de aula e para recordar os momentos vividos ao longo dos 4 meses de estágio, as estagiárias apresentarão as fotografias tiradas ao longo desse período.		
	15h30 – 16h00 (30´)	- Lanche convívio, no qual as estagiárias presentearão a turma com um bolo dizendo		

Anexo 2AIII – Planificação Diária (17-01-2014)

		“Obrigada”;		
--	--	-------------	--	--

Observações:

Um/a profissional docente deve adotar e incorporar na sua prática pedagógica uma atitude reflexiva, atendendo a um conceito fundamental e transversal a todo o processo, a diferenciação pedagógica. Assim sendo, e visto que existe na turma a integração de dois alunos com Necessidades Educativas Especiais, a estagiária proporciona a inclusão desses mesmos alunos de acordo com os seus ritmos de aprendizagem diferenciados. Desta forma, tendo em conta que este dia se caracteriza pela exploração mais lúdica dos conteúdos com a realização de vários jogos, a estagiária levará um ipad para que estes mesmos possam realizar jogos lúdico-pedagógicos, como por exemplo, sopas de letras e o jogo da forca.

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo Data de Observação: 12/12/2013	Turma/Ano: 3.º H
--	-------------------------

Plano Diário (5.ª feira – 12/12/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
Área Curricular: Estudo do Meio Bloco 5: À descoberta dos materiais e objetos Realizar experiências de mecânica: - Realizar experiências e construir balanças, baloiços, mobiles... (equilíbrio) Objetivos: - Desenvolver nos/as alunos/as	Início: 09h00 Fim: 10h30 Duração: 09h00 – 09h10 (10´) 09h10 – 9h20 (10´)	Atividade: “Pesar? Mas o quê?” - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo orientado pela estagiária, com o intuito de recolher informações sobre os conhecimentos prévios e adquiridos e respetivos conteúdos abordados nos dias anteriores, promovendo a consolidação dos mesmos e o desenvolvimento da memória dos/as alunos/as, uma vez que têm que narrar os acontecimentos atendendo à sua cronologia. Assim, recordando que no dia anterior se explorou	- Quadro interativo; - Balança de dois pratos; - Balança com um prato; - Borracha retangular; - Régua; - 3 lápis iguais; - Cartas de planificação; - Materiais de escrita	Modalidade de avaliação: Formativa Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Compreensão dos

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

<p>uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões;</p> <p>- Explorar materiais de uso corrente, assentando essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem.</p>	<p>9h20 – 09h35 (15´)</p> <p>09h35 – 09h50 (15´)</p> <p>09h50 – 09h55 (5´)</p>	<p>atitudes e valores a adotar e estabelecendo a ponte com o circuito comercial realizado na semana passada (dia 5 de dezembro) e com as compras, será apresentada à turma uma balança de dois pratos (requisitada na instituição superior de ensino).</p> <p>- Exploração das características da balança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é que temos aqui? - Qual é a sua utilidade? - Conhecem outros tipos de balanças? - Quais são as diferenças entre esta e as que conhecem? <p>- Após este diálogo, a estagiária sugere que pesem algo que foi construído pelos/as alunos/as, nomeadamente os sabonetes decorados no dia anterior.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No total os sabonetes pesam x. Se dividirmos em duas partes iguais, quanto pesa cada parte? - Se tivéssemos o dobro dos sabonetes, qual seria o seu peso? - Sabiam que podemos construir uma balança utilizando apenas material escolar? (questão de motivação); <p>- Diálogo no qual os/as alunos/as darão as suas sugestões relativamente quais são os materiais necessários para o efeito.</p>	<p>conceitos-chave;</p> <p>- Grelha de avaliação (Anexo A)</p>
--	--	--	--

Comentário [S1]: confuso

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

	<p>09h55 – 10h00 (5´)</p> <p>10h00 – 10h10 (10´)</p> <p>10h10 – 10h30 (20´)</p>	<p>- Demonstração por parte da estagiária dos materiais necessários:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Borracha retangular; - Régua; - 3 lápis iguais; <p>Perante estes materiais apresentados, a estagiária questiona os/as alunos/as sobre o que será que vão fazer com esses materiais em exposição.</p> <p>- Após o levantamento de hipóteses, a estagiária regista no quadro interativo a questão-problema, com o intuito de estimular a curiosidade nos/as alunos/as.</p> <ul style="list-style-type: none"> - É possível manter um baloiço em equilíbrio, colocando um peso diferente em cada braço? <p>- Divisão da turma em 3 grupos (serão os mesmos grupos de há duas semanas atrás quando realizaram a experiência das molas e elásticos). Esta divisão não será feita antes pois, em grupo os/as alunos/as dispersam-se. Em cada grupo estará um adulto (estagiárias e professora cooperante a monitorizar cada um deles)</p> <p>- Entrega dos materiais necessários a cada grupo e realização da experiência prática. A estagiária enumerará cada passo a realizar, parando sempre que surjam dúvidas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.ºEquilibra a régua sobre a borracha, formando um pequeno baloiço; 		
--	---	---	--	--

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

		<p>2.º Com a régua equilibrada, marca com um lápis o ponto em que se apoia na borracha (fulcro), para o maneres ao longo da experiência;</p> <p>3.º Coloca um lápis em cada braço à mesma distância do ponto de apoio marcado;</p> <p>4.º Aproxima ou afasta um dos lápis do ponto de apoio de braço;</p> <p>5.º Coloca dois lápis juntos num braço e um no outro braço, à mesma distância do fulcro;</p> <p>6.º Aproxima ou afasta os dois lápis do ponto de apoio para tentares equilibrar;</p> <p>7.º Volta a colocar os lápis como indica no 5.º passo e desloca o ponto de apoio para tentar equilibrar os dois braços.</p>		
<p>Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00</p>				
	11h00 – 11h05 (5´)	- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;		
	11h05 – 11h45 (40´)	- Após a realização prática da experiência, cada grupo terá que apresentar as suas conclusões, criando um momento de reflexão ao mesmo tempo que preenchem as cartas de planificação distribuídas naquele momento (Anexo B)		
	11h45 – 12h15 (30´)	- Apresentação oralmente de cada grupo das suas conclusões, onde a estagiária registará no quadro interativo as mesmas e os/as alunos/as corrigirão nas		

Comentário [S2]: reveja

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

	12h15 – 12h 30 (15´)	<p>cartas de planificação. Anteriormente cada grupo decidirá democraticamente quem será o porta-voz do grupo.</p> <p>- Após a correção das cartas de planificação será colocada à turma a seguinte questão: - Será que só podemos pensar coisas materiais?</p> <p>Diálogo orientado de forma, a que os/as alunos/as explorem e aprofundem as suas ideias relativas a atitudes e valores que devemos adotar.</p>		
Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00				
<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Escrita</p> <p>Descritores de desempenho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar técnicas específicas para registar, organizar e transmitir a informação; - Planificar textos de acordo com o objetivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> - Recolher a informação em diferentes suportes; - Organizar a informação. - Redigir textos respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação, utilizando os 	<p>Início: 14h00 Fim: 16h00</p> <p>Duração:</p> <p>14h00 – 14h05 (5´)</p> <p>14h05 – 14h 45 (40´)</p>	<p>Atividade: “Pesar atitudes”</p> <p>- Entrada dos/as alunos na sala de aula;</p> <p>- Escrita de uma composição com o título “Pesar atitudes”. <u>Aqui a estagiária dará instruções de que os/as alunos/as poderão relacionar os conteúdos que têm sido abordados relativos a atitudes e valores a adotar bem como, fazer alusão à letra da música para apresentar na festa de Natal.</u></p> <p>Ainda antes de fazer a composição será entregue a cada aluno/a uma folha de tamanho A5 para registarem as ideias a incorporar na composição, ou</p>	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Folhas A5; - Cadernos diários de Português; - Materiais de escrita; 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica;

Comentário [S3]: confuso

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

<p>mecanismos de coesão e coerência adequados;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construir narrativas no plano do real e da ficção, obedecendo à sua estrutura; - Rever os textos com vista ao aperfeiçoamento: <ul style="list-style-type: none"> - Identificar erros; - Acrescentar, apagar, substituir; - Condensar, reordenar, reconfigurar. - Cuidar da apresentação final dos textos. <p>Área Curricular: Matemática</p> <p>Tópico: Operações com números naturais</p> <p>- Subtópico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adição; - Subtração; - Multiplicação; - Divisão. <p>Descritores de Desempenho:</p>	<p>14h30 – 14h50 (20´)</p> <p>Início: 15h 00 Fim: 16h 00</p> <p>Duração:</p> <p>15h00 – 15h15 (15´)</p>	<p>seja, elaborarem uma planificação do texto. A estagiária percorrerá os lugares de forma a apoiar a escrita e esclarecer possíveis dúvidas.</p> <p>- Correção por parte da estagiária da ortografia e caligrafia das composições nos cadernos diários de Português.</p> <p>Atividade: Atividade: “Pesar números”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Mais uma vez, a estagiária provocará os/as alunos/as perguntando se só as coisas materiais e as atitudes (sentido figurativo) se podem pesar. As respostas dos/as alunos/as serão ouvidas no entanto, a estagiária não tecerá nenhum comentário sobre elas, apenas escuta-as. Após, esta chuva de ideias, a estagiária projetará no quadro interativo o jogo denominado por “Number</p>	<p>- Registo das estratégias utilizadas na resolução de problemas.</p> <p>- Quadro Interativo;</p> <p>- Computador;</p> <p>- Cadernos diários de Matemática;</p> <p>- Materiais de escrita;</p>
--	--	---	---

Anexo 2AIV – Planificação Diária (12-12-2013)

<p>- Utilizar estratégias de cálculo mental com as quatro operações usando as suas propriedades;</p>	<p>15h15 – 16h00 (45´)</p>	<p>Balance KS2” disponível em: http://www.crickweb.co.uk/ks2numeracy-calculation.html#crazyc, onde será explorada a sua ilustração, pois, além de apresentar os sinais das quatro operações e algarismos, apresenta também um balança. Assim, à medida que são efetuadas as operações, a balança inclina-se para um dos lados conforme o resultado seja maior ou menor que o outro.</p> <p>- Realização do jogo, em que um/a aluno/a de cada vez se dirige ao computador enquanto a restante turma o/a acompanha na resolução do exercício. No fim, de cada operação efetuada todos/as os/as alunos/as registam a mesma nos cadernos diários de Matemática.</p>		
--	----------------------------	---	--	--

Observações:

Tendo em conta que a turma é constituída por 19 alunos, dois dos quais sinalizados com Necessidades Educativas Especiais bem como, os seus respetivos níveis de desenvolvimento cognitivo e motor, é importante mencionar que são construídos recursos pelas estagiárias para esses alunos. Assim, no decorrer da parte da manhã, estes serão integrados no diálogo e na experiência prática realizada relativa a uma balança. Na parte em que a restante turma estará a preencher a carta de planificação, estes alunos terão que desenhar algo relativo à experiência.

Na parte da tarde, a estagiária levará uma tablet, na qual contém jogos educativos, como puzzles, palavras cruzadas, jogo da memória e com a qual estes alunos poderão contactar e jogar, acompanhando assim, a restante turma.

É importante também esclarecer que algumas atividades se prolongarão no horário correspondente a outras unidades curriculares, no entanto em diálogo com a professora cooperante, a flexibilidade do horário é possível devido à complexidade de tais conteúdos, levando-nos a respeitar os ritmos de aprendizagem de cada aluno/a.

Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha	
Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha	Turma/Ano: 3.º H
Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira	
Estagiário(a) Observado(a): Marisa Ferreira	
Data de Observação: 21/11/2013	

Plano Diário (5.ª feira – 21/11/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
<p>Área Curricular: Estudo do Meio</p> <p>Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos</p> <p>Realizar experiências de mecânica: - Realizar experiência com rodas dentadas (Transmissão do movimento);</p> <p>Objetivos:</p>	<p>Início: 09h00 Fim: 10h30</p> <p>Duração: 09h00 – 09h05(5´)</p> <p>09h05- 09h15(10´)</p>	<p>Atividade: “Vamos ser cientistas”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <p>- Diálogo orientado com os/as alunos/as sobre os conceitos explorados no dia anterior, com o intuito de procurar um fio condutor para dar continuidade à exploração de novos. Assim, e tendo em conta que a temática que tem vindo a estar presente em toda a semana é a ciência e os cientista, a estagiária</p>	<p>- 2 tampas plásticas de tamanhos diferentes (garrafa e garrafão); Papel canelado; Tesoura; Cola; 3 Pregos; Martelo; Tábua. (Estes materiais multiplicam-se por 3, tendo em conta que a turma estará dividida em 3 grupos para</p>	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação, bem como pelas normas de segurança de realização da atividade experimental; - Compreensão dos conceitos-chave;</p>

Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)

	10h15– 10h30(15´)	<p>engrenagem (aqui será explicado conceito de engrenagem com recurso a alguns exemplos ilustrativos, no caso do carro);</p> <p>4. Fixa as rodas dentadas à madeira, passando os pregos pelos orifícios do centro, pregando-os com o martelo (neste caso é o adulto que prega o prego);</p> <p>5. Com um marcador, traça um raio horizontal em cada roda dentada, de modo que fiquem do mesmo lado;</p> <p>6. Faz rodar a engrenagem. Orientando-te pelo traço, conta as voltas que dá a roda grande e a roda pequena.</p> <p>- Após a realização prática da experiência, cada grupo terá que apresentar as suas conclusões, criando um momento de reflexão em que se registam no quadro as conclusões finais e posteriormente cada aluno/a regista no caderno diário:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que observaram? • Porque acham que isso se verificou? • O que podemos concluir? 		
<p>Intervalo da Manhã Das 10h30 às 11h00</p>				

Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)

<p>Área Curricular: Português Domínio: Oralidade</p> <p>Descritores de Desempenho: - Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apropriar-se de novos vocábulos; • Responder a questões acerca do que ouviu; • Relatar o essencial de uma ocorrência; • Identificar diferentes intencionalidades comunicativas. <p>- Identificar aspetos de diferenciação e variação linguística</p> <p>Domínio: Escrita</p> <p>Descritores de Desempenho: - Utilizar técnicas específicas para registar, organizar e transmitir a informação; - Planificar textos de acordo com o objetivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recolher a informação em diferentes 	<p>Início: 11h 00 Fim: 12h 30</p> <p>Duração: 11h00 – 11h10(10´)</p> <p>11h10 – 11h20(10´)</p> <p>11h20 – 11h30 (10´)</p> <p>11h30 – 12h00 (30´)</p>	<p>Atividade: “O cientista quer falar”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre os conceitos-chave explorados anteriormente, recolhendo inferências sobre a postura de cientistas que adotaram na atividade realizada. Chamar à atenção que a ciência, tal como na matemática (explorado no dia anterior), também está presente em outros aspetos da nossa vida.</p> <p>- Apresentação de um vídeo (Anexo B) que ilustra a ciência da culinária, passando a imagem de um cientista que apresentará a receita de um doce típico do Brasil (“Beijinho”), retirado de http://www.youtube.com/watch?v=n6A-mly7hF8.</p> <p>- Exploração do vídeo apresentado, promovendo um espaço de diálogo em grande grupo, em que cada aluno/a infere sobre o que acabou de observar.</p> <p>- Construção de um texto narrativo com base no vídeo observado com o intuito de articular com os conceitos explorados no dia anterior sobre as</p>	<p>- Vídeo (Anexo B); - Computador; - Colunas; - Projetor; - Quadro; - Materiais de escrita; - Caderno diário de Português.</p>	<p>Modalidade de avaliação: Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Correção ortográfica e caligráfica; - Coesão e coerência textual; - Compreensão e expressão da oralidade; - Grelha de avaliação (construída pela estagiária – Anexo C);</p>
--	---	---	---	--

Comentário [S7]: Podia fazer com eles hummmmm (e claro... convidar-me para estar presente) © apenas para supervisionar... lolol...

Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)

<p>suportes;</p> <ul style="list-style-type: none"> Organizar a informação. <p>- Redigir textos respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados;</p> <p>- Construir narrativas no plano do real e da ficção, obedecendo à sua estrutura;</p> <p>- Rever os textos com vista ao aperfeiçoamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificar erros; Acrescentar, apagar, substituir; Condensar, reordenar, reconfigurar. <p>- Cuidar da apresentação final dos textos.</p>	<p>12h00 – 12h30 (30´)</p>	<p>características do texto narrativo, em jeito de consolidação da informação abordada.</p> <p>- Correção das produções dos/as alunos/as, recorrendo à leitura em grande grupo de forma individual, promovendo um espaço de partilha e valorizando o trabalho individual produzido.</p> <p><u>Nota:</u> Para trabalho de casa, e tendo em atenção as correções realizadas na aula, cada aluno/a terá como tarefa reescrever o seu texto, para posteriormente ser afixado na parede da sala, valorizando mais uma vez as produções individuais e apelando às questões ortográficas e caligráficas, bem como a nível estético (organização no espaço da escrita).</p>		
<p>Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00</p>				
<p>Área Curricular: Matemática</p> <p><u>Matemática</u></p> <p>Domínio: Números e Operações</p> <p>Conteúdos: Multiplicação de números naturais:</p> <p>- Tabuada do 7;</p>	<p>Ínicio:14h00 Fim:16h00</p> <p>Duração:</p> <p>14h00 – 14h20 (20´)</p>	<p>Atividade: “Aprender praticando”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Diálogo orientado com os/as alunos/as sobre os conteúdos explorados na parte da manhã. Levantamento de possíveis facilidades e/ou fragilidades perante os conceitos expostos,</p>	<p>- Conjunto de exercícios (Anexo H);</p> <p>- Caderno diário;</p> <p>- Materiais de escrita.</p>	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta;</p> <p>- Respeito pelas convenções</p>

Anexo 2AV – Planificação Diária (21-11-2013)

Observações:

Os alunos com Necessidades Educativas Especiais, também farão parte da atividade experimental, tendo em conta que poderão observar o desenrolar da mesma e intervindo de forma monitorizada.

Relativamente ao vídeo também irão observar, tendo como tarefa realizar um desenho que ilustre o que se revelou mais significativo na perspetiva pessoal, que se arrastará para o período da tarde, tendo em conta o tempo reduzido em que os mesmos permanecem na sala de aula.

Comentário [S8]: É bom ter uma atividade para os alunos com NEE...

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha	
Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha	Turma/Ano: 3.º H
Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira	
Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo	
Data de Observação: 13/12/2013	

Plano Diário (6.ª feira – 13/12/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Compreensão e Expressão do Oral</p> <p>Descritores de Desempenho: - Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas.</p> <p>Domínio: Leitura</p>	<p>Início: 09h00 Fim: 10h30</p> <p>Duração: 09h00 – 09h 10 (10´) 09h10 – 9h25 (15´)</p>	<p>Atividade: “Um Natal diferente”</p> <p>Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo orientado pela estagiária sobre os conteúdos abordados ao longo da semana de forma a obter informações sobre os conhecimentos adquiridos pelos/as alunos/as, esclarecer possíveis dúvidas e encontrar um fio condutor para abordar outros conteúdos durante o dia.</p>	<p>- Quadro Interativo; - Cadernos diários de Português; - Materiais de escrita; - Fotocópias do poema (Anexo A)</p>	<p>Modalidade de avaliação: Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica;</p>

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

	10h05 – 10h30 (25´)	<p>poema (rima, versos, quadras)</p> <p><u>3.º momento:</u> Leitura silenciosa por parte dos/as alunos/as</p> <p><u>4.º momento:</u> Leitura aleatória em voz alta por parte dos/as alunos/as</p> <p>- Escrita:</p> <p>Sugestão de uma atividade de escrita criativa. A estagiária sugere que escrevem um poema “modelo” do que exploraram incorporando no mesmo algumas das ideias/palavras registadas ao longo da chuva de ideias.</p> <p>Correção por parte da estagiária dos poemas. Depois de corrigidos, os/as alunos/as copiarão o mesmo para uma nova folha para afixarem no espaço da parede denominado por: “Os nossos trabalhos”</p>		
Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00				
<p>Área Curricular: Expressões</p> <p>Bloco 3: Exploração de técnicas Diversas de Expressão</p> <p>Descritores de Desempenho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explorar as possibilidades de diferentes materiais; - Fazer dobragens 	<p>Início: 11h00</p> <p>Fim: 12h30</p> <p>Duração:</p> <p>11h00 – 11h05 (5´)</p> <p>11h05 – 11h 15 (10´)</p>	<p>Atividade: “É Natal na nossa sala”</p> <p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Estabelecendo a ponte com os vários tipos de árvores abordadas no poema “A dança do sono da 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas de jornais e revistas de diferentes tamanhos; - Cola; - Agrafador; - Folhas tamanho A4; - Materiais de escrita e de colorir; 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

		<p>Serra” de Matilde Rosa Araújo e com a época natalícia, a estagiária propões construir para a sala uma árvore de Natal, mas visto que a turma já sabe como poupar em muitos aspetos, essa árvore terá de ser construída a partir de materiais recicláveis. Assim, apresenta jornais e revistas e questiona os/as alunos/as como poderão a partir daqueles materiais fazer uma árvore de natal.</p>		<p>convenções que regulam a interação;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação através do oral; - Criatividade
	11h 15 – 11h 20 (5´)	<ul style="list-style-type: none"> - Após, o diálogo a estagiária sugere construir uma árvore tal como ilustra a imagem, projetando a mesma (Anexo B). Aqui, serão os/as alunos/as a decidirem se concordam fazer aquela árvore ou outra que podem sugerir. 		
	11h20 - 11h 50 (30´)	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da árvore em grande grupo com o apoio dos adultos (professora cooperante e estagiárias); 		
	11h50 – 12h00 (10´)	<ul style="list-style-type: none"> - No fim da construção, a estagiária colocará a seguinte questão: <ul style="list-style-type: none"> - Será que podemos acrescentar alguma coisa á nossa árvore? Estimulando a curiosidade e a motivação dos/as alunos/as. Supondo que responderão que faltam os elementos decorativos da mesma, a estagiária proporá fazer em origamis estrelas para a decoração da árvore (Anexo C). 		
		<ul style="list-style-type: none"> - Realização do origami em forma de estrela e 		

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

	12h 00 – 12h 30 (30´)	decoreção da árvore de natal com o mesmo.		
Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00				
<p>Área Curricular: Oferta Complementar (Expressões, Português, Matemática, Estudo do Meio) Português</p> <p>Domínio: Oralidade</p> <p>Descritores de desempenho: - Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida; - Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar; - Respeitar as convenções que regulam a interação; Participar em atividades de expressão orientada,</p>	<p>Início: 14h 00 Fim: 16h 00</p> <p>Duração: 14h00 – 14h05 (5´)</p> <p>14h05 – 14h20 (15´)</p>	<p>Atividade: “Cozinha natalícia”</p> <p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Antes dos/as alunos/as entrarem na sala de aula estarão dispostas sobre as mesas imagens e receitas relativas a doces de natal (aletria, rabanadas, sopas secas, sonhos, entre outros) de modo a suscitar curiosidade e motivação. <p>Após, estarem todos sentados, a estagiária orientará o diálogo sobre as imagens colocadas nas mesas (Anexo D)</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que vêm nas imagens? - Relacionam-se com o Natal? Porquê? - Qual o vosso doce de natal preferido? - Qual será a relação da balança de dois pratos com estas imagens? - Qual o doce que gostariam de confeccionar aqui na escola? <p>Tendo em conta as condições que a escola oferece, é</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Imagens de doces de natal; - Pão (40 pães fornecidos pela padaria “Giesta” situada perto da escola); - 3 alguidares - Colheres; - Açúcar; - Sal; - Mel; - Canela em pó; - Bacias; - Folhas de hortelã; - Pratos de plástico; - Guardanapos 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Criatividade;

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

<p>respeitando regras e papéis específicos.</p>				
<p>Matemática</p>		<p>possível confeccionar o doce Sopas Secas” (Anexo E). Na semana anterior foi pedida autorização à cozinheira da escola para se utilizar o forno. Serão dadas instruções caras sobre as regras de higiene a adotar e cuidados necessários, uma vez que a água precisa à confeção é quente.</p>		
<p>Domínio: Geometria e Medida:</p>				
<p>Conteúdos: - Massa; - Capacidade; - Quantidade.</p>	<p>14h20 – 14h25 (5´)</p>	<p>- Divisão da turma em 3 grupos, nos quais cada adulto ficará a monitorizar um grupo.</p>		
<p>Descritores: - Identificar unidades de Medida; - Resolver problemas relacionando medidas; - Estimar quantidades.</p>	<p>14h25 – 14h40 (15´)</p>	<p>- Articulado a receita com os conteúdos abordados do dia anterior, será utilizada a balança para fazer a pesagem dos ingredientes necessários à confeção daquele doce de natal. - Quanto pesa no total o pão? - Se dividirmos em 3 partes iguais, com quantas gramas/quilos fica cada grupo?</p>		
<p>Estudo do Meio</p>	<p>14h40 – 15h 10 (30´)</p>	<p>- Confeção do doce. Cada grupo fará o doce à medida que a estagiária mencionará passo a passo o modo de preparação.</p>		
<p>Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos</p>	<p>15h10 – 15h 30 (20´)</p>	<p>- Enquanto o doce vai ao forno, as estagiárias distribuirão as prendas das professoras oferecidas a cada aluno/a</p>		
<p>Descritores: - Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...);</p>	<p>15h30 – 16h00 (30´)</p>	<p>- Degustação do doce e lanche convívio.</p>		

Comentário [S10]: caras?

Comentário [S11]: no

Anexo 2AVI – Planificação Diária (13-12-2013)

- Combinar diferentes Materiais.				
----------------------------------	--	--	--	--

Observações:

Tal como se sucede nos dias anteriores, os alunos com NEE acompanharão o desenvolvimento das atividades participando no diálogo e na construção tanto da árvore de Natal e do origami no período da manhã, como na elaboração do doce “Sopas Secas” no período na tarde.

Será lhes solicitado também um registo em folhas coloridas do momento mais significativo do dia. Esse registo integrará o espaço destinado na sala para afixação de trabalhos denominado de “Os nossos trabalhos”.

Anexo 2AVII – Planificação Diária (24-10-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica e JI da Boucinha Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo Data de Observação: 24/10/2013	Turma/Ano: 3.º H
--	-------------------------

Plano Diário (5.ª feira – 24/10/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
Área Curricular: Estudo do Meio Bloco 1: À descoberta de si mesmo <ul style="list-style-type: none"> • A sua naturalidade e nacionalidade 	Início: 9h00 Fim: 10h30 Duração: 9h00 – 9h10 (10´) 9h10 - 9h20 (10´)	Atividade: “Quem sou? Onde vivo?” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Exploração do tema: “Nacionalidade e Naturalidade” <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo de revisão e partilha dos conhecimentos prévios de cada 	- Bandeira Portuguesa; - Caixa; - Hino: “A Portuguesa”; - Manual de Estudo do Meio; - Livro de fichas de Estudo do Meio; - Caderno diário;	Modalidade de avaliação: Formativa Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção;

Anexo 2AVII – Planificação Diária (24-10-2013)

	9h20 – 9h45 (25´)	<p>aluno/a;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Audição do Hino: “A Portuguesa” e apresentação da Bandeira Portuguesa e posterior diálogo sobre os mesmos com recursos ao manual de Estudo do Meio (p.26 e 27); • Demonstração e exploração em grande grupo dos cartões de cidadão construídos por cada aluno/a em casa; • Continuação da Realização da ficha n.6 e 7 de Estudo do Meio (p. 14, 15 e exercício n. 1 da p.16) e cópia para o caderno diário do resumo do manual de Estudo do Meio (p.27). 		<p>- Apropriar-se de novos vocábulos;</p> <p>- Identificar e descrever a nacionalidade e naturalidade e respetivos elementos (bandeira e hino).</p> <p>- Ler em voz alta;</p> <p>- Fazer a interpretação da adivinha;</p> <p>- Identificar e conhecer as funções dos sinais de pontuação.</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta;</p> <p>- Respeito pelas convenções que regulam a interação;</p> <p>- Participação através do oral;</p> <p>- Correção ortográfica e caligráfica.</p>
	9h45 – 10h00 (15´)			
	10h00 – 10h30 (30´)			
Intervalo 10h00 – 10h30 (30´)				
Área Curricular: Português	Início: 11h 00 Fim: 12h 30	Atividade: Adivinho o que já aprendi!	- Saco com adivinhas; - Sinais de pontuação	

Comentário [S12]: Tente evitar usar o manual.

Anexo 2AVII – Planificação Diária (24-10-2013)

<p>Domínio: Expressão e Compreensão do Oral, Leitura e Escrita</p> <p>Conteúdos: - Informação essencial e acessória; - Regras e papéis da interação oral; - Vocabulário; - Sinais de pontuação: ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, aspas, dois pontos, reticências, travessão).</p>	<p>Duração: 11h00 – 11h05 (5´)</p> <p>11h05 – 11h30 (25´)</p> <p>11h30 – 11h44 (15´)</p>	<p>Estratégias:</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <ul style="list-style-type: none"> Realização de um jogo: “Adivinha lá”. Previamente são distribuídos sinais de pontuação construídos em cartolina, por alguns/mas alunos/as (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgula, travessão, aspas, dois pontos, reticências). Outros/as, aleatoriamente, retiram de um saco um papel que contém uma adivinha (construídas pela díade Anexo A) sobre um sinal de pontuação, que a lê para os/as restantes alunos/as. Estes têm que adivinhar a qual corresponde e afixar no quadro a representação do mesmo. Exploração do “Laboratório Gramatical” no manual de 	<p>em cartolina; - Manual de Português;</p>	
--	--	---	--	--

Anexo 2AVII – Planificação Diária (24-10-2013)

	11h45 – 12h30 (45´)	Português (p.36). <ul style="list-style-type: none">• Realização do “Alfapalavras” do manual de Português (p.37).		
--	---------------------	---	--	--

Anexo 2AVIII – 1.º Guião de Pré-Observação

Instituição Cooperante: Escola EB1/JI da Boucinha

Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha

Turma/Ano: 3.ºH

Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiário/a Observado/a: Joana Araújo

Data de observação: 31 de outubro de 2013

Síntese das evidências que emergiram da reflexão retrospectiva e que sustentam a atividade pedagógica

Paralelamente à observação, a reflexão retrospectiva realizada em díade (par de estagiárias) juntamente com a professora cooperante (Lúcia Rocha), traduzem-se nas primeiras ações que sustentam a prática pedagógica adotada pelo/a profissional docente, permitindo que esta se concentre no que é essencial.

Assim sendo, o desenvolvimento das ações anteriormente mencionadas, levam a que o par pedagógico perspetive, planifique e desenvolva atividades que atendam às necessidades individuais e grupais dos/as alunos/as em tempo real e, simultaneamente aos respetivos interesses de cada um/a.

Perante tal afirmação, encontra-se patente a necessidade de aprofundar conhecimentos e conceitos no que se referem ao conteúdo “nacionalidade” de cada aluno/a, mais especificamente, no que diz respeito à simbologia da bandeira de Portugal (símbolos e cores).

Consequentemente, esta necessidade e interesse, manifesta-se ao mesmo tempo, que se aborda conteúdos referentes à Área Curricular de Estudo do Meio, acompanhando desta forma o respetivo manual, ao mesmo tempo que aprofunda o assunto/tema existindo uma constante articulação entre conteúdos de outras áreas curriculares.

Anexo 2AVIII – 1.º Guião de Pré-Observação

Prevê dificuldades no desenvolvimento da atividade? Se sim, como espera resolvê-las?

Tendo em conta que a prática pedagógica se desenvolve em contextos incertos, complexos e mutáveis e após várias reflexões retrospectivas realizadas individualmente bem como, com o meu par pedagógico e com a professora cooperante, prevejo dificuldades no desenvolvimento da mesma.

Assim, a falta de concentração e o ritmo diferenciado de cada aluno/a, constituem-se como sendo os principais entraves ao desenvolvimento da atividade. No entanto, esta foi perspectivada e planificada tendo em conta estes aspetos de forma a que sejam colmatados progressivamente, adotando ao longo da mesma estratégias diferenciadas que me permitam dar resposta a necessidades igualmente diversificadas de cada aluno/a.

O que acha relevante ser observado nesta atividade? Justifique.

Como já referi anteriormente, a concentração e o ritmo diferenciado de cada aluno/a traduzem-se nas principais questões que eu enquanto futura profissional e atual dinamizadora da atividade, terei em atenção no decorrer da atividade. Desta forma, e de modo a colmatar tais obstáculos considero fulcral concentrar a observação no que diz respeito à minha competência comunicativa bem como, à manipulação dos conteúdos abordados. Paralelamente, a assertividade com que guiarei a aula constitui-se igualmente, como um outro aspeto fundamental a ser adotado na prática docente.

Anexo 2AIX – Planificação Diária (31-10-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo Data de Observação: 31/10/2013	Turma/Ano: 3.º H
--	-------------------------

Plano Diário (5.ª feira – 31/10/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
Área Curricular: Estudo do Meio Bloco 1: À Descoberta de si mesmo - A sua naturalidade e nacionalidade Bloco 2: À Descoberta dos outros e das instituições - Símbolos nacionais	Início: 09h00 Fim: 10h30 Duração: 09h00 – 9h10 (10´) 9h10 – 9h25 (15´) 9h25 – 9h 50 (30´)	Atividade: “BI de Portugal” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo orientado sobre o conteúdo abordado na aula da semana anterior relativo à nacionalidade e naturalidade, recordando os principais conceitos abordados; - Apresentação e explicação dos símbolos que constituem a bandeira nacional;	- Caixa com vários objetos (bandeira nacional, fichas de trabalho, cartões tamanho A5); - Cartolina e símbolos da bandeira nacional recortados; - Materiais de escrita e de colorir;	Modalidade de avaliação: Formativa Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Distinguir freguesia/concelho/distrito/país; - Reconhecer símbolos nacionais

Anexo 2AIX – Planificação Diária (31-10-2013)

<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Expressão oral e Compreensão do Oral</p> <p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Facto e opinião; - Informação explícita e implícita; - Inferências; - Pesquisa e organização da pesquisa: tema, tópico, assunto; palavras-chave; hierarquização da informação; - Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; seleção e hierarquização da informação essencial; 	9h50 – 10h10 (20´)	- Realização e preenchimento de um cartão com dados relativos ao país (“Bilhete de Identidade de Portugal”);		(bandeira e sua simbologia);	
	10h10 – 10h30 (20´)	- Realização de uma ficha de trabalho sobre os símbolos (Anexo A).		- Ler, explorar e interpretar informação e resolver problemas utilizando estratégias diversificadas;	
	<p>Início: 11h00</p> <p>Fim: 12h30</p> <p>Duração:</p> <p>11h00 – 11h05 (5´)</p>	- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;	- Exploração de umas imagens relativas ao Halloween, do manual de português (p. 40) em pares	- Manual de Português;	- Construir fantoches utilizando materiais recicláveis.
	11h05 – 11h 15 (10´)	- Diálogo orientado sobre o conteúdo das imagens de modo a que cada aluno/a se expresse.	Questões orientadoras:	- CD – Guia do professor;	
11h15 - 11h45 (30´)		<ul style="list-style-type: none"> • O que vêm nas imagens? • O que vos faz lembrar? • O que conhecem sobre esse dia? • Sabem porque se comemora o Halloween? 	- Leitor de CD;		
		- Resolução, de forma individual, da proposta que acompanha o manual de Português da página 41, denominada por “Compreensão do Oral”;	- Materiais de escrita;	Instrumentos de avaliação:	

Comentário [S13]: Não descreve como salta da temática trabalhada a EM para esta. (porque é que estão vestidos dessa forma? O Halloween é uma tradição portuguesa? Faz parte de algum dos símbolos que vimos anteriormente...

Anexo 2AIX – Planificação Diária (31-10-2013)

<ul style="list-style-type: none"> - Princípio da cooperação e cortesia; - Regras e papéis da interação oral 	<p>11h45 – 12h30 (30´)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Correção por parte das estagiárias e da professora cooperante da proposta que acompanha o manual, chamando individualmente cada aluno/a de forma a dar feedback. 		<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica; - Criatividade;
<p>Área Curricular: Matemática</p> <p>Tópico: Organização e Tratamento de dados e situações aleatórias; Resolução de problemas</p> <p>Subtópico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação de informação apresentada em tabelas e gráficos; - Compreensão do problema; - Conceção, aplicação e justificação de estratégias. 	<p>Início: 14h 00 Fim: 16h 00</p> <p>Duração:</p> <p>14h00 – 14h05 (5´)</p> <p>14h05 – 15h00 (55´)</p>	<p>Atividade: “Mas que problema!”</p> <p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula - Leitura e interpretação do problema criado pelas estagiárias (Anexo B); - Resolução do problema a pares incluindo a justificação das estratégias utilizadas; - Apresentação e explicação por parte de cada par de alunos/as, dos resultados e obtidos e estratégias utilizadas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fotocópias do problema (18); - Materiais de escrita; 	

Comentário [S14]: Ficha de trabalho interessante. Teve o cuidado de dar continuidade ao tema que estava a ser tratado (Halloween)

Anexo 2AIX – Planificação Diária (31-10-2013)

<p>Área Curricular: Expressão Plástica</p> <p>Bloco 1: Descoberta e Organização progressiva de volumes</p> <p>- Construções</p>	15h00 – 15h50 (50´)	- Realização de um fantoche (Bruxa) a partir de uma colher de pau e utilizando materiais recicláveis.	<p>- Colheres de pau (18)</p> <p>- Materiais recicláveis (tecidos, botões, diferentes tipos de papel, materiais para colorir, cola líquida UHU)</p>	
	15h50 – 16h00 (10´)	- Apresentação do fantoche construído por cada aluno/a à turma.		

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo Data de Observação: 13/11/2013	Turma/Ano: 3.º H
--	-------------------------

Plano Diário (4.ª feira – 13/11/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
Área Curricular: Apoio ao Estudo (Estudo do Meio e Português) Bloco 4: À Descoberta das Inter-relações entre espaços - Meios de comunicação Domínio: Gramática Conteúdos: - Manipular os sons da língua o observar os efeitos produzidos - Segmentar palavras	Início: 09h00 Fim: 10h30 Duração: 09h00 – 09h10 (10´) 09h10 – 9h30 (20´) 9h30 – 09h 50 (20´)	Atividade: “Resolve e s.o.l.e.t.r.a.” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo orientado pela estagiária, com o intuito de recolher informações sobre os conhecimentos prévios e adquiridos e respetivos conteúdos abordados nos dias anteriores. - Resolução, de forma individual, da Ficha n.º 9 do livro de fichas de Estudo do Meio (página 21).	- Livro de Fichas de Estudo do Meio - Materiais de escrita; - Quadro. - Saco com palavras sobre os meios de comunicação (Anexo A)	Modalidade de avaliação: Formativa Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Segmentar e soletrar palavras;

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

	9h50 – 10h05 (15´)	- Correção oralmente e em grande grupo da Ficha n.º 9.		Instrumentos de avaliação:
	10h05 – 10h30 (25´)	- Concurso de soletração com palavras sobre os meios de comunicação. Este concurso surge porque alguns/mas alunos/as apresentam dificuldades na correção ortográfica e este constitui-se como um meio para colmatar tal necessidade. (Anexo A).		- Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica; - Grelha de avaliação do concurso (Anexo C).
Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00				
Área Curricular: Matemática Tópico: Números e Operações com números naturais Subtópico: Adição e subtração de números naturais - Algoritmo da adição Objetivos específicos: - Utilizar estratégias de cálculo	Início: 11h00 Fim: 12h30 Duração: 11h00 – 11h05 (5´) 11h05 – 11h 30 (25´)	Atividade: “Algoritmo! Al quê?” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Resolução de operações mentalmente. A estagiária apresentará uns cartões que contêm cálculos em que os/as alunos/as têm que mentalmente efetuar a operação	- Cartões com operações (Anexo B); - Quadro Interativo; - Materiais de escrita; - Cartões tamanho A5;	Modalidade de avaliação: Formativa Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos;

Comentário [S15]: Estratégia interessante

Comentário [S16]: Aula não tem fio condutor

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

<p>mental com a operação da adição; - Compreender e realizar o algoritmo da adição;</p>	<p>11h30 - 12h00 (30´)</p> <p>12h00 – 12h30 (30´)</p>	<p>(Anexo B). Inicialmente responderá aquele/a que colocar o braço no ar em primeiro lugar, posteriormente será selecionado um/a aluno/a. Esta atividade emerge devido à dificuldade que a maioria da turma apresenta na utilização do cálculo mental.</p> <p>- Apresentação do título da atividade “Algoritmo! Al quê?” de forma a expor o novo conteúdo matemático. De seguida será explicado no quadro com recursos a operações pensadas pelos/as alunos/as, o algoritmo da adição.</p> <p>- Por fim e para consolidar o conteúdo, cada aluno/a marcará operações aos seus colegas para resolverem. Posteriormente será realizada a correção por parte da díade de estagiárias e pela professora cooperante, percorrendo os lugares</p>		<p>- Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para a operação da adição;</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica; - Exploração intuitivamente de operações;</p>
<p>Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00</p>				
<p>Área Curricular: Área Curricular: Português</p>	<p>Início: 14h 00 Fim: 16h 00</p>	<p>Atividade: Atividade: “E se fosse hoje?”</p> <p>Estratégias:</p>	<p>- Computador; - Quadro Interativo; - Projetor;</p>	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p>

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

<p>Domínio: Expressão e Compreensão do oral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apropriar-se de novos vocábulos; - Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; <p>Domínio: Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hierarquizar a informação; - Estabelecer relações intratextuais; - Selecionar informação relevante e acessória; - Identificar o assunto e a ideia principal; <p>Domínio: Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> - Copiar textos de modo legível e sem erros; - Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado, respeitando as convenções ortográficas e de pontuação, utilizando mecanismos de coesão e coerência adequados); - Construir narrativas no plano do real ou da ficção. 	<p>Duração:</p> <p>14h00 – 14h05 (5´)</p> <p>14h05 – 15h10 (65´)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Com o intuito de colmatar as necessidades reais de alguns/mas alunos/as sobre a estruturação e compreensão do texto dramático, surge a exploração do texto dramático “A Carochinha” de Luísa Dacosta que pertence ao livro da autora intitulado por “Robertices” e que se encontra transcrito nas páginas 52 e 53 do manual; Aqui, a estagiária recorre a um pdf, disponível em http://www.scoop.it/t/livros-e-leituras-bibliobeiriz/p/3995483566/robertices-luisa-dacosta, na medida em que este documento para além do texto escrito contém as ilustrações originais do respetivo livro; - 1º momento corresponde a uma “chuva de ideias” sobre o título: “A Carochinha”; -2º momento corresponde a um momento de leitura realizada pela estagiária e levantamento de palavras desconhecidas explicando-lhes o significado - 3º momento diz respeito a uma leitura silenciosa por parte dos/as alunos/as - 4º momento é realizada uma leitura em 	<ul style="list-style-type: none"> - Manual de Português; - Caderno diário; - Materiais de escrita; 	<p>Aprendizagens esperadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Escrever pequenas narrativas, incluindo os seus elementos constituintes: <i>quem, quando, onde, como, o quê</i>. <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica; - Coesão e coerência da narrativa construída; - Grelha de avaliação da participação oral (Anexo D).
--	---	--	--	--

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

	15h10 – 16h00 (50´)	<p>voz alta por alguns/mas alunos/as permitindo o contacto reforçado com o mesmo;</p> <p>- 5º momento servirá para uma “chuva de ideias” sobre as possíveis temáticas exploradas no texto e registo no quadro e posteriormente no caderno diário.</p> <p>- Redação e apresentação de uma composição, imaginando que a Carochinha teria que encontrar um marido mas utilizando outros meios de comunicação (telefone, e-mail, carta, anúncio jornal, entre outros); incorporando também outros animais para além dos que aparecem no texto;</p> <p>- Trabalho para Casa: Resolução da ficha de trabalho n.º 14 do livro de fichas (página 16).</p>		
--	---------------------	---	--	--

Anexo 2AX – Planificação Diária (13-11-2013)

Observações:

Tendo em conta que a turma é constituída por dois alunos sinalizados com Necessidades Educativas Especiais, o par pedagógico em conjunto com a professora cooperante incorpora nas atividades ajustadas às necessidades de cada um respeitando os respetivos ritmos de aprendizagem. Assim, as atividades incidir-se-ão principalmente em atividades de pintura e trabalhos manuais bem como, incorporar as opiniões desses alunos no diálogo orientado pela estagiária. No entanto, é importante referir que é nestas ocasiões em que esses alunos estão presentes na sala de aula, que a professora cooperante faz um trabalho mais individualizado com os mesmos. Esta observação aplica-se nos três dias em que o par pedagógico intervém no contexto educativo.

Comentário [S17]: É pertinente fazer referência aos alunos NEE e às atividades que pretende desenvolver com eles sempre que estiverem na sala.

Anexo 2AXI – 2.º Guião de Pré-Observação

Instituição Cooperante: Escola EB1/JI da Boucinha

Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha

Turma/Ano: 3.ºH

Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiário/a Observado/a: Joana Araújo

Data de observação: 13 de novembro de 2013

Síntese das evidências que emergiram da reflexão retrospectiva e que sustentam a atividade pedagógica

As atividades pedagógicas perspetivadas, planificadas e desenvolvidas pelo/a profissional educativo/a exigem e emergem de uma constante reflexão retrospectiva, que leva a que as mesmas sejam ajustadas ao contexto onde se inserem os/as alunos/as.

Então, adotando uma postura reflexiva o par de estagiárias em conjunto com a professora cooperante, perspetivou e planificou uma atividade pedagógica inserida na área curricular de Português, dando relevo aos interesses e necessidades da turma. Assim, durante a semana passada (de 4 a 8 de novembro) foi possível observar que alguns/mas alunos/as revelam carências ao nível da estruturação e compreensão do tipo de texto dramático. Por sua vez e contrastando esta evidência, a maioria dos/as alunos/as mostram uma curiosidade e motivação acrescida por este tipo de texto devido às características particulares que apresenta (didascálias, personagens, entoação). Estes factos foram possíveis detetar, uma vez que o par pedagógico, na semana anterior, desenvolveu uma atividade com o mesmo tipo de texto e registou expressões como: “não percebi isto” e “quero mais textos como este”, e expressões faciais que demonstram interesse e dúvidas.

Desta forma, a leitura e exploração do texto dramático “A Carochinha” que integra o livro “Robertices” de Luísa Dacosta, traduz-se num recurso literário que possivelmente possibilitará a colmatação de tais necessidades e criação de novos interesses. Será, então explorado um excerto do texto pois, acompanha a panóplia de

Anexo 2AXI – 2.º Guião de Pré-Observação

textos do manual de Português.

Prevê dificuldades no desenvolvimento da atividade? Se sim, como espera resolvê-las?

Da capacidade reflexiva já mencionada, que um/a profissional de educação deve adotar ao longo da sua prática, suscita naturalmente questões, entre as quais a previsão de dificuldades que possam surgir.

Neste sentido e por forma a colmatar necessidades e criar novos interesses, a atividade a desenvolver requer um nível ajustado de concentração e empenhamento por parte dos/as alunos/as. Simultaneamente, terei que ter em atenção que a mesma se desenvolverá no período da tarde, período esse em que os/as alunos/as estarão possivelmente menos predispostos a colaborar e mais irrequietos, criando uma distração geral. No entanto, de modo a colmatar tais dificuldades, as atividades desenvolvidas no período da manhã, envolverão um esforço mental menor. É importante mencionar também, que o conteúdo a abordar na aula de matemática (das 11h00h às 12h30) é novo (algoritmo da adição), mas a maioria da turma já o utiliza na resolução de operações.

Chegados até aqui, torna-se relevar invocar simultaneamente, que a turma sendo bastante heterogénea no que respeita aos ritmos de aprendizagem, prevejo e receio que nem todos/as os/as alunos/as consigam compreender a estruturação do tipo de texto dramático e a sequência da história, para participarem de forma ativa na aula e na posterior resolução da ficha n.º 4 (pág. 29) do livro de fichas de Português.

Tomando como base estas previsões, a estagiária recorrerá aos recursos áudio (mas não só) pela sua capacidade motivadora e facilitadora do processo de ensino e aprendizagem.

O que acha relevante ser observado nesta atividade? Justifique.

Um/a professor/a tem que se preocupar com muitos pormenores, antes e durante a leção das áreas curriculares, entre os quais técnicos, pedagógicos e didáticos.

Assim sendo, considero relevante analisar a minha capacidade discursiva nomeadamente no que concerne à: 1) interrogação individual aos/às alunos/as para testar o acompanhamento do conteúdo; 2) tom de voz adequado; 3) facilidade e

Anexo 2AXI – 2.º Guião de Pré-Observação

eficácia de comunicar.

Considero igualmente pertinente ser observada no que respeita ao: 1) domínio dos conteúdos abordados; 2) utilização de recursos didáticos diversificados para apoiar a lecionação.

Anexo 2AXII – Planificação Diária (14-11-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha

Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha

Turma/Ano: 3.º H

Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo

Data de Observação: 14/11/2013

Plano Diário (5.ª feira – 14/11/2013)

Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
<p>Área Curricular: Estudo do Meio</p> <p>Bloco 4: À Descoberta das Inter-relações entre espaços - Meios de comunicação (evolução dos meios de transporte)</p>	<p>Início: 09h00 Fim: 10h30</p> <p>Duração: 09h00 – 09h10 (10´) 09h10 – 9h30 (20´)</p>	<p>Atividade: “Viagem no tempo”</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <p>- Diálogo orientado pela estagiária, com o intuito de recolher informações sobre os conhecimentos prévios e adquiridos e respetivos conteúdos abordados na terça-feira com a professora cooperante (evolução dos meios de comunicação).</p> <p>- Apresentação de uma reta numérica</p>	<p>- Manual de Estudo do Meio -Imagens dos meios de transporte terrestres, aquáticos e aéreos (Anexo A) - Reta numérica em cartão; - Pata-fixxe; - Fichas com meios de transporte (Anexo B)</p>	<p>Modalidade de avaliação: Formativa</p> <p>Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; -Situvar na reta numérica principais invenções dos meios de</p>

Anexo 2AXII – Planificação Diária (14-11-2013)

	9h30 – 10h 00 (30´)	construída em cartão pela díade de estagiárias e imagens de diversos meios de transporte desde aquáticos, terrestres e aéreos). Os/as alunos/as em grande grupo têm que aleatoriamente completar a reta numérica de acordo com o ano da invenção do respetivo meio de transporte (Anexo A).		transporte;
	10h00 – 10h10 (10´)	- Exploração do manual de Estudo do Meio (páginas 38 e 39).		Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;
	10h10 – 10h30 (20´)	- Distribuição de umas fichas que contêm várias imagens de um meio de transporte que traduzem a sua evolução (Anexo B). Os/as alunos/as terão que ordenar as imagens de acordo com a sua evolução. Durante a correção serão justificadas as seleções dos/as alunos/as		
Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00				
Área Curricular: Português Domínio: Compreensão do Oral e Expressão oral - Referir o essencial de um pequeno texto ouvido;	Início: 11h00 Fim: 12h30 Duração: 11h00 – 11h05 (5´)	Atividade: “Sessão de cinema” Estratégias: - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula - Visualização de um vídeo sobre a	- Computador; - Quadro Interativo; - Projetor; - Cartões com palavras sobre os meios de transporte (Anexo C);	Modalidade de avaliação: Formativa Aprendizagens esperadas: - Respeitar regras da interação

Anexo 2AXII – Planificação Diária (14-11-2013)

<ul style="list-style-type: none"> - Informação explícita e implícita; - Inferências; - Planificação do discurso: identificação do tópico/tema, seleção e hierarquização da informação - Princípio da cooperação e da cortesia; - Regras e papéis da interação oral; - Partilhar ideias e sentimentos; 	11h05 – 12h00 (55´)	<p>evolução dos meios de comunicação e transporte e exploração do mesmo.</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=jZUUbDN6gbc</p> <p>Questões orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que visualizaram no vídeo? - Quais os meios de transporte que viram? E meios de comunicação? - Descrevam a comunicação entre os esquilos. - Já pensaram se conseguiam comunicar assim? 		<p>discursiva;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Soletrar corretamente palavras; <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;
	12h00 – 12h30 (30´)	<ul style="list-style-type: none"> - Soletração com palavras sobre os meios de transporte, dando continuidade ao concurso iniciado no dia anterior (Anexo C); 		
<p>Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00</p>				Modalidade de avaliação:
<p>Área Curricular: Matemática</p> <p>Tópico: Representação e interpretação de dados e situações aleatórias; Números e Operações com números</p>	<p>Início: 14h 00 Fim: 16h 00</p> <p>Duração: 14h00 – 14h05 (5´)</p>	<p>Atividade: Atividade: “Evolui? Eis a questão”</p> <p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fita métrica; - Fichas com problemas que envolvem o algoritmo da adição (Anexo D); - Materiais de escrita; 	<p>Formativa</p> <p>Aprendizagens esperadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar regras da interação discursiva;

Comentário [S18]: Atividade interessante

Anexo 2AXII – Planificação Diária (14-11-2013)

<p>naturais</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>- Ler, explorar, interpretar e descrever tabelas e gráficos e responder e formular questões relacionadas com a informação apresentada;</p> <p>- Compreender e realizar o algoritmo da adição;</p>	14h05 – 15h00 (55´)	<p>- De forma a demonstrar aos/às alunos/as que tal como os meios de comunicação e de transporte evoluem, o ser humano também. Assim, e (re)aproveitando as duas tabelas das alturas dos meninos e das meninas da turma, afixadas numa das paredes da sala, efetuar-se-á uma nova medição das alturas dos meninos e das meninas. Estes novos dados serão afixados ao lado dos anteriores de forma a observarem o crescimento de cada um/a.</p>		<p>- Produzir um discurso oral com correção;</p> <p>- Apropriar-se de novos vocábulos;</p> <p>- Ler, explorar e interpretar tabelas de dupla entrada, informação e resolver problemas utilizando estratégias diversificadas;</p> <p>- Utilizar o algoritmo da adição</p>
	15h00 – 15h20 (20´)	<p>- Exploração através do cálculo mental sobre os novos dados inseridos na tabela;</p>		<p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta;</p> <p>- Respeito pelas convenções que regulam a interação;</p> <p>- Participação através do oral;</p> <p>- Correção ortográfica e caligráfica;</p>
	15h20 – 16h00 (40´)	<p>- Resolução de problemas envolvendo conteúdos sobre as alturas, meios de transporte e comunicação e correção em grande grupo dos problemas resolvidos (Anexo D);</p>		<p>- Registo das estratégias utilizadas na resolução de problemas.</p>

Comentário [S19]: É pena não haver fio condutor entre esta atividade e a que apresenta na aula seguinte.

Anexo 2AXIII – Recurso - Ficha de Matemática

Nome: _____ Data: ___/___/_____

Tendo em conta as tabelas das alturas que acabamos de construir, no total quantos centímetros medem os rapazes?

E as raparigas?

Qual é a diferença de alturas entre a dos rapazes e das raparigas?

De acordo com os dados que acabaste de completar na tabela das alturas na tua sala, completa a seguinte tabela:

Nome	N.º de carros
Bruno	
Alexandre	
Tiago	
Diogo Correia	678
Diogo Bastos	356
Hugo	543
Gonçalo	134
Rafael	
Zé	
Afonso	

Anexo 2AXIII – Recurso - Ficha de Matemática

1. O aluno mais alto da turma tem 358 carros telecomandados e o mais baixo ofereceu-lhe 215. Com quantos carros ficou o aluno mais alto? (No caso de existir mais que um aluno da mesma altura, resolve o exercício por ordem alfabética).
2. Quantos carros existem no total?
3. Se somares os carros do Diogo Correia e do Diogo Barros, com quantos ficas?
4. E se juntares a esses os carros do Alexandre?

Não te esqueças de resolver estes problemas, utilizando o algoritmo da adição.

A Jéssica, A Luana e a Lia Flor são três amigas da turma do 3.º H da escola da Boucinha. Quando vão para a escola, a Jéssica passa por 128 carros e 13 motos. A Luana por 77 carros, 1 mota e 10 camiões. Por fim, a Lia por 283 carros e ainda viu 2 comboios.

1. Quantos meios de transporte viram no total as três amigas?
2. Quais foram?
3. Quantos carros passaram pela Luana e pela Jéssica?

Anexo 2AXIII – Recurso - Ficha de Matemática

4. Quantas motas viram no total as três amigas?

5. Se a Lia sair de casa às 8h30 e se chega à escola às 8h50, quantos minutos demora a chegar à escola?

Não te esqueças de resolver as questões utilizando o algoritmo da adição

Anexo 2AXIV – Planificação Diária (15-11-2013)

<p>Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha</p> <p>Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha</p> <p>Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira</p> <p>Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo</p> <p>Data de Observação: 15/11/2013</p>	<p>Turma/Ano: 3.º H</p>
---	--------------------------------

Plano Diário (6.ª feira – 15/11/2013)				
Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
<p>Área Curricular: Matemática</p> <p>Tópico: Números e Operações com números naturais</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as operações da adição e da subtração; - Compreender e realizar 	<p>Início: 09h00</p> <p>Fim: 10h30</p> <p>Duração:</p> <p>09h00 – 09h10 (10´)</p> <p>09h10 – 9h30 (20´)</p>	<p>Atividade: “Já sei algaritmar”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Diálogo para esclarecer possíveis dúvidas sobre os conteúdos abordados nas áreas curriculares ao longo da semana; - Resolução, de forma individual, da Ficha 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Fichas de Matemática; - Materiais de escrita; - Quadro; 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Aprendizagens esperadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos;

Anexo 2AXIV – Planificação Diária (15-11-2013)

<p>algoritmo para a operação da adição;</p>	<p>9h30 – 10h00 (30´)</p> <p>10h00 – 10h30 (30´)</p>	<p>n.º 12 do livro de fichas de Matemática (páginas 25 e 26).</p> <p>- Correção oralmente e em grande grupo da Ficha n.º 9 aproveitando a ocasião para esclarecer dúvidas sobre os exercícios.</p>		<p>- Utilizar o algoritmo da adição;</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <p>- Observação direta;</p> <p>- Respeito pelas convenções que regulam a interação;</p> <p>- Participação através do oral;</p> <p>- Correção ortográfica e caligráfica;</p>
<p>Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00</p>				
<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Expressão e Compreensão do oral</p> <p>- Apropriar-se de novos vocábulos;</p> <p>- Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas;</p>	<p>Início: 11h00</p> <p>Fim: 12h30</p> <p>Duração: 11h00 – 11h05 (5´)</p>	<p>Atividade: “Se eu tivesse um/a...”</p> <p>Estratégias:</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <p>- Exploração e leitura do poema “Se” de</p>	<p>- Fotocópias do poema “Se” (18);</p> <p>- Materiais de escrita,</p> <p>- Cadernos diários de Português;</p>	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Aprendizagens esperadas:</p> <p>- Respeitar regras da interação discursiva;</p>

Comentário [S20]: Sem fio condutor entre esta e a área trabalhada anteriormente

Anexo 2AXIV – Planificação Diária (15-11-2013)

<p>Área Curricular: Expressões</p> <p>Bloco 3: Exploração de Técnicas Diversas de Expressão</p> <p>- Fazer dobragens (origamis)</p>	14h00 – 14h05 (5´)	- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;	- Cadernos diários; - Folhas A5; - Agrafador;	Formativa
	14h05 – 15h00 (55´)	- Visualização de um vídeo que demonstra as regras de prevenção utilizadas nos transportes públicos;	- Folhas A4; - Manta; - Caixinha de música; - Almofadas; - Fotocópias da história “A caixinha dos beijinhos”	Aprendizagens esperadas:
		- Discussão em grande grupo do conteúdo visualizado no vídeo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=VqB3XhdKKm0 e inserção de novas regras e ideias de cada aluno/a e registo no quadro interativo das respetivas regras e nos cadernos diários.		- Respeitar regras da interação discursiva; - Produzir um discurso oral com correção; - Apropriar-se de novos vocábulos; - Ler, explorar e interpretar informação e resolver problemas utilizando estratégias diversificadas;
		Atividade: “Hoje vou viajar de...”		Instrumentos de avaliação:
	15h00 – 15h10 (10´)	Estratégias: - Diálogo sobre os meios de transporte preferidos de cada aluno/a;		- Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;
	15h10 – 15h40 (30´)	- Construção de um livro de origamis de tamanho A5, que vai sendo progressivamente construído ao longo do		

Comentário [S21]: Eles gostam e vai surtir efeito

Anexo 2AXIV – Planificação Diária (15-11-2013)

	15h40 – 16h00 (20´)	ano letivo. Neste dia serão construídos em origamis barcos e aviões, que posteriormente constituirão o livro. - Leitura de um conto “A caixinha dos beijinhos” por parte da estagiária, onde os/as alunos/as estarão sentados numa manta dispostos em círculo. (Anexo C)		
--	---------------------	---	--	--

Observações:

*Esta atividade foi pensada em conjunto com a professora cooperante de modo a ser desenvolvida progressivamente, ou seja, todas as sextas, os últimos minutos antes de acabar as aulas, será proporcionado aos/às alunos/as um momento de leitura.

Este terá como objetivo criar o gosto pela leitura e provocar reações e reflexões na turma de acordo com o conteúdo do texto. Desta forma, será simultaneamente, criado um espaço acolhedor com uma manta, almofadas e uma caixinha de música.

Anexo 2AXV – 3.º Guião de Pré-Observação

Instituição Cooperante: Escola EB1/JI da Boucinha

Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha

Turma/Ano: 3.ºH

Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiário/a Observado/a: Joana Araújo

Data de observação: 15 de janeiro de 2014

Síntese das evidências que emergiram da reflexão retrospectiva e que sustentam a atividade pedagógica

A prática docente encontra-se intimamente relacionada com dois processos transversais a todo o processo de ensino e de aprendizagem, a destacar a observação a reflexão. A última prende-se fundamentalmente com a primeira pois, as informações recolhidas permitem a as actividades e tarefas perspectivadas, planificadas e desenvolvidas vão ao encontro dos reais interesses e necessidades da turma.

Assim sendo, a atividade a ser desenvolvida denomina-se por “Roda rosácea” inserida na área curricular de Matemática articulada com a área de Expressões (Plástica). Nesta, será feita uma exploração de rosáceas em que os/as alunos/as terão a oportunidade de experimentar construir uma, através da construção de *origami*. Anteriormente, será apresentado um Power Point com várias imagens que incorporem rosáceas que podemos encontrar no dia a dia, aproximando assim o conteúdo às experiências de cada aluno/a, tornando simultaneamente, a aprendizagem mais significativa.

Importa ainda invocar o porquê desta atividade. Esta surgiu da observação das práticas pedagógicas que têm vindo a ser realizadas pela estagiária no contexto, no qual teve oportunidade de constatar o entusiasmo e o interesse que a turma demonstrou em utilizar o compasso como instrumento para o processo de ensino e de aprendizagem, aliando ao mesmo, uma vertente mais lúdica. No entanto, na

Anexo 2AXV – 3.º Guião de Pré-Observação

presente atividade o referido instrumento não será necessário, contudo na parte da manhã será utilizado de modo a fazer uma abordagem inicial do conteúdo das figuras no plano.

Prevê dificuldades no desenvolvimento da atividade? Se sim, como espera resolvê-las?

Tendo em conta que a prática docente é desenvolvida em contextos de pura complexidade, mutabilidade e singularidade, a estagiária prevê dificuldades no desenvolvimento da atividade anteriormente planificada. O primeiro entrave concentra-se no período do dia em que a atividade é realizada, sendo este à tarde o que leva a que a maioria dos/as alunos/as já se sintam menos predispostos a realizar as tarefas com menos labor e concentração, do que no período da manhã. Assim sendo, de modo a colmatar tal dificuldade, no período da manhã serão abordados os conteúdos que exigem uma maior concentração por parte de cada aluno/a, sendo a tarde reservada para a realização de uma tarefa menos exigente em termos gerais.

O longo do desenvolvimento da atividade mais especificamente, na realização do *origami*, a estagiária prevê que os/as alunos/as na generalidade se dispersem, exigindo por parte da mesma uma capacidade de motivação e improviso mais elevada.

O que acha relevante ser observado nesta atividade? Justifique.

Na construção de saberes profissionais, o processo de supervisão constitui-se como sendo um dos mais importantes pois, favorece o cruzamento de vários olhares através da reflexão pós-ação, além de outros fatores como o apoio e trocas de experiências e materiais. Assim sendo, perante a atividade a estagiária considera fulcral ser observada, uma vez mais, ao nível do tom de voz, clareza da linguagem e a acessibilidade da mesma ao conteúdo a explorar, de modo a verificar uma evolução perante a atividade anteriormente observada (dia 13 de novembro de 2013).

Paralelamente, a motivação e o interesse em cativar os/as alunos/as para a atividade a desenvolver, é considerado pela estagiária como um dos principais elementos a ser observados, pois é transversal a toda a profissionalidade docente.

Anexo 2AXV – 3.º Guião de Pré-Observação

Simultaneamente, um/a profissional educativo/a deve atentar constantemente à capacidade de reflexão na e pós ação, adotando sempre que possível, na atividade dinamizada, uma flexibilidade de acordo com novos interesses e novas necessidade que surgirão no momento, mantendo-se sempre concentrada no foco da atividade.

Anexo 2AXVI – Recurso – Texto “A Caixinha dos Beijinhos”

um rolo de papel de presente dourado.

O dinheiro era pouco naqueles dias, razão pela qual o homem ficou furioso ao ver a menina a embrulhar uma caixinha com aquele papel dourado e a coloca-la debaixo da árvore de Natal.

Apesar de tudo, na manhã seguinte, a menina levou a presente ao seu pai e disse: «Isto é para ti, papá.»

Ele sentiu envergonhado da sua reação furiosa, mas voltou a “explodir” quando viu que a caixa estava vazia.

Gritou e disse: «Tu não sabes que, quando se dá um presente a alguém, se coloca alguma coisa dentro da caixa?»

A menina olhou para cima, com lágrimas nos olhos, e disse: «Oh papá, não está vazia. Eu soprei beijos para dentro da caixa. Todos para ti, papá.»

O pai quase morreu de vergonha, abraçou a menina e suplicou-lhe que lhe perdoasse.

Dizem que o homem guardou a caixa dourada ao lado da sua cama por anos e, sempre que se sentia triste, mal-humorado, deprimido, pegava na caixa e tirava um beijo imaginário, recordando o amor que a sua filha ali tinha colocado.

De uma maneira simples, mas sensível, cada um de nós tem recebido uma caixinha dourada, cheia de amor incondicional e de beijos dos nossos pais, filhos, irmãos, amigos....

Ninguém possui uma coisa mais bonita do que esta.

Anexo 2AXVII – Recurso – Texto “Tempo de Natal”

— Só mais seis dias — constata Francisco, tentando de seguida assobiar Noite Feliz.

— Ainda seis dias — repete a mãe pensativamente.

A voz não soa alegre. Após uma curta pausa, prossegue, suspirando. – Se tudo tivesse já passado! Com o assobio suspenso no ar, Francisco olha para a mãe com ar estupefacto.

— Então não estás contente?

— Sim, mas já estou pelos cabelos com esta agitação toda!

Como o Francisco não tem aulas à tarde, vai patinar com uma amiga e, mais lá para a noite, dirige-se ao supermercado onde a mãe trabalha. Há tanto movimento que mais parece estar-se numa colmeia. A mãe encontra-se sentada numa cadeira giratória diante de uma das seis caixas registadoras. Os produtos chegam-lhe num tapete rolante e, enquanto a mão direita está pousada no teclado e marca os números, a mão esquerda roda os produtos de forma a poder ler os números, e, em seguida, coloca-os, produto a produto, no carrinho de compras. Quando acaba de marcar tudo, a mão direita carrega na tecla do total e rasga o talão, enquanto a esquerda afasta o carro cheio e puxa o próximo, vazio, para junto dela.

— Que bem que fazes isso — dissera-lhe Francisco uma vez. — Eu faria tudo devagar, assim: tipp... tipp ... e, ainda por cima, metade saía mal.

— Ora — dissera a mãe a rir. — É uma questão de treino. Quando comecei, também não era assim tão despachada. Não encontrava a etiqueta com o preço, e muitas vezes carregava nas teclas erradas e as pessoas resmungavam porque tinham de esperar. Mas agora já quase consigo fazer isto automaticamente.

— Como um robô! — Francisco riu-se.

Um robô como mãe? Nunca teria dor de cabeça, nem à noite estaria tão cansada. Mas um robô não tem coração. Por isso, Francisco prefere a mãe tal como é, mesmo quando certas noites quase nem consegue falar de tão cansada que está!

Só mais quatro dias.

Só mais três.

As filas nas caixas eram cada vez mais longas. As pessoas abastecem-se de comida como se o Natal durasse meio ano. Com um ruído estridente, as portas automáticas abriam-se e fechavam-se, abriam-se e fechavam-se. A mãe sentia nas costas a corrente de ar e os cartões pendurados no teto balançavam de um lado para o outro.

Anexo 2AXVII – Recurso – Texto “Tempo de Natal”

Um sino de Natal, por cima da cabeça da mãe tinha escrito a vermelho: PROMOÇÃO: Bombons, 250 gr, a preço especial.

Próximo, balançava um anjo de papel com uma faixa nas mãos, como nas igrejas, mas onde não estava escrito **Paz na terra aos homens de boa vontade**, mas sim **Fiambre para o Natal a 15,80/Kg**.

A mãe gemia e, com um movimento rápido, limpava o suor do lábio com as costas da mão. Os clientes, impacientes, esperavam, apoiando-se ora numa, ora na outra perna. De olhar ausente, nem olhavam para a senhora da caixa, pensando no regresso com os sacos pesados, o elétrico cheio.

Uff!

Só mais três dias, e acaba tudo.

— Vou fazer um jantar como o do ano passado — disse à noite a mãe, virando-se para o Francisco — Peru assado com a laranja e batatas assadas e, como sobremesa, rabanadas e bolo-rei.

No dia 24 de Dezembro, a loja só estava aberta até às quatro horas da tarde. Em seguida, os empregados podiam comprar, com um desconto de 15%, os produtos que sobravam. A mãe de Francisco achava que valia a pena, por isso tinha guardado as compras maiores para essa altura: uma mochila para o Francisco, uma boneca, lápis de cor, um lenço para o pai, a comida para a ceia de Natal.

Na sala do pessoal, havia um lanche para todos os empregados.

— A batalha de Natal foi mais uma vez vencida — repetia o chefe do pessoal. Dizia, depois, mais umas palavras elogiosas e eram servidos pãezinhos com fiambre e um copo de vinho.

Após o lanche, a mãe de Francisco deixou ficar os gordos sacos de compras esquecidos na sala do pessoal. Só reparou quando já estava na paragem do autocarro. “As minhas prendas! Todas aquelas coisas boas para a ceia!” – pensou assustada.

Mas a loja já estava fechada e, antes do dia 27, não se voltava a lá entrar. Foi de mãos vazias que chegou a casa.

Nessa noite, apesar de tudo, festejaram o Natal. O pai acendeu as velas da árvore de Natal e Francisco recitou um poema. Só se lembrou das duas primeiras estrofes e depois encravou, mas a mãe achou-o muito bonito e o pai nem reparou que ainda continuava. O jantar foi mais curto do que o planeado. Por sorte, a mãe já tinha comprado o assado e havia batatas em casa, mas não houve entradas nem sobremesa. Trincaram simplesmente nozes e comeram maçãs.

Anexo 2AXVII – Recurso – Texto “Tempo de Natal”

— Assim, não fico com o estômago tão pesado como no ano passado — disse o pai. — Comidas pesadas não me assentam bem.

Também não havia muito que desembrulhar.

Por isso, sobrou tempo. Muito tempo.

Francisco foi buscar o jogo Memory que recebera no Natal anterior. Durante o ano inteiro, esperara, em vão, todos os domingos, que alguém tivesse tempo para jogar com ela. Agora, os pais tinham tempo.

O pai nunca tinha jogado Memory. Ao fim de algum tempo, Francisco já tinha encontrado sete pares de cartas, a mãe três, e o pai, que geralmente quer ganhar sempre, procurava constantemente no sítio errado.

Tentava ajudar-se com truques, pondo, sem ninguém dar conta, migalhinhas de pão em cima das cartas que tinha decorado, ou pousava as mãos na mesa, de tal forma que o polegar indicava a direção em que estava uma determinada carta. Francisco descobriu-lhe a jogada. Jogaram mais duas ou três vezes e o pai não se zangava por perder sempre. Depois, ainda jogaram o jogo do assalto.

À meia-noite, o pai apagou a luz e ficaram a olhar pela janela. A neve refletia uma luz clara e ouviam-se os sinos a tocar.

— A esta hora, há quase dois mil anos, nasceu Jesus — disse a mãe, e o Francisco reparou como ela afinal sempre estava contente por ser Natal.

Ao ir para a cama, o Francisco disse:

— Este foi um Natal muito bonito.

— A sério? — perguntou a mãe admirada. — Mas não houve ceia nem prendas quase nenhuma.

— Mas houve muito tempo — respondeu o Francisco.

Anexo 2AXVIII – Recurso – Música “Ser Cidadão”

Hoje vimos aqui pra vos mostrar

O que é ser cidadão

Ser igual na diferença

Está mesmo na nossa mão

Preto, Branco ou Oriental

Nunca somos do mal

Aprender em união

Faz parte da Razão

Porque é em harmonia

Que nós temos magia

E fugimos da so-li-dão

Refrão:

Queremos viver-e-e-e-e-er

Com alegria-a-a-a-a-a-a

Ser amigo é a solução

Não vamos dizer não

Aprender com companhia

Ajuda o nosso dia

Anexo 2AXVIII – Recurso – Música “Ser Cidadão”

E assim vamos conseguir

Chegar ao coração

E no fim vamos dizer

Ele é o nosso irmão

Nós, conseguimos, respeitar toda a gente

Vamos, dar as mãos e sorrir sempre em frente

Assim, cresceremos, num espaço mais feliz

Feliz, sem haver, discriminação

Refrão:

Queremos viver-e-e-e-e-er

Com alegria-a-a-a-a-a

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

Instituição Cooperante: Escola Básica do 1.º Ciclo da Boucinha

Orientador/a Cooperante: Lúcia Rocha

Turma/Ano: 3.º H

Díade: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiário(a) Observado(a): Joana Araújo

Data de Observação: 28/11/2013

Plano Diário (5.ª feira – 28/11/2013)

Áreas Curriculares/Domínios/ Conteúdos	Tempo Previsto	Percurso de Aula (Atividades/ Estratégias)	Recursos	Avaliação
<p>Área Curricular: Estudo do Meio</p> <p>Bloco 5: À descoberta dos materiais e objetos</p> <p>Realizar experiências de mecânica: - Realizar experiência com Molas e elásticos (elasticidade).</p> <p>Objetivos: - Desenvolver nos/as alunos/as uma atitude de permanente experimentação</p>	<p>Início: 09h00 Fim: 10h30</p> <p>Duração: 09h00 – 09h10 (10´)</p> <p>09h10 – 9h15 (5´)</p>	<p>Atividade: “Canetas diferentes, canetas saltitantes”</p> <p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula;</p> <p>- Diálogo orientado com os/as alunos/as sobre os conceitos explorados no dia anterior, com o intuito de procurar um fio condutor para dar continuidade à exploração de novos.</p> <p>- Deslocação até ao polivalente da escola (espaço onde desenvolvem atividades de educação física-motora) onde os/as</p>	<p>- Trampolim; - Colchões; - Esferográfica transparente; - Mola de esferográfica; - Carga de esferográfica; - Carta de planificação (Anexo A); - Materiais de escrita; - Manual de Estudo do Meio; - Caderno diário de Estudo do Meio;</p>	<p>Modalidade de avaliação: Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação: - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Compreensão dos conceitos-chave; - Grelha de avaliação (Anexo B)</p>

Comentário [S22]: A que conceitos é que se está a referir... quais os conceitos que vai explorar a seguir... em que medida é que existe um fio condutor?

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

<p>com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões;</p> <p>- Explorar materiais de uso corrente, assentando essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem.</p>	9h15 – 09h45 (30´)	<p>alunos/as terão oportunidade de explorar sensorialmente o trampolim que a escola dispões. Posteriormente, será orientado um diálogo explorando as características do mesmo principalmente a sua elasticidade. Aqui cada aluno/a saltará no trampolim, com as devidas condições (colchões à volta) de forma a testar hipóteses.</p>		
	09h45 – 10h10 (10´)	<p>- Regresso à sala de aula e exploração do material necessário para a realização a experiência “Molas e elásticos” inserida no manual de Estudo do Meio, p.41 e seu registo no quadro interativo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Esferográfica transparente; - Mola de esferográfica; - Carga de esferográfica. 		
	10h10 – 10h20 (10´)	<p>- Após a exposição dos materiais a estagiária questiona os/as alunos/as sobre o que será que vão realizar tendo em conta a exploração da elasticidade do trampolim;</p> <p>Registo pela estagiária no quadro interativo das duas questões-problema:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “O que acontece à mola quando apertada? E quando se larga” - “Quanto mais se apertar a mola mais sobe a carga da esferográfica?” <p>Aqui, a estagiária aborda as questões cruciais para o desenvolvimento de experiências, nomeadamente a importância</p>		

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

	10h 20 – 10h30 (10´)	<p>do registo das informações que vão sendo reveladas no percurso da atividade. Procede-se então, à divisão da turma em grupos de 6 elementos (serão os mesmos grupos da semana passada quando desenvolveram a experiência das rodas dentadas). Distribuição de uma carta de planificação de experiência (Anexo A) por cada aluno/a, que se encontra na pen-drive que acompanha o manual de Estudo do Meio. Cada aluno/a terá que ir preenchendo a carta, de forma gradual, com o intuito de desenharem graficamente o processo de elaboração da experiência e compreender as diferentes fases que estiveram na sua origem.</p> <p>- Distribuição do material necessário.</p>		
Hora do Intervalo Das 10h30 às 11h00				
	11h00 – 11h05 (5´)	<p>- Entrada dos/as alunos/as na sala de aula; - Regresso à realização da experiência</p>		

Comentário [S23]: pertinente

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

	11h05 – 11h20 (15´)	<p>prática. A estagiária vai enumerando os passos a realizar, parando todo o processo sempre que surgirem dúvidas, a destacar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.º - Retira a carga de tinta da esferográfica; 2.º - Coloca a mola dentro da esferográfica transparente; 3.º - Coloca a carga de tinta dentro da esferográfica transparente com a pota que escreve virada para a mola; 4.º - Segura a esferográfica com a mola e a carga de tinta, na vertical, sobre uma mesa; 5.º - Carrega com um dedo sobre a carga, mantendo a esferográfica na vertical, e depois larga; 6.º - Experimenta fazer menos pressão com o dedo sobre a carga de tinta e depois larga. 		
	11h20 – 11h45 (25´)	<p>- Após a realização prática da experiência cada grupo terá oportunidade para registar na carta de planificação as suas conclusões;</p>		
	11h 45 – 12h00 (15´)	<p>- Apresentação oralmente de cada grupo das suas conclusões, onde a estagiária registará no quadro interativo as mesmas e os/as alunos/as no caderno diário.</p>		

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Compreensão do Oral e Expressão oral</p> <p>Descritores de Desempenho</p> <ul style="list-style-type: none"> - Referir o essencial de um pequeno texto ouvido; - Informação explícita e implícita; - Inferências; - Planificação do discurso: identificação do tópico/tema, seleção e hierarquização da informação - Princípio da cooperação e da cortesia; - Regras e papéis da interação oral; - Partilhar ideias e sentimentos; <p>Domínio: Leitura</p> <p>Descritores de Desempenho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hierarquizar a informação; - Estabelecer relações intratextuais; 	<p>Início: 12h00 Fim: 12h30</p> <p>Duração: 12h00 – 12h05 (5´)</p> <p>12h05 – 12h15 (10´)</p> <p>12h15 – 12h30 (15´)</p>	<p>Atividade: “Uma diversidade de tempos”</p> <p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projeção do texto “Tempo de Inverno” de António Mota que integra o livro “Pinguim” com palavras omissas. Estas palavras são aquelas que nos remetem para o inverno tais como: “Fria, cinzento, neve, inverno, trovões, gelo”. <u>1.º Momento:</u> a estagiária lê o texto fazendo uma pausa nas palavras que faltam; <u>2.º Momento:</u> a estagiária lendo parágrafo a parágrafo os/as alunos/as mencionam as hipóteses das palavras que faltam. Como o texto é projetado no quadro interativo, as hipóteses serão registadas no mesmo, no local preciso onde estas faltam. (Anexo C) <u>3.º Momento:</u> Confronto com o texto original explorando o mesmo no manual de Português. <u>4.º Momento:</u> Leitura silenciosa por parte de cada aluno/a. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor; - Quadro Interativo; - Manual de Português; - Materiais de escrita; 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral;
--	---	--	--	--

Comentário [S24]: Não existe fio condutor

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

<p>- Selecionar informação relevante e acessória; - Identificar o assunto e a ideia principal.</p> <p>Domínio: Escrita</p>				
<p>Hora do Almoço Das 12h30 às 14h00</p>				
<p>Área Curricular: Português</p> <p>Domínio: Escrita</p> <p>Descritores de Desempenho: - Elaborar, do modo autónomo, respostas a questionários.</p> <p>Área Curricular: Matemática</p> <p>Tópico: Tempo</p>	<p>14h00 – 14h05 (5´)</p> <p>14h05 – 14h30 (25´)</p> <p>14h30 – 14h50 (20´)</p> <p>Início: 15h 00</p>	<p>- Entrada dos/as alunos na sala de aula;</p> <p>- Resolução da Proposta denominada “Ler e compreender” que integra o manual de Português, p. 63</p> <p>- Correção em grande grupo e oralmente do exercício proposto anteriormente.</p> <p>Atividade: Atividade: “Que tempo é este!”</p>	<p>- Manual de</p>	

Comentário [S25]: Não se esqueça de anexar para eu entender o que pretende trabalhar.

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Efetuar conversões de medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos; - Adicionar e subtrair medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos; - Saber que o minuto é a sexagésima parte da hora e que o segundo é a sexagésima parte do minuto. 	<p>Fim: 16h 00</p>	<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - De forma a demonstrar que a palavra “tempo” possui vários significados, a estagiária solicita aleatoriamente a um/a aluno/a que registe no quadro interativo frases em que a palavra “tempo” tenha um significado diferente. - Esta exploração será o mote para o início da resolução dos exercícios do manual de Matemática, cujo conteúdo é o tempo cronológico, p. 50 e 51 Estes exercícios serão resolvidos individualmente e a estagiária percorrerá os lugares de forma a aceder às estratégias de resolução de cada aluno/a e explicação de possíveis dúvidas. No entanto quem não terminar, acabará a resolução dos exercícios em casa, sendo corrigidos no dia seguinte pela estagiária, todos os exercícios no livro de cada um/a aluno/a. 	<p>Matemática;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Materiais de escrita; 	<p>Modalidade de avaliação:</p> <p>Formativa</p> <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Respeito pelas convenções que regulam a interação; - Participação através do oral; - Correção ortográfica e caligráfica; - Registo das estratégias utilizadas na resolução de problemas.
	<p>Duração:</p> <p>15h00 – 15h15 (15´)</p> <p>14h15 – 16h00 (45´)</p>			

Comentário [S26]: Estratégia interessante...

Anexo 2AXIX – Planificação Diária (28-11-2013)

Observações:

Tal como sucede no dia anterior os alunos com NEE participarão nas atividades no tempo em que estão inseridos na turma. Assim os Anexos D e E são para um aluno uma vez que são recursos mais elaborados atendendo desta forma ao seu ritmo de aprendizagem. Por sua vez, o Anexo F foi estruturado ao pensar no desenvolvimento cognitivo e motor do outro aluno pois, tem as suas capacidades de motricidade fina são limitadas.

É importante também esclarecer que algumas atividades se prolongarão no horário correspondente a outras unidades curriculares, no entanto em diálogo com a professora cooperante, a flexibilidade do horário é possível devido à complexidade de tais conteúdos, levando-nos a respeitar os ritmos de aprendizagem de cada aluno/a.

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

Narrativa Individual - Outubro

Par Pedagógico: Joana Araújo e Marisa Ferreira

Estagiária: Joana Araújo

Dias: 2, 4, 9, 11, 16, 24

A construção de saberes profissionais em contexto de 1.º ciclo, pelo compromisso e responsabilização da ação docente, prende-se com o conhecimento e com a análise crítico-reflexiva dos fatores múltiplos que abrangem o ambiente educativo, que simultaneamente sustentam e fundamentam a prática pedagógica desenvolvida, espelhada numa coerência profissional. Paralelamente, a esta capacidade torna-se fulcral a existência de uma estratégia formativa investigativa de cariz igualmente reflexivo, que faculte o acesso ao pensamento do/a professor/a ao mesmo tempo que é encarada como uma estratégia de desenvolvimento pessoal.

Neste grupo das estratégias formativas, inserem-se as narrativas colaborativas que visam “compreender o significado que cada um atribui à ação do outro” (Ribeiro & Moreira, 2007:43). No entanto, a presente narrativa sendo de cariz individual, permite igualmente atribuir significado a aspetos observados e/ou experienciados permitindo assim, compreender o modo com o próprio observador/a – interveniente pensa e interpreta a experiência vivida através da reflexão crítica sobre a prática desenvolvida numa instituição educativa. Assim sendo, o par pedagógico (Joana Araújo e Marisa Ferreira) encontram-se a desenvolver a sua prática numa instituição pública, nomeadamente na Escola Básica e JI da Boucinha, numa turma que frequenta o 3.º ano do ensino básico, com um total de 18 alunos/as, 2 dos quais sinalizados com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Como já foi referido, o/a profissional educativo/a só poderá promover aprendizagens e relações significativas e compreender a dinâmica subjacente ao contexto educativo se adotar uma postura investigativa. Esta postura emerge então, da “recolha sistemática de informações” apoiada num método transversal a todo o processo de ensino e de aprendizagem, a observação (Trindade, 2007:39). É um processo que através do qual “podemos aprender sobre o nosso comportamento e dos outros” (Trindade, 2007:39). Desta forma, as situações descritas e analisadas criticamente sustentam-se nas observações participantes, não participantes e ainda, nos diálogos constantes entre a professora cooperante e o par pedagógico. Assim sendo, para melhor compreender a dinâmica organizacional adotada pela professora cooperante bem como

Comentário [S27]: Bem citado. Conhece o programa Mendeley? Poderá ajudá-la a fazer as citações e mais concretamente a construção da bibliografia (automaticamente à distância de um clique... 😊)

Comentário [S28]: corrija

Comentário [S29]: Pode descrever de que tipo de NEE se tratará.

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

as relações existentes entre os demais intervenientes no processo educativo (professora, estagiárias, alunos/as e assistentes operacionais), o par pedagógico construiu guiões de observação de carácter aberto e semi-aberto, que permitiram a recolha de informações e realização de inferências para caracterizar o processo em estudo.

Comentário [S30]: E os EE?

Direcionando agora o meu olhar para algumas das informações recolhidas, de imediato foi-nos possível observar que a turma tem dois alunos com NEE nomeadamente com Autismo, facto que leva a professora cooperante a adotar nas suas metodologias de ensino uma constante e permanente diferenciação pedagógica. Foi observado e dialogado que a professora cooperante no qual esta planeia e executa de forma “pró-activa diversas abordagens ao conteúdo, processo e produto numa antecipação e resposta às diferenças de nível de preparação, interesses e necessidades educativas” (Tomlinson, 2008:20). Aqui, torna-se perentório definir um outro conceito estreitamente relacionado com o anterior, o de educação especial. Esta tem por objetivo a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida (...) de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente” (Crespo et al 2008:15). A adequação do processo de ensino e de aprendizagem pressupõe assim, uma abordagem assentes nos princípios da diferenciação e da flexibilização do currículo. Desta forma, o currículo específico individual (CEI) traduz-se numa das medidas educativas que integram a adequação referida anteriormente, pois permite a “priorização de áreas curriculares ou determinados conteúdos em detrimento de outros” (Crespo, et al, 2008:33).

Comentário [S31]: a

Confirmando a afirmação acima descrita, o trabalho desenvolvido em torno dos dois alunos sinalizados com NEE pela professora cooperante, incide então em atividades/propostas que se apresentam como úteis para a vida presente e futura do aluno em questão, bem como, são realizadas nos contextos reais de forma a atribuir-lhe significado, atendendo simultaneamente, à idade cronológica do aluno e seus respetivos interesses. Aqui, importa mencionar então, que a díade de estagiárias, têm diariamente em atenção aquando da planificação e desenvolvimento das atividades delineadas para a turma, a inserção e modificação de certos elementos de forma a incluir os alunos nas mesmas. Contudo, antes de exemplificar a ideia mencionada anteriormente, é relevante realizar uma breve caracterização ao nível do desenvolvimento cognitivo, motor e socio-afetivo de cada um dos dois alunos. Um dos alunos encontra-se a desenvolver

Comentário [S32]: dos alunos

Comentário [S33]: explique melhor

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

“trabalhos de 2 anos” (designação atribuída pela professora cooperante) visto que este não detém qualquer capacidade de motricidade fina, pronunciando apenas expressões como. “Bom dia”, “boa tarde” e alguns sons que representam palavras como o “sim” e “não”. Este aluno quando se encontra na sala, sendo apenas poucas horas ao longo da semana, é sempre acompanhado por uma assistente operacional. Para a reflexão que se encontra a ser realizada é crucial mencionar que este aluno se interessa imenso por música. Por sua vez, o outro aluno apresenta uma capacidade de perceção e de representação através do desenho como sendo excepcional. Em contrapartida, a expressão musical não lhe agrada e é muito sensível aos cheiros, sendo inclusive alérgico. Posto isto, é possível apresentar o seguinte exemplo: numa aula em que se abordou a árvore genealógica, um dos alunos com NEE (o outro não se encontrava na sala) desenhou, pintou e escreveu o nome dos seus respetivos familiares.

Assim, e de acordo com estas características estes dois alunos frequentam a unidade de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo pois, constituem uma “resposta educativa especializada, desenvolvida em agrupamentos de escolas, ou escolas secundárias, para alunos que manifestem perturbações” (Crespo, et al, 2008:43).

Relativamente a este aspeto, tenho a sensação que o trabalho que é desenvolvido nesta unidade não se transpõe para a sala de aula, obrigando o aluno a estar permanentemente a realizar atividades desarticuladas. Facto **este que vai** de encontro aos objetivos definidos para este tipo de unidades: “promover a participação dos alunos com perturbações do espectro do autismo nas atividades curriculares (...) e implementar e desenvolver um modelo de ensino estruturado que consiste na aplicação de um conjunto de princípios e estratégias (...) que promovam a organização do espaço, tempo, materiais e atividades” (Crespo et al, 2008:42). No entanto, esta será uma pressuposição à qual tentarei dar uma resposta objetiva o mais breve possível.

Dando continuidade, à organização do espaço, tempo, materiais e atividades desenvolvidas, importa invocar a importância que a organização do ambiente educativo assume no processo de ensino e de aprendizagem. Um/a profissional educativo/a que ter em atenção que os/as alunos/as necessitam de um ambiente previamente “planeado e equipado” de forma a tornar a “aprendizagem ativa” (Hohmann & Weikart, 2009:33).

Comentário [S34]: pode explicar por palavras suas. A criança encontra-se a desenvolver competências de uma criança de 2 anos, uma vez que ...

Comentário [S35]: então “que não vai”

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

A entrada dos/as alunos/as na sala de aula obedece a um esquema decidido entre a turma e a professora cooperante, que reside no facto de os /as alunos/as formarem uma fila à entrada da porta da sala, sendo os primeiros alunos a delegada e o subdelegado de turma, e só entram quando estes considerarem que os restantes estão aptos a entrar na sala de aula de forma disciplinada. Aqui realça o facto de ser cortada autonomia aos/às alunos/as contudo, esta forma permite que entrem calmos na sala de aula proporcionando um clima harmonioso e favorável para que o processo de ensino e aprendizagem decorra favoravelmente. Um outro aspeto que considero importante mencionar relativo ainda à organização do ambiente educativo diz respeito à organização do material escolar, ou seja, os/as alunos/as deixam os manuais na escola numa prateleira identificada com a fotografia de cada um, levando só para casa os livros que necessitam para fazerem os trabalhos de casa. A vantagem apresentada reside no facto de preservar os manuais e também tem em atenção o peso excessivo do material escolar em relação à estatura de cada criança, por outro lado, dificulta a consulta por parte de cada aluno/a de realizarem pesquisa e leitura autónoma de textos/informações que neles se inserem, restringindo-se unicamente aos trabalhos de casa. Contudo, ao longo do dia a autonomia de cada aluno/a é registada frequentemente, como por exemplo: limpar o nariz, afiar o lápis, casa de banho. Simultaneamente e de forma a distribuir responsabilidades, promovendo assim o desenvolvimento holístico da criança, existe uma delegada e subdelegado de turma e também uma tabela de dupla entrada com as funções de cada aluno, distribuídas ao longo do ano letivo.

Relativamente à postura e perfil da professora cooperante, esta utilizar um tom de voz adequado, expondo os conteúdos calmamente fazendo ligação com os anteriores provocando simultaneamente nos/as alunos/as reações devido às suas **provoções** (Reflexão). Na minha opinião estas são as características que proporcionam à criança um ambiente de interações positivas que, por sua vez, favorece o ensino e a aprendizagem. Recorre igualmente, a recursos diversificados para iniciar um novo conteúdo, como foi o caso da noção de milhar em que utilizou o “basic material arithmetic” (MAB). Este além de se constituir como um elemento motivador do processo de ensino e de aprendizagem, é um recurso matemático com inúmeras potencialidades, ou seja, permite a exploração do milhar recordando os conceitos de unidade, dezena e centena. Em contrapartida, recorre frequentemente ao manual e aos livros de fichas. Após a reflexão conjunta sobre a utilização dos manuais, foi-nos possível detetar que os encarregados de educação/pais “exigem” a utilização do manual pois devido a situação

Comentário [S36]: provocações

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

económica que o país atravessa, estes foram demasiado dispendiosos para não se utilizarem. Paralelamente, a esta constatação, o par de estagiárias incorpora nas atividades desenvolvidas outros recursos e diversificados atendendo à sua qualidade, durabilidade e estética, alternando simultaneamente com as informações, textos e problemas que se encontram nos manuais e respetivos livros de fichas.

Uma outra questão pertinente a registar neste palco de reflexão diz respeito à flexibilidade da planificação. Desde o início foi perceptível que a professora cooperante é bastante flexível no que concerne ao desenvolvimento de atividades planificadas para durante o dia, alternando o período do dia de desenvolvimento das mesmas, conforme as necessidades dos/as alunos/as (cansaço, incorpora sugestões). Assim, esta ação traduz a ideia expressa por Clark & Peterson em que a principal função da planificação traduz-se em “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino” (cit. por Zabalza, 2000:54).

Desta forma, a um/a profissional educativo/a é intimada uma constante problematização das exigências da prática educativa desenvolvida de forma fundamentada e reflexiva conduzindo assim, o desenvolvimento holístico dos/as alunos/as. Esta evolução será observada se sustentada numa pedagogia diferenciada que assenta no conhecimento dos/as alunos/as e no contexto educativo, facilitadoras do desenvolvimento cognitivo, motor e sócio-afetivo de forma equilibrada.

Referências Bibliográficas:

Crespo, A., Correia, C., Cavaca, F. (2008). *Educação Especial. Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. (5.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro, D. & Moreira, M. A. (2007). “Onde acaba o Eu e começamos Nós...diários colaborativos de supervisão e construção da identidade profissional”. In R. Bizarro (org.) *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Porto: Areal Editores, 43-57.

Anexo 2AXX – 1.ª Reflexão Mensal

Tomlinson, C. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade. Ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidade*. Porto: Porto Editora.

Trindade, V. (2007). *Práticas de Formação. Métodos e Técnicas de Observação, Orientação e Avaliação (em supervisão)*. Lisboa: Universidade Aberta.

Zabalza, A. (2000). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Lisboa: Edições ASA.

Anexo 2AXXI – Grelha de Avaliação de Participação Oral

Atividade: _____

Data: ____/____/____

Nome	Quantidade			Qualidade		Regulada			Observações
	Voluntária	Solicitada	Não participa	Pertinente	Adequada	Respeita a sua vez	Respeita opiniões	Sabe ouvir	
Alexandre Tavares									São alunos NEE diagnosticados com Autismo
Ana Rita Pinto									
Beatriz Campos									
Bruno Araújo									
Diogo Bastos									
Diogo Correia									
Francisca Salaberth									
Gonçalo Pimentel									
Hugo Reis									
Inês Sofia									
Inês Campos									
Lia Bandeira									
Lia Flor									
Luana Ferreira									
Rafael Moreira									
Tiago Martins									
Jéssica									
Afonso Tavares *									
José Silva *									

Anexo 2AXXII – Grelha de Avaliação da Produção Escrita

Atividade: _____ Data: ___/___/_____

Nome	Apresentação	Caligrafia	Ortografia	Observações
Alexandre Tavares				
Ana Rita Pinto				
Beatriz Campos				
Bruno Araújo				
Diogo Bastos				
Diogo Correia				
Francisca Salaberth				
Gonçalo Pimentel				
Hugo Reis				
Inês Sofia				
Inês Campos				
Lia Bandeira				
Lia Flor				
Luana Ferreira				
Rafael Moreira				
Tiago Martins				
José Silva				
Afonso Tavares				
Jéssica				

Legenda:

NS – Não Satisfaz

S – Satisfaz

SB – Satisfaz Bastante

E - Excelente

NM